



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

SISTEMA PRONOMINAL E TIPOLOGIA VERBAL  
NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Telma Rosa de Andrade

Brasília, DF

2023

Telma Rosa de Andrade

SISTEMA PRONOMINAL E TIPOLOGIA VERBAL  
NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

**Área de concentração:** Teoria e Análise Linguística

**Linha de pesquisa:** Gramática: Teoria e Análise

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

Brasília/DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A554s Andrade, Telma  
SISTEMA PRONOMINAL E TIPOLOGIA VERBAL NA LÍNGUA  
BRASILEIRA DE SINAIS / Telma Andrade; orientador Heloísa  
Maria Lima Salles. -- Brasília, 2023.  
128 p.

Tese (Doutorado em Linguística) -- Universidade de  
Brasília, 2023.

1. Gramática. 2. Pronomes . 3. Libras. I. Lima Salles,  
Heloísa Maria, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as forças pelo Dom da vida, por todas as conquistas e oportunidades. E a Nossa senhora passa na frente me protegeu de todo perigo, por me confortar nas horas difíceis e pelas graças.

A Professora Doutora Heloisa Salles, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, pelos seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das minhas atividades na Linguística.

Agradeço aos professores do PPGL, pelos ensinamentos tão importantes para minha formação como linguista. Agradeço aos colegas do PPGL, pela companhia e pelas discussões na sala de aula e aos servidores da Secretaria do PPGL, pela atenção com meu curso de doutorado. Aos amigos surdos, na UnB, na UFSJ, agradeço pelo apoio e pelas conquistas que tivemos durante o curso de doutorado.

Agradeço à banca examinadora do Exame de Qualificação de Doutorado, formada pelas Professoras Marisa Dias Lima, Adriana Stella Lessa-de-Oliveira e Rozana Naves, pelas sugestões e orientações. Agradeço às Professoras Marisa Dias Lima, Adriana Stella Lessa-de-Oliveira, Rozana Naves e Eloisa Pilati, por aceitarem participar da comissão examinadora da tese de doutorado.

Aos meus pais e meu irmão pelo incentivo, apoio e pela paciência no momento de meu estudo para que eu alcance esta conquista.

Ao Wanderson pelo incentivo e confiança para alcançar este objetivo no estudo, que mesmo a distância na realização de mais uma etapa.

Minhas amigas queridas Andréa Martins, Karla, Cleuzilaine, Kate e Stela Perné por toda a amizade, o incentivo e a discussão acadêmica que jamais esquecerei!

## RESUMO

Nesta tese, apresentamos um estudo do sistema pronominal na Língua Brasileira de Sinais, considerando a realização dos argumentos na posição de sujeito em duas narrativas sinalizadas em Libras. Conforme mostram os estudos prévios, a Libras apresenta sujeito nulo com verbos de concordância (cf. Quadros 1999). No entanto, observamos que o sujeito nulo pode ocorrer também com verbos simples, se o sinalizador está marcando a 1ª pessoa. Nossa hipótese de trabalho é que, na 1ª pessoa, o argumento está incorporado, pois é possível estabelecer uma relação referencial com o sinalizador, semelhante ao que ocorre com os verbos de concordância (embora restrita à 1ª pessoa). O estudo adota a abordagem da teoria gerativa, conforme Chomsky (1986; 1995), e a teoria da estrutura argumental e da estrutura oracional, conforme Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014). Na análise do sistema pronominal da Libras, consideramos a distinção entre verbos simples e verbos de concordância, conforme estudos prévios das LS, em particular Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), adotando também a análise de Meir *et al.* (2008), que identifica a classe dos verbos simples ancorados no corpo, marcando com o ponto de articulação do sinal o argumento que ocupa a posição de sujeito, em oposição aos verbos de concordância, que usam as mãos para marcar as pessoas do discurso. Na análise dos dados, identificamos DPs lexicais, DPs pronominais plenos/ expressos e argumentos nulos. Seguindo estudos prévios, consideramos que o movimento direcional na estrutura de verbos de concordância licencia DPs pronominais nulos (*pro*). Estendemos essa análise para verbos simples ancorados no corpo, que admitem sujeito nulo na 1ª pessoa. Verificamos também que a referência dos argumentos nulos pode ser estabelecida por meio da ligação a um tópico discursivo. Partindo da hipótese de que a Libras é uma língua orientada para o discurso, assim como outras línguas de sinais (cf. Quadros 1999; Sandler e Lillo-Martin 2006), mostramos que essa estratégia pode ser analisada em função da presença de uma posição de tópico (TopP) sintático na periferia da estrutura oracional. Em alguns contextos, verificamos que Localizadores (LOC) ‘não-articulados’ (cf. Prado e Lessa-de-Oliveira 2012; Prado 2014), realizados por expressões não-manuais, permitem estabelecer a referência, no caso dos argumentos nulos. Seguindo proposta de Sandler e Lillo-Martin (2006), o ‘movimento do corpo’ pode ser usado para estabelecer a mudança da referência (*reference shift*), permitindo ao sinalizador assumir o papel de um participante do discurso, na 1ª pessoa. Por hipótese, o argumento nulo, nesse caso, é realizado por um pronome logofórico.

Palavras-chaves: pronomes; tópico; argumento nulo; Língua Brasileira de Sinais

## ABSTRACT

In this thesis, we present a study of the pronominal system in the Brazilian Sign Language, considering argument realization in subject position in two signed narratives in this language.

According to previous studies, null subjects are found in Libras with so-called agreeing verbs (cf. Ferreira-Brito 1995; Quadros 1999). However, we note that the null subject may be also found with plain verbs, if the signer encodes the first person. Our working hypothesis is that the argument is incorporated because it is possible to establish a referential relation with the signer, as found with agreeing verbs, although this is restricted to First person. We adopt the framework of the generative theory, as in Chomsky (1986; 1995), as well as the theory of argument structure and clause structure, as formulated in Quadros (1999), Quadros and Karnopp (2004), Almeida and Lessa-de-Oliveira's (2014) studies of Libras. In the analysis of the pronominal system, we take into consideration the distinction between plain verbs and agreeing verbs, as proposed in previous studies, further adopting Meir *et al.*'s (2008) analysis verb classes in Sign Languages, in which plain verbs that are anchored on the body are used to encode the subject function, as opposed to agreeing verbs, which use the hands for marking grammatical person. In the analysis, we identify lexical DPs, overt pronominal DPs and null arguments. Following previous studies, we assume that inflectional affixes in the structure of agreeing verbs license null pronominal DPs (*pro*), extending this analysis to first person null arguments of plain verbs using the body as the point of articulation. In this respect, the distribution of *pro* with plain verbs is determined by the features [+participant, +author], giving rise to a split in the pronominal system. We further noticed that the reference of null arguments may be established by a discourse topic. Assuming that Libras is a discourse-oriented language, in the same fashion as other sign languages (SL), as proposed in various studies (cf. Quadros 1999; Sandler e Lillo-Martin 2006), we suggest that this strategy may be analysed in terms of the presence of a Topic phrase (TopP) in the left periphery of the clause structure. In some contexts, we found out that non-manual marking, such as body movement, allow for *shift reference*, as proposed in Sandler and Lillo-Martin (2006) for ASL, by which the signer takes the role of a discourse participant, in the first person. In this approach, the null argument is realized by a logophoric pronoun.

Palavras-chaves: personal pronoun; topic; null argument; Brazilian Sign Language

## Sumário

CAPÍTULO 1 .....	12
1. O sistema pronominal na Libras: apresentação do problema e quadro teórico .....	12
1.1 Apresentação e contextualização do problema .....	12
1.2 Questões de pesquisa .....	16
1.3 Objetivos .....	16
1.3.1 Objetivo Geral .....	16
1.4 Fundamentação teórica: a teoria gerativa e a faculdade de linguagem .....	17
1.4.1 Estrutura sintagmática e estrutura oracional na abordagem gerativa .....	25
1.4.1.1 Núcleo lexical .....	28
1.4.1.2 Núcleo funcional .....	29
1.5 A projeção sintática da estrutura argumental .....	32
1.5.1 Tipos de apresentação dos sinais e a relação estrutural predicador e argumento .....	32
1.5.2 A saturação de predicadores em Libras .....	38
1.6 Considerações parciais .....	42
CAPÍTULO 2 .....	44
2 O sistema pronominal e as classes verbais na LIBRAS .....	44
2.1 O sistema pronominal na Libras segundo Ferreira-Brito (1995) .....	44
2.2 Flexão verbal e a marcação da referência em verbos direcionais/ com concordância/ espaciais .....	52
2.3 Classes verbais na LIBRAS: o corpo como sujeito (Meir et al. 2008) .....	57
2.3.1 O corpo como sujeito .....	58
2.3.2 Mãos como evento .....	61
2.3.3 Fatores que ofuscam o padrão básico .....	62

2.3.4 O corpo em verbos de concordância: 1ª PESSOA .....	62
2.3.5 Classes verbais em LS reconsideradas: o papel do corpo .....	63
2.3.6 Supremacia do objeto sobre o sujeito.....	65
2.3.7 Papéis competitivos como corpo: sujeito, 1ª pessoa, corpo humano .....	67
2.3.8 Considerações parciais .....	68
CAPÍTULO 3 .....	70
3 A LIBRAS em uso: investigando o sistema pronominal em narrativas sinalizadas em Libras 70	
3.1 O sistema pronominal na ASL e em Libras em perspectiva comparada .....	70
3.2 Estudo do sistema pronominal nas narrativas “Cinderela Surda” e “João e Maria” .....	83
3.3 Considerações parciais.....	93
Capítulo 4 .....	94
4. Considerações finais.....	94
4.1 Referências Bibliográficas.....	127



## Sistema de Transcrição

1. Os sinais de Libras são representados por itens lexicais da língua portuguesa (LP) em letras maiúsculas.
2. O sinal que corresponde a duas ou mais palavras da língua portuguesa é transcrito com um hífen: CORTAR-COM-FACA; MEIO-DIA. Significados lexicais e gramaticais acumulados em um sinal são separados por ponto: IX.1s – localizador na 1ª pessoa do singular
3. As marcas de gênero (masculino e feminino) e de plural são indicadas na transcrição dos sinais como ocorrem nos vocábulos em português, ainda que ausentes em libras: MENINA; BONITO.
4. A localização de um sinal no espaço está representada pelo sinal correspondente com uma letra em subscrito que indica o locus. JOÃO<sub>x</sub>: João está associado ao ponto identificado como ‘x’ aCARREGAR<sub>b</sub>: Carregar algo do ponto identificado como ‘a’ ao ponto identificado como ‘b’.
5. A apontação (ato de localizar para um ponto no espaço) é representada por ‘IX’.
6. As pessoas gramaticais são representadas por 1s, 2s e 3s, e separadas por hífen quando correspondem a um afixo: Ex: 1s-PERGUNTAR-3s (Eu pergunto para ele), 2S-AJUDAR-1S (Você me ajuda), IX1s GOSTAR IX3s (Eu gosto dele).
7. A ausência do gênero gramatical é indicada pelo sinal gráfico @, em alguns casos. No entanto, na transcrição, optamos por marcar a concordância do português, porque seu uso não afeta a discussão gramatical da tese.

(Adaptado de Felipe & Monteiro (2007))

## Convenções de transcrição

AC: Ação construída

REFL: Reflexivo

BEN: Beneficiário

CL: Classificador

COP: Cópula

DIR: Direção

DISTR: Distribuição

EF: Expressão Facial

ENM: Expressão não-manual

GEN: Genérico

IMP: Imperativo

IX.1s: 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup>/3<sup>a</sup> pessoa do singular

IX. 1pl/2pl/3pl: 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup>/3<sup>a</sup> pessoa do plural

IX<sub>LOC.x</sub>: Locativo

MD: Mão direita

ME: Mão esquerda

NEG: Negação

QU: Quem?/ O que?/ Quando?

REC: Recíproco

TOP: Tópico

\_\_\_\_\_DO/do: Direção do olhar

\_\_\_\_\_MC/mc: Movimento de cabeça

\_\_\_\_\_MB/mb: Movimento de boca

\_\_\_\_\_MO/mo: Movimento de ombro

\_\_\_\_\_ Neg: Negação

+++ : Repetição do sinal

\*: Agramatical

Ø: Nulo

S/s: Singular

PL/pl: Plural

**Narrativa 1: referentes**

IX<sub>a</sub>: Indexador de Referência: Rei

IX<sub>b</sub>: Indexador de Referência: Filho

IX<sub>d</sub>: Indexador de Referência: Cinderela

IX<sub>x</sub>: Indexador de Referência: Pai

IX<sub>y</sub>: Indexador de Referência: Mãe

IX<sub>z</sub>: Indexador de Referência: Madrasta

IX<sub>l</sub>: Indexador de Referência: Fada

IX<sub>k</sub>: Indexador de Referência: Empregado

IX<sub>l</sub>: Primeira irmã

IX<sub>m</sub>: Segunda irmã

**Narrativa 2 – referentes**

IX<sub>i</sub>: Indexador de Referência: LENHADOR

IX<sub>j</sub>: Indexador de Referência: JOÃO

IX<sub>l</sub>: Indexador de Referência: MADRASTA

IX<sub>k</sub>: Indexador de Referência: MARIA

IX<sub>c</sub>: Indexador de Referência: BRUXA

Libras: Língua Brasileira de Sinais

ASL: American Sign Language

## CAPÍTULO 1

### 1. O sistema pronominal na Libras: apresentação do problema e quadro teórico

#### 1.1 Apresentação e contextualização do problema<sup>1</sup>

Esta tese tem por objetivo investigar o sistema pronominal na Língua de sinais LIBRAS, considerando sua relação com os tipos de verbos: verbos simples e verbos de concordância.

Para tanto, vamos utilizar a abordagem da tipologia de verbos em LS de Meir et al. (2008). De acordo com esses autores, a classificação dos verbos deve considerar “não somente o que as mãos fazem, mas o papel que o corpo tem nas diferentes classes verbais” (p. 87).

Em LIBRAS, a apontação (configuração de mão 49, cf. Anexo) na direção do referente é usada para marcar uma localização (LOC ‘aqui/ ali’; ‘ess@ aquel@’) ou a referência dos argumentos, no discurso (1 pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa do singular e do plural) e na estrutura oracional, nas posições de sujeito e de objeto, conforme ilustrado a seguir.

Figura 1: Sinal IX<sub>LOC/1/2/3s/pl</sub> ‘apontação’

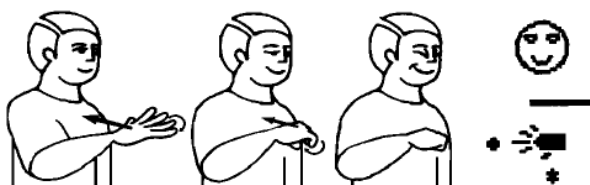


Fonte: Capovilla 2009

<sup>1</sup> O documento desta tese, escrito por Telma Andrade Rosa, que é surda bilíngue, falante nativa de Libras e de português como L2, recebeu revisão de língua portuguesa da Professora Doutora Heloisa Maria Moreira Lima Salles, orientadora acadêmica do trabalho. Na revisão, buscou-se adequar a redação ao estilo acadêmico, garantindo-se a formulação original, no que se refere à apresentação das ideias e à argumentação, tanto dos autores citados, quanto da própria autora.

O verbo AMAR na LIBRAS, ilustrado a seguir, é considerado um verbo simples, uma vez que não é possível indicar a referência dos argumentos por meio do movimento na estrutura do sinal.

Figura 2: Verbo AMAR ('amar')



Fonte: Capovilla (2009, p. 226)

Essa configuração indica que o verbo AMAR não apresenta flexão na sua estrutura. Dessa forma, a mudança da pessoa é sintática e é marcada pelo uso pronome, indicado pela apontação, conforme ilustrado em (2).

- (1) IX.3s AMAR IX.2s “Ele ama você”
- (2) IX.1pl AMAR IX.2s “Nós amamos você”

No entanto, na LIBRAS (e nas línguas de sinais em geral), o sistema de marcação da referência não é somente com a apontação. Alguns verbos são realizados com o sujeito nulo e com o objeto nulo. Assim, com o verbo AVISAR, não é necessário indicar o referente por meio da apontação. Nesse tipo de verbo, há dois parâmetros (ou componentes articulatórios): o movimento e a orientação, que determinam a referência dos argumentos. O ponto inicial do movimento marca a referência da pessoa do argumento na posição de sujeito e o ponto final do movimento marca a referência da pessoa do argumento na posição do objeto, conforme ilustrado a seguir, com o exemplo retirado de (Capovilla, 2009).

Figura 3: Verbo AVISAR



Fonte: Capovilla (2009, p.342)

Dessa forma, na sentença (3), para indicar a 3ª pessoa e a 2ª pessoa, o movimento deve iniciar no ponto onde está localizado o referente de 3ª pessoa, e deve ser orientado para o ponto onde está localizado o referente de 2ª pessoa.

(3) 3s-AVISAR-2s ‘Ele avisou você.’

Essa análise foi desenvolvida originalmente por Ferreira-Brito (1995) para a LIBRAS, que distinguiu: verbos simples e verbos direcionais. A autora afirma que os verbos direcionais (ou flexionados) apresentam um tipo especial de incorporação, pois “fazem recurso à direção do Movimento (M), marcando o ponto inicial do M, o sujeito, e o ponto final do M, o objeto” (p. 54). Posteriormente, a partir das análises de Felipe (1998) e de Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004), o termo ‘direcional’ foi substituído por ‘flexionado’ ou ‘de concordância’. Voltaremos a essa questão.

No entanto, verificamos que, em verbos simples ancorados no corpo, se o referente é a primeira pessoa, o próprio corpo do sinalizador é usado para marcar a referência. Portanto, não é necessário o sinalizador usar a apontação na direção do próprio corpo, porque esse referente já é incorporado, pois o PA toca no corpo do falante. Nesse caso, mesmo sendo um verbo simples, a apontação para indicar a primeira pessoa pode ser omitida.

(4) 1s-AMAR IX.2s

‘Amo você.’

Além da apontação, é necessário indicar o referente com a orientação do olhar, se o sujeito for de 2ª pessoa. Se o sujeito é de 3ª pessoa, a apontação é obrigatória para indicar a 3ª pessoa, mas a direção do olhar não é obrigatória para indicar a 3ª pessoa, pois o sinalizador pode manter a orientação do olhar para o seu interlocutor (2ª pessoa).

Andrade (2016) observa que o uso do corpo é uma estratégia para marcar a 1ª pessoa, em oposição à apontação para marcar a 2ª pessoa e a 3ª pessoa, conforme ilustrado com os dados em (5), (6) e (7), com o verbo GOSTAR, seguidos da figura 2, com a ilustração.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O estudo de Andrade (2016) investiga a interlíngua de surdos aprendizes de português (escrito) como L2. A análise de Andrade (2016) é retomada e ampliada em Andrade e Lima-Salles (2020), demonstrando que o uso dos pronomes da língua alvo (português L2) ocorre preferencialmente na presença do traço de animacidade no referente. É interessante notar que o traço de animacidade está presente na marcação do sujeito em verbos de concordância e em verbos ancorados no corpo do sinalizador, confirmando interferência da L1.

- (5) 1s-GOSTAR CHOCOLATE 'Eu gosto de chocolate'  
 (6) IX.2s GOSTAR CHOCOLATE 'Você gosta de chocolate'  
 (7) IX.3s GOSTAR CHOCOLATE 'Ele gosta de chocolate'

Figura 4



Fonte: Andrade (2016, p.28)

Partindo da observação de Andrade (2016), propomos como hipótese inicial que o sujeito está incorporado, pois é possível estabelecer uma relação referencial com o corpo do sinalizador, semelhante ao que ocorre com os verbos de concordância, mas somente na 1ª pessoa. Essa hipótese será discutida com base no estudo de Meir *et al.* (2008), que propõe que na estrutura de verbos simples ancorados no corpo, o corpo marca o argumento realizado como sujeito.

Andrade (2016) observa ainda que, na LIBRAS, com referentes no plural, o verbo de concordância como AJUDAR pode ocorrer com uma categoria referenciadora e quantificadora, como o sinal DUAL ou TRIAL, conforme ilustrado na figura 3, nos quadros (a) e (b). Com o sujeito interpretado como VÁRIOS, o verbo AJUDAR realiza o movimento em arco, orientado para os referentes, conforme ilustrado na figura 3, no quadro (c).

Figura 5



Fonte: Andrade, 2016, p. 29)

Portanto, na LIBRAS, a indicação de referentes no discurso e na estrutura oracional pode ser feita de três formas:

1. por meio de um sinal de apontação para cada pessoa do discurso (IX.1s/2s/3s/1pl/2pl/3pl),
2. por meio do movimento direcional, na estrutura do verbo (por exemplo, o verbo AVISAR, verbo de concordância),
3. por meio do ponto de articulação do sinal no corpo do sinalizador (por exemplo, o verbo AMAR e o verbo GOSTAR, que têm o ponto de articulação no corpo do sinalizador) na 1ª pessoa.

Nesse sentido, o uso da apontação em oposição à indicação do referente na estrutura do sinal (pelo movimento ou na marcação do ponto de articulação), não pode ser considerado o único critério para definir as classes de verbos. Neste trabalho, buscamos sistematizar as estratégias de marcação da referência em LIBRAS. Para tanto, tomamos como ponto de partida o estudo de Meir et al (2008), que inclui a estratégia do uso do corpo como sujeito, propondo uma nova abordagem para as classes de verbos. A partir dessa análise, buscamos verificar as estratégias de marcação da referência, considerando em particular a hipótese do uso do corpo na referenciação da 1ª pessoa, pela análise de narrativas em LIBRAS.

Esta investigação será guiada pelas seguintes questões de pesquisa.

## 1.2 Questões de pesquisa

- a) Qual a relação entre as classes de verbos (simples, flexão/concordância e espacial) e as estratégias de referenciação dos argumentos na estrutura oracional?
- b) Que tipos de verbos recorrem à estratégia corpo como sujeito?
- c) Em que estruturas o sujeito e o objeto podem ser nulos no enunciado?
- d) Que categorias gramaticais realizam anáforas ligadas?
- e) Existem restrições estruturais na realização sintática do sujeito inanimado e animado? Em caso afirmativo, quais são essas restrições?

## 1.3 Objetivos

### 1.3.1 Objetivo Geral



O objetivo geral desta tese é investigar a natureza do sistema pronominal na LIBRAS, considerando as categorias pronominais expressas, as categorias pronominais nulas e a relação de ambas com as classes verbais, tendo por base a teoria gerativa.

### 1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são os seguintes:

1. Identificar as propriedades formais e os contextos de distribuição das categorias pronominais na LIBRAS.
2. Apresentar a evolução do debate sobre as classes verbais nas línguas de sinais e na LIBRAS.
3. Investigar a codificação gramatical da referência na LIBRAS, considerando a estrutura textual.
4. Contribuir para a investigação da hipótese da Gramática Universal.

A investigação será desenvolvida no quadro teórico da gramática gerativa. A seguir, apresentamos os fundamentos teóricos do gerativismo, conforme desenvolvido por Chomsky (1986) e Chomsky (1995), seguindo a síntese de Miotto *et al.* (2007) e acrescentando fenômenos e exemplos da LIBRAS para contrastar com os das línguas orais. Em seguida, apresentamos o modelo da estrutura sintagmática, que adotamos neste estudo, considerando as categorias lexicais e funcionais, e sua manifestação na estrutura oracional da LIBRAS, conforme Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Sandler e Lillo-Martin (2006). Com essa exposição, pretendemos demonstrar a expressão morfossintática do sistema de referência na estrutura oracional da LIBRAS.

### 1.4 Fundamentação teórica: a teoria gerativa e a faculdade de linguagem<sup>3</sup>

Para investigar as questões de pesquisa, adotamos a hipótese da faculdade de linguagem, conforme formulada por Noam Chomsky. De acordo com essa hipótese, a linguagem é uma capacidade inata no ser humano. Na mente há uma “parte”, ou um módulo, que é responsável pela aquisição da língua (Chomsky 1965).

---

<sup>3</sup> Esta seção está redigida com base na obra: Miotto *et al.* (2007).

“A faculdade da linguagem não é parte da inteligência como um todo, mas é específica, como uma arquitetura especial para lidar com os elementos presentes nas línguas e não em outros sistemas quaisquer.” (Miotto et al. 2007, p. 23)

A teoria gerativa, que vamos utilizar como fundamentação teórica, postula que a aquisição da linguagem não ocorre através da observação, analogia, repetição e memorização. Dessa forma, a linguagem é adquirida a partir do estado mental inicial (gramática universal), e o contato com o *input* da língua alvo.

Chomsky (1965) propõe que a faculdade da linguagem é um dos módulos da mente humana. Diante dessa ideia, poderia se acreditar que as línguas do mundo são totalmente idênticas: ***todos são fruto do código genético humano***, que é essencialmente o mesmo para todos os seres humanos. No entanto, as línguas apresentam diferenças. Não é só em relação ao léxico, ou seja, o problema não é só o que as palavras significam em diferentes línguas, mas é saber como as palavras são usadas para construir a sentença, que é considerada a questão principal da sintaxe.

De acordo com a teoria gerativa, a GU é formada de princípios, que são leis gerais para todas as línguas naturais, e de parâmetros, que é o que uma língua pode ou não exibir e que expressa as diferenças entre as línguas. Assim, a teoria de princípios e parâmetros permite entender por que existem semelhanças e diferenças entre línguas.

“Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural provavelmente porque tem a ver com a forma como o cérebro/mente da espécie funciona; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra.” (Miotto et al. 2007, p. 24).

O exemplo (8), a seguir, mostra um princípio da Gramática Universal: somente é possível a correferência entre ‘Paulo’ e o pronome ‘ele’, no primeiro exemplo (o índice *i* subscrito mostra que o referente das duas expressões é a mesma pessoa). O sintagma ‘Paulo’ tem de estar em uma posição estrutural acima do pronome ‘ele’, conforme (8a). Ou seja, na estrutura oracional, o pronome ‘ele’ não pode estar estruturalmente acima de sintagma nominal ‘Paulo’, conforme (8b). Em (8b), a ligação gera uma sentença agramatical, pois o nome próprio (expressão-referencial), na oração subordinada, está ligado ao antecedente ‘ele’, na oração principal. Em (8a), o pronome ‘ele’ está ligado pela expressão-referencial ‘Paulo’, e essa ligação é gramatical, pois está em uma posição estrutural mais alta.

- (8) a. O Paulo<sub>i</sub> disse que ele<sub>i</sub> vai viajar  
 b. \* Ele<sub>i</sub> disse que o Paulo<sub>i</sub> vai viajar

Em LIBRAS, existe a mesma restrição, conforme ilustrado a seguir<sup>4</sup>:

- (9) a. P-A-U-L-O<sub>i</sub> FALAR \_\_\_<sub>3s<sub>i</sub></sub>-V-A-I VIAJAR  
 b. \*IX<sub>3s<sub>i</sub></sub> FALAR P-AU-L-O<sub>i</sub> V-A-I VIAJAR

Em outro exemplo, verificamos uma restrição que é específica de uma língua, mas não de outra língua. Portanto, é um exemplo de parâmetro. A sentença (8), é possível no português brasileiro, mas também é encontrada a sentença (10), onde, em vez do pronome ‘ele’, há um vazio na posição sintática de sujeito da oração ‘que vai viajar’ – essa questão será discutida no Capítulo 3, em relação aos dados da Libras:

- (10) O Paulo<sub>i</sub> disse que \_\_\_<sub>i</sub> vai viajar

A estrutura com o sujeito nulo também ocorre no italiano, conforme ilustrado em (11a). No entanto, o uso do pronome ‘lui’ (=3s) torna a sentença agramatical se o pronome tem a mesma referência do sujeito da oração principal, conforme (11b):

- (11) a. Paulo<sub>i</sub> ha detto che \_\_\_<sub>i</sub> viaggerá  
 b. \*Paulo<sub>i</sub> ha detto che lui<sub>i</sub> viaggerá

Em inglês, o pronome é obrigatório. Ou seja, a posição de sujeito do verbo da oração subordinada não pode ser nula, conforme ilustrado em (12a) e (12b), a seguir.

- (12) a. Paul<sub>i</sub> has said that he<sub>i</sub> will travel.

---

<sup>4</sup> Apresentamos o exemplo (9) de Libras como uma ‘tradução’ do exemplo em português. Como surda e falante de Libras, meu julgamento é que não é possível estabelecer a correferência entre o pronome ‘IX.3s’, na posição de sujeito da oração principal, e nome próprio ‘P-A-U-L-O’, na posição de sujeito da oração subordinada. Dessa forma, o princípio C da teoria da ligação, é confirmado também para a Libras, pois o nome próprio deve ser livre, ou seja, o nome próprio não pode ser ligado a nenhum outro referente. Agradecemos à Profa. Adriana Lessa-de-Oliveira, que destacou a relevância desse dado, no evento da defesa da tese, solicitando uma discussão mais detalhada. Agradecemos à Profa. Marisa Dias Lima, que também questionou, no evento da defesa da tese, o uso do dado sem uma discussão mais elaborada, uma vez que a ‘tradução’ direta da língua oral pode ser inadequada. Concordamos com as professoras que é preciso aprofundar a investigação desse tipo de estrutura.

b. \*Paul<sub>i</sub> has said that – *i* will travel

Em LIBRAS, a posição de sujeito pode ficar nula, como em português e em italiano. Nesse caso, o sujeito se refere obrigatoriamente ao sujeito da oração principal, conforme ilustrado a seguir, em (13a) e (13b)<sup>5</sup>.

(13) a. P-A-U-L-O<sub>i</sub> FALAR \_\_\_\_ 3s<sub>i</sub>-VIAJAR

Nesse sentido, o conceito de gramática universal (GU/UG, pelo inglês *Universal Grammar*) significa o estágio inicial do indivíduo que está adquirindo uma língua. A GU possui os princípios, válidos para todas as línguas, e os parâmetros, que ocorrem sem as opções fixadas (ou seja, são opções abertas). Quando o falante recebe o input de uma língua, as opções dos parâmetros podem ser fixadas, e é criada a gramática particular de cada língua. Nos exemplos citados,

“(...) existe um princípio que enuncia que todas as sentenças finitas têm sujeito (o Princípio da Projeção Estendida, abreviado como EPP). Associado ao EPP existe o parâmetro do sujeito Nulo, exemplificado com as sentenças de [10]) a [13], [do português, do italiano, do inglês e da LIBRAS]. Para certas línguas, como inglês, este sujeito tem que ser pronunciado sempre; para outras, como português, nem sempre o sujeito é pronunciado. O inglês apresenta o valor negativo; o português o valor positivo. No estágio inicial da UG, porém, nenhum dos dois valores do parâmetro do sujeito Nulo estava fixado.” (Miotto *et al.*, 2007, p. 22)

Refletindo sobre como uma criança adquire sua língua materna, como ‘aprender falar’, verificamos que o processo é natural, não há esforço, não é preciso treinar. É suficiente que a criança tenha contato com um ambiente linguístico – seja uma língua oral, seja uma língua de sinais. Em geral, as pessoas prestam pouca atenção nesse fenômeno: as crianças aprendem a andar com mais ou menos um ano de idade e começam a falar um pouco mais tarde. “O mais fantástico sobre esse processo é que, salvo problemas patológicos, ele é universal” (Miotto, 2007, p. 29).

---

<sup>5</sup> Como no exemplo (9), apresentamos no exemplo (13) a tradução, para a Libras, dos dados (11), do italiano, e (12), do inglês. Verificamos que a Libras permite que o sujeito da oração subordinada seja nulo e correferencial com o sujeito da oração principal, como no italiano. A realização do sujeito nulo nesse contexto sintático, é encontrada em nossos dados de Libras, e será analisada no Capítulo 3.

Conforme observam Miotto et al (2007), no processo da aquisição da linguagem, toda criança desenvolve o conhecimento de pelo menos uma língua e qualquer criança pode adquirir qualquer língua. Nesse sentido, podemos afirmar que não existem línguas mais fáceis nem mais difíceis. O importante é que a criança possa ter contato com uma língua. Nesse processo, não é necessário fazer qualquer tipo de treinamento especial nem se preocupar em apresentar uma sequência cuidadosa de dados linguísticos, as crianças constroem sistemas gramaticais semelhantes aos da comunidade linguística em que está inserida, de forma rápida e seguindo, universalmente, as mesmas fases do desenvolvimento da criança.

É preciso considerar então que os adultos que rodeiam o bebê não se preocupam em ensinar o bebê, pois já sabem que a criança adquire a língua naturalmente. Uma observação muito importante é que a criança consegue entender e construir quase completamente o sistema gramatical de sua língua antes de conseguir dar um laço no sapato. Podemos pensar que aprender a dar um laço é uma capacidade cognitiva mais simples.

“Ora, se o processo é universal no que tange ao desenvolvimento infantil, se as crianças nunca fracassam nessa tarefa – como podem fracassar na de aprender a dar laços – e se os dados linguísticos a que estão expostas são caóticos, irregulares, truncadas etc, há que se imaginar que exista alguma coisa que guia a criança nesse processo.” (MIOTTO, 2007, p. 30)

Os dados que a criança recebe são de todo tipo, sem organização para que ela reconheça as propriedades da língua. Além disso, as crianças pequenas raramente recebem correções com relação à forma dos enunciados que utilizam. Os adultos se preocupam mais com o conteúdo. No exemplo a seguir, o adulto não se importa com a forma gramatical que a criança usou, pois sua resposta indica que está preocupado com o fato de a criança gastar papel demais.

(14) Adulto: Cadê aquele pedaço de papel que eu te dei ontem?

Criança: Ah, eu tinha *escrivido* nele ....

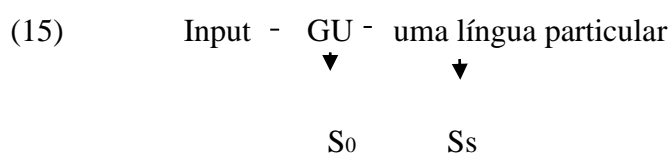
Adulto: Assim não dá, não há papel que chegue!

(exemplo extraído de Miotto et al, 2007, p. 31)

A discussão apresentada mostra que a criança tem contato com enunciados truncados, desorganizados, não há correção sistemática, não há metodologia de ensino da língua materna para a criança. No entanto, todas as crianças adquirem a língua dos adultos que estão ao seu

redor, sem nenhum esforço. A pergunta é: “como, em contato com um mundo tão fragmentado e de forma tão rápida, adquirimos conhecimento linguístico?” Esses fatos levam à conclusão de que existe um conhecimento linguístico inato, que permite organizar o input que a criança recebe, e essa conclusão é apoiada no argumento da *pobreza de estímulo*.

O estágio mental inicial (=S<sub>0</sub>) é a GU. Nesse estágio, a criança pode compreender todas as possíveis línguas naturais. Os princípios da UG com os valores paramétricos fixados correspondem a um sistema gramatical particular, que se manifesta como o estágio mental final ou estável (=Stable Stage/S<sub>s</sub>). Então, a GU pode ser considerada uma parte da organização da mente humana. Veja o esquema abaixo.



Desta forma, no decorrer da aquisição ocorre uma ‘filtragem’ do input pela GU. Essa ‘filtragem’ é considerada uma formatação pela marcação de um determinado valor para cada parâmetro previsto na UG. Então, essa marcação não é incerta, mas definida pelas evidências do input e em função da própria construção interna da UG. Nesse sentido, “os parâmetros poderiam ser pensados como um ‘guia’, um espaço de busca para a criança chegar a sua língua” (Miotto *et al.* 2007, p. 32).

Retomando os dados citados anteriormente sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo, vimos que nas línguas a posição de sujeito pode ser vazia, como no italiano, no português, na LIBRAS, mas em outras línguas, o preenchimento do sujeito é obrigatório, como no inglês. Mesmo em sentenças que não têm sujeito semântico, existe um ‘sujeito sintático’, como no caso dos verbos meteorológicos, pois nesse contexto, existe um pronome “expletivo”:

- (16) a. It rains  
       ‘Chove.’  
       b.\* \_\_\_ rains

Pelo acesso ao *input* da língua de sua comunidade, a criança aplica o valor positivo ou negativo em relação ao parâmetro, conforme o esquema ilustrado em (17):

- (17) a. Sujeito nulo → valor [+] para o parâmetro

## b. Sujeito obrigatório → valor [-] para o parâmetro

Portanto, quando a criança estiver adquirindo o inglês, vai ter evidências no input de que o parâmetro da língua se enquadra no valor negativo, como em (17b), pois vai encontrar dados como (16a). Se a criança estiver adquirindo o português, vai ter evidência contrária e marcará o valor do parâmetro positivo, conforme (17a). No caso da LIBRAS, o valor será também positivo, como no português, uma vez que não existe pronome expletivo na estrutura de predicados meteorológicos, conforme ilustrado no exemplo (18).

- (18) \_\_\_\_\_ CHOVER  
'Está chovendo.'

Mioto et al (2007) esclarecem que a criança não é vista como um 'linguista em miniatura', que fica analisando os dados de uma língua antes de se expressar. Nesse processo, a criança atua de forma natural e inconsciente. Então concluímos que, com a hipótese de que existe o sistema inicial (UG), é possível dar justificção de todo e qualquer dado das línguas naturais.

Continuando com questão da marcação paramétrica, verificamos que a diferença sintática entre as línguas naturais é restrita é superficial. Outro exemplo de variação paramétrica é: 'a ordem de palavras em uma sentença. Ela nunca é aleatória, em nenhuma língua natural', conforme destacam Mioto *et al.* (2007, p. 33). Vejamos os dados a seguir, do português e do japonês, também citados Mioto *et al.* (2007, p.33).

- (19) a. Kato compra doce. (Português)  
b. Kato okashi Kau. (Japonês)  
'Kato doce comprar'

Nos dados em (19), verificamos que, em português, o objeto ocorre após o verbo, enquanto, em japonês, o objeto precede o verbo. Podemos então afirmar que existe o Parâmetro da Ordem, se consideramos que o verbo é o núcleo.

Na Língua de Sinais Brasileira, a ordem básica é SVO, conforme demonstra o exemplo a seguir, extraído de Quadros e Karnopp (2004, p 140):

- (20) IX.3s GOSTA FUTEBOL  
'El@ gosta de futebol'

Citando os estudos de Ferreira Brito (1995) e de Felipe (1998), Quadros e Karnopp (2004, p. 139) observam que “há várias possibilidades de ordenação nas sentenças [da LIBRAS], mas, apesar dessa flexibilidade, parece haver uma ordenação mais básica que as demais, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto.”

No caso de (19a) e de (20), o núcleo é inicial, ou seja, o verbo ocorre após o seu complemento, enquanto no exemplo (19b), o núcleo é final, pois, de outro modo, o verbo é precedido de seu complemento. Veja como fica a marcação de parâmetro.

- (21) a. núcleo inicial → valor [+] para o parâmetro  
 b. núcleo final → valor [-] para o parâmetro

‘Uma criança adquirindo japonês acionaria o valor parâmetro de Ordem como negativo; por outro lado, uma adquirindo português [ou a LIBRAS] o acionaria com o valor positivo, através das evidências do *input*, que, neste caso, são bastante robustas.’ (MIOTO *et al.*, 2007, p. 33)

A conclusão é que a aquisição da linguagem é guiada pela faculdade da linguagem, um estado mental inato, que se manifesta pela gramática universal (GU), composta de Princípios e Parâmetros. Os princípios estão disponíveis em todas as línguas naturais, logo não precisam ser adquiridos. Os parâmetros, ‘ainda que em um número reduzido’, fazem parte da GU, mas têm seus valores abertos, e serão marcados em função da língua (ou das línguas) que a criança recebe de sua comunidade.

O processo de aquisição em seu caráter universal também se relaciona com o fato de que todas as línguas mudam. Nesse sentido, a mudança linguística é um fenômeno que se manifesta de forma universal nas línguas naturais. Conforme observam Miotto *et al.* (2007), existem várias explicações sobre os processos de mudança linguística. No entanto, no caso da teoria gerativa, os processos se referem à marcação dos valores paramétricos na aquisição.

‘Se os dados do *input* por algum motivo se tornam ambíguos, a criança poderá atribuir ao parâmetro relevante um valor distinto daquele da gramática adulta, provocando uma mudança na língua. Em outras palavras, o processo de aquisição é também tido como o lugar da **mudança linguística** nas diversas línguas naturais.’ (MIOTO *et al.* 2007, 35)



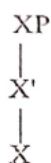
Na próxima seção, passamos a apresentar a estrutura da GU, segundo o modelo da Teoria de *Princípios e Parâmetros*.

#### 1.4.1 Estrutura sintagmática e estrutura oracional na abordagem gerativa

O sintagma é a unidade básica da análise sintática, que se estrutura hierarquicamente a partir de um núcleo sintático. No modelo conhecido como Teoria X-Barra, o núcleo é representado por X. Esse item recebe um valor de acordo com o tipo de categoria que corresponde ao sintagma. De acordo com Miotto *et al.* (2007, p. 52), se a categoria for um nome, o X será N, se for um verbo, será V; se for preposição será P, e assim por diante.

O núcleo X vai definir as relações internas do constituinte. Essas relações se estruturam em dois níveis: o nível intermediário X' (X-linha ou X-barra) e o nível XP (o P abrevia *phrase* do inglês). Veja a estrutura em (22), retirada de Miotto (2007, p. 52).

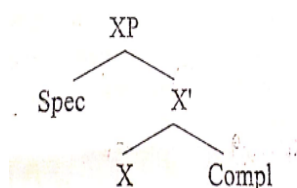
(22)



Nessa projeção, 'X' é uma categoria mínima (também representada como X<sup>0</sup>). O nível X' é o intermediário ou, projeção intermediária de 'X'; e XP que é nível sintagmático ou a projeção máxima de X.

Na projeção intermediária X', o núcleo pode estabelecer uma relação binária com um complemento (Compl.), e a projeção máxima pode ser ligada com um especificador (Spec). Apresentamos o sintagma XP com Compl. e Spec, projetado em forma de árvore (cf. 23, retirado de Miotto *et al.* 2007, p. 52).

(23)



O esquema X-Barra em (23) pode ser exemplificado com a sentença (24a), do português, e (24b), da LIBRAS.

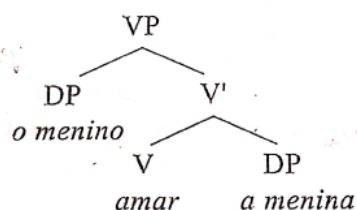
(24) a. O menino ama a menina

\_\_\_\_\_do<sub>i</sub> \_\_\_\_\_do<sub>j</sub> \_do<sub>i</sub> \_\_\_\_\_do<sub>j</sub>

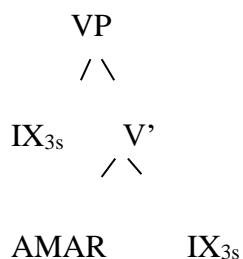
b. IX.3s HOMEM IX.3s MULHER IX.3s AMAR IX.3s

Na estrutura X-Barra, a sentença apresenta a projeção ilustrada em (24): o verbo ‘AMAR/ amar’ seleciona dois argumentos: ‘HOMEM/ o menino’, o argumento externo, na posição de especificador do sintagma, e ‘MULHER/ a menina’, argumento interno, na posição de complemento, conforme ilustrado em (25a) com a sentença do português, extraída de Miotto *et al.* (2007, p. 53). Por hipótese, essa estrutura é possível na Libras (cf. (25b), retornaremos a essa questão a seguir).

(25a)



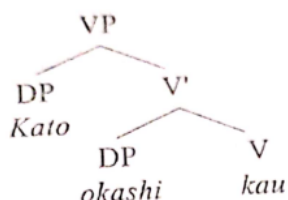
(25b)



Na seção anterior, na comparação do português e da LIBRAS com o japonês, verificamos que, no japonês, a ordem entre o núcleo e o complemento é invertida em relação ao português e a LIBRAS (cf. (19)). A sentença do japonês está repetida em (26a), e sua projeção está representada em (26b), conforme Miotto *et al.* (2007, p. 53).

- (26) a. [VP Kato oskshi Kau]  
Kato doce comprar

b.



No esquema X-Barra, é possível representar o sintagma posposicional [DP, P] (posposição), e o sintagma preposicional [P, DP] (preposição). O contraste entre (24) e (25) descreve um princípio (portanto universal), que é a relação entre o núcleo e o complemento, mas a ordem é parametrizada (portanto variável de uma língua para outra).

Finalmente, verificamos que o esquema X-barra mostra uma propriedade crucial dos sintagmas, que é a endocentricidade, pois uma categoria XP só pode ter como núcleo uma categoria mínima X. As relações na estrutura sintagmática são definidas de acordo com as seguintes condições, conforme descrevem Mioto *et al.* (2007, p. XX):

(27) DOMINÂNCIA:  $\alpha$  domina  $\beta$  se e somente se existe uma sequência conexa de um ou mais galhos entre  $\alpha$  e  $\beta$ , e o percurso de  $\alpha$  até  $\beta$  através dos galhos é unicamente descendente.

Por exemplo, na árvore em (25), V' domina V (*amar/AMAR*) e o sintagma *a menina*, mas não domina o sintagma *o menino*. O VP domina todos os nós (encontro de dois galhos) e não é dominado por nenhum nó. O sintagma *o menino* não domina nada porque não há caminho descendente a partir do primeiro nó (VP).

(28) C-COMANDO:  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se  $\beta$  é o irmão de  $\alpha$  ou se  $\beta$  é dominado pelo irmão de  $\alpha$ .

Por exemplo, se  $\beta$  é o irmão de  $\alpha$  (se formam um nó),  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  e  $\beta$  c-comanda  $\alpha$  (c-comando simétrico): V ('amar') c-comanda o sintagma 'o menino', e 'o menino' c-comanda V. Se  $\beta$  é dominado pelo irmão de  $\alpha$ , ocorre o c-comando assimétrico: o sintagma 'a menina' c-comanda assimetricamente 'o menino'.

Verificamos que a categoria X das ilustrações (22) e (23) representa o núcleo do sintagma ou constituintes. Conforme observam Mioto *et al.* (2007, p. 56), “os núcleos dos sintagmas que são colocados à disposição da sintaxe pela morfologia, podem ser de natureza lexical ou funcional.” Essa diferença é essencial na definição da estrutura oracional e será apresentada nas próximas seções.

#### 1.4.1.1 Núcleo lexical

No âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros, os núcleos lexicais se apresentam por meio da combinação de dois traços: o traço nominal [N] e o traço verbal [V], associados ao valor positivo [+] ou negativo [-]. As combinações desses traços dão origem às categorias lexicais: nome (N), verbo (V), adjetivo (A) e preposição (P), conforme ilustrado a seguir.

(29)

	[+N]	[-V]
[-V]	Nome (N) [+N; -V]	Preposição (P) [-N; -V]
[+V]	Adjetivo (A) [+N; +V]	Verbo (V) [-N; +V]

A distribuição dos traços, no quadro (29), permite separar as categorias em dois grupos: o grupo das categorias que têm pelo menos um valor positivo para os traços, formado pelo nome, pelo adjetivo e pelo verbo, e o grupo unitário, formado pela preposição, que só tem valores negativos. Dessa forma, conforme Mioto *et al.* (2007, p. 57), “o primeiro grupo contém as classes abertas, que se caracterizam por ter um número indefinido de membros e por permitir novas expressões. O grupo unitário das preposições constitui uma classe fechada”. Esse agrupamento pode ser exemplificado em português com o radical /am-/, que pode derivar um nome (N) ‘amor’, um adjetivo (A) ‘amado’ e um verbo (V) ‘amar’. O radical expressa o sentido lexical em cada palavra (*amor, amado, amar*) e não é associado a ele nem o traço [+/- V], nem o traço [+/- N].

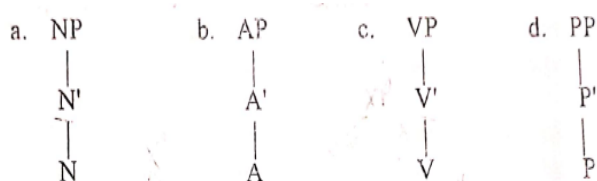
Além de manifestarem as combinações de traços, as classes lexicais têm a capacidade de semanticamente (**S–selecionar**) seus argumentos. Como vimos, o verbo ‘amar’ seleciona dois argumentos. Essa propriedade pode ser observada com o nome (N) ‘amor’, na expressão ‘amor ao menino’, e com o adjetivo (A) ‘amado’, como em ‘Ele é amado’. No caso das preposições, é possível afirmar que selecionam argumento, além de exigir o argumento, como no exemplo

(30a), existe restrição semântica, como em (30b). Esse contraste permite considerar as preposições com membro da classe dos núcleos lexicais (exemplos de Mioto *et al.* 2007, pag.54).

- (30) a. A Maria desmaiou sobre a mesa/ \*sobre.  
 b. \* A Maria desmaiou sobre a esperança.

Dessa forma, concluímos que os núcleos lexicais são as categorias N, A, V e P. Por hipótese, os núcleos lexicais têm suas projeções sintagmáticas correspondentes: NP, AP, VP e PP:

(31)



No nível da projeção intermediária, os núcleos podem ou não selecionar complementos; na projeção máxima, podem ou não selecionar especificador. Nesse sentido, de acordo com Mioto *et al.* (2007, p. 58), os esquemas em (31) “expressam o que é previsível e imutável (...) Porém, o desenho final do sintagma vai ser traçado de acordo com as propriedades de cada núcleo”.<sup>6</sup>

#### 1.4.1.2 Núcleo funcional

Os núcleos funcionais se diferenciam dos núcleos lexicais porque não fazem seleção semântica (S-seleção). Então, se afirma que o núcleo funcional pode somente **C-selecionar** o complemento, isto é, “ao selecionar o complemento, tem em vista apenas a categoria (*c-abbrevia categoria*)” (cf. MIOTO *et al.* 2007, p. 59). Por hipótese, as categorias funcionais se manifestam como núcleos sintáticos, que se estruturam de acordo com o esquema da Teoria X-Barra.

Por exemplo, a flexão verbal (*tempo-modo e número-pessoa*) pode ser considerada um núcleo funcional, e dessa forma pode C-selecionar um constituinte da categoria dos verbos na posição de complemento, ou seja, um VP. Esta análise é um contexto para interpretar a seguinte ideia:

<sup>6</sup> Os advérbios não podem ser definidos pelos traços [+/-N] e [+/-V]. Isso pode ser explicado pelo fato de ser uma classe heterogênea.

“(...) como a flexão de tempo e modo e de número e pessoa é um afixo verbal, ela só se combina com (só c-seleciona) verbos; e faz isso sem levar em consideração o tipo semântico do verbo (...) o especificador não pode ser selecionado e se constitui numa posição a ser ocupada por sintagmas dotados de traços compatíveis com o núcleo (...) Aquilo que chamamos de concordância verbal é a identidade dos traços número-pessoais do DP e da flexão; se o DP sujeito é de terceira pessoa do plural, a flexão verbal deve portar os traços de terceira pessoa do plural (...) Esse processo independe de qual é a interpretação semântica que tem o sujeito.” (p. MIOTO *et al.* 2007, p. 60).

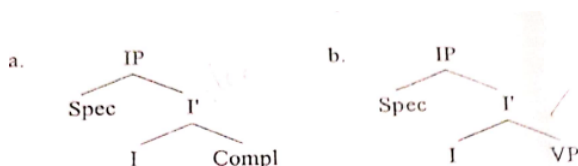
Nesse sentido, os núcleos funcionais têm função gramatical. Em muitas línguas podem se realizar como afixos, como é o caso flexão verbal. Em alguns casos, um núcleo funcional pode ser nulo. Por exemplo, a flexão verbal da palavra ‘quer’, do português, não apresenta sufixo de modo, tempo, pessoa e núcleo: “esta forma verbal se resume ao radical do verbo ‘querer’” (p. 60). No português, o núcleo flexional que encabeça o sintagma flexional IP (do inglês *Inflectional phrase*) identifica as propriedades gramaticais que descrevem uma *sentença* como infinitiva ou finita, conforme (32a) e (32b), respectivamente:

- (32) a. o menino chegar  
b. o menino chegará

Em (32), a sufixo de tempo e concordância, na expressão verbal ‘chegará’, é necessário para tornar a expressão uma sentença e demonstra que a flexão verbal é um núcleo finito.

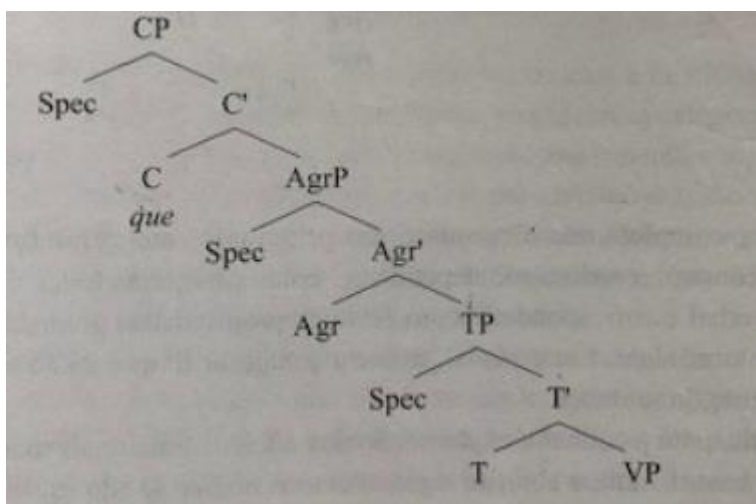
O núcleo da flexão, isto é, I, de acordo com o sistema X-barra projeta o constituinte IP, que apresenta um complemento e uma posição de especificador, conforme (33a). Foi mostrado antes que o complemento de I é uma categoria de natureza verbal, isto é, I apenas pode ser combinado com verbos. Dessa forma, podemos afirmar que I c-seleciona VP; assim, na posição de complemento em (33b) só pode haver um VP. A posição de especificador é reservada para o sujeito da oração.

(33)



Considerando que a flexão verbal inclui modo e tempo, número e pessoa, o núcleo I pode ser dividido em dois núcleos: *tempo* (T) e concordância (*agreement/AGR*).

Um outro núcleo funcional é o núcleo C, que apresenta o traço [+/-interrogativo]. Esse núcleo é marcado [+interrogativo] se uma categoria interrogativa é usada para fazer a pergunta, como: *quando?*; *quem?*; *o que?*. Nesse caso, o especificador do núcleo é ocupado pela categoria *quando*, *quem*, *o que* e concorda com o traço [+interrogativo] do núcleo. A expressão ‘quando’ identifica tempo, e ‘quem’ é marcado com o traço [+humano], enquanto ‘o que’ é marcado com o traço [-humano]. A posição de núcleo pode ser preenchida pelo item *que* na função de complementizador (conjunção) da oração subordinada. Nesse caso, o núcleo C apresenta o traço [-interrogativo]. Assumindo o esquema X-Barra, o núcleo funcional C projeta o sintagma CP e c-seleciona o sintagma IP.



(Retirado de Mioto et al. 2007, p. 63)

Os estudos das línguas de sinais evidenciam que existe uma estrutura para expressar as relações sintáticas, como nas línguas orais. Citando o estudo Quadros (1999) sobre a estrutura oracional na LIBRAS, Quadros e Karnopp (2004) mostram que, nas sentenças SVO, o sujeito ocupa a posição de especificador do IP. Além disso, afirmam que a sentença na LIBRAS apresenta verbos auxiliares, que ocorrem no núcleo I. Diante disso, Quadros e Kanopp (2004) propõem, com base em Quadros (1999), que a estrutura oracional com verbos simples apresenta o núcleo IP, enquanto verbos de concordância (em que as pessoas do discurso são marcadas na estrutura do sinal, pela orientação do movimento para os respectivos pontos localizadores (LOC), no espaço de sinalização) manifestam concordância de sujeito e concordância de objeto,

e o núcleo IP é dividido em três núcleos: AgrS (*agreement-Sujeito*), T e AgrO (*Agreement-Objeto*), conforme exemplificado a seguir.<sup>7</sup> Em nossa análise não vamos fazer distinção estrutural entre a verbos simples e verbos de concordância.

Na próxima seção, apresentamos o estudo de Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014 sobre os sinais que expressam verbos e sua relação com a estrutura argumental. Com essa análise, as autoras identificaram os tipos de articulatórios dos sinais em Libras, considerando o contexto sintático em que ocorrem e identificam o verbo como núcleo do VP. Considerando a constituição da estrutura argumental do VP, analisaram não somente verbos plenos, mas também o copulativo “SER”, que pode ocorrer ou não em Libras, e o auxiliar ‘IR’.

## 1. 5 A projeção sintática da estrutura argumental

### 1.5.1 Tipos de apresentação dos sinais e a relação estrutural predador e argumento

O estudo de Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) analisa a relação binária entre “predicador” (particularmente o verbo) e “argumento” em Libras, com ênfase na seleção semântica e na projeção sintática.

“Para proceder à análise do estudo, o caminho foi investigar a estrutura argumental a partir da identificação da relação de predicação entre dois ou mais sinais. Para isso, nos valem do conceito de unidades MLMov para identificar as execuções gestuais que podiam ser considerados sinais, separando-as dos processos miméticos (envolvendo modificação ocasional de sinais) ou da mímica propriamente dita.” (Almeida e Lessa-de-Oliveira, 2014, p. 270)

Na análise, Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) assumem as bases gerativistas da estrutura frasal, conforme Chomsky (1986, 1995), apresentando uma síntese dessa abordagem teórica, de acordo com Mioto *et al.* (2004) e Raposo (1992) (cf. seção 1.4). Em relação à estrutura argumental, as autoras afirmam que os verbos, assim como os adjetivos, “são os predicadores por excelência”, conforme Raposo (1992). E acrescentam, citando Raposo (1992, p.

<sup>7</sup> A análise de Quadros (1999) é citada na obra *Sign Language and Linguistic Universals*, de W. Sandler e D. Lillo-Martin (2006). De acordo com essa análise, na estrutura com verbos simples, a flexão é pós-sintática, enquanto, na estrutura com verbos com concordância, o verbo é inserido na derivação sintática com a flexão. Quadros (1999) argumenta que, na estrutura com verbo com concordância, o IP é dividido, e inclui os núcleos AgrS e AgrO, Além de realizar a concordância de sujeito e de objeto, respectivamente, a presença dos núcleos AgrS e AgrO permite explicar a flexibilidade em relação à posição do objeto na estrutura.



279): “(...) para que uma categoria (argumento) possa estabelecer uma relação semântica com um predicador (...), é necessário que tenha um potencial de referência”, designando entidades ou situações do universo discursivo.

Na discussão, as autoras observam os seguintes tipos de apresentação dos sinais:

1. Os sinais podem expressar uma palavra ou uma oração.
2. Processos miméticos: podem sofrer alteração, como no caso do sinal OVO (que em Libras representa a imagem de um ovo sendo quebrado ao meio, deixando a gema cair), mas foi sinalizado sem realizar o movimento que indica a ação de quebrar, porque indicava uma situação em que o pintinho nascia.
3. Os sinais de apontação, que são elementos dêiticos, que correspondem aos argumentos. Conforme Prado (2014), os sinais localizadores pertencem à categoria Determinante (D), “por terem a característica principal de marcação de referentes, subcategorizando itens nominais (NPs) realizados, ou ocorrendo como proformas (com NPs vazios)” (p. 269).

Os tipos de verbos apresentados no corpus estão organizados no Quadro 1, a seguir, que foi retirado de Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014, p. 278). Identificamos as sentenças pelos verbos a seguir, em função de sua distribuição pela ordem alfabética: (a) ADOTAR; (b) ENVIAR; (c) AGRADECER; (d) MORRER; (e) TRABALHAR; (f) SER; (g) IR; (h) MANDAR TRABALHAR<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) apresentam os dados com a transcrição/ glosa em caixa alta e também com a representação no Sistema de Escrita para a Língua de Sinais (SEL). A escrita SEL foi criada por Adriana Lessa-de-Oliveira e se caracteriza essencialmente por utilizar a representação gráfica linear da língua de sinais (cf. Lessa-de-Oliveira, 2019). Neste trabalho, a discussão dos dados está apoiada na transcrição em caixa alta. Ressaltamos, porém, que a escrita SEL fornece detalhes da realização dos sinais que não são expressos pela transcrição em caixa alta.

(34)

A.	 BRUX[a] ADOT[ar] BEBÊ CINDERELA 'A bruxa adota o bebê Cinderela.'	ADOTAR - verbo transitivo
B.	 FLOR ENVI[ar] <sub>Loc</sub> VOCÊ (VOCÊ) 'Envio-lhe flores.'	ENVIAR - verbo ditransitivo-direcional
C.	 BRUX[a] AGRADEC[er] <sub>Loc</sub> MENSAGEIRO 'A bruxa agradece ao mensageiro.'	AGRADECER - verbo ditransitivo-direcional
D.	 MAE MORR[er] 'A mãe morre.'	MORRER - verbo inacusativo
E.	 CINDERELA TRABALH[ar] 'Cinderela trabalha.'	TRABALHAR - verbo inergativo
F.	 CINDERELA S[er] BEBÊ INOCEN[te] 'Cinderela é bebê inocente.'	SER - verbo copulativo
G.	 [ir] HISTÓRIA LocHISTÓRIA NARR[ar] 'Vou uma história narrar.'	IR - verbo auxiliar e NARRAR - verbo transitivo
H.	 BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar] <sub>SERVIÇO DOMÉSTICO</sub> 'A bruxa manda fazer o serviço doméstico.'	MANDAR - verbo causativo e TRABALHAR <sub>SERVIÇO DOMÉSTICO</sub> - verbo autossaturado

Quadro único: Tipos de verbos, identificados conforme a estrutura argumental do VP em Libras

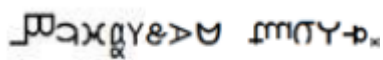
As autoras mostram várias propriedades observadas nos dados acima. O verbo copulativo pode estar presente ou não na expressão frasal em Libras. No exemplo (34f) do Quadro 1, o copulativo está presente. Há exemplos, como (35G), em que não existe o copulativo realizado. Nesse caso, as autoras mostraram que pode realizar duas interpretações, uma de adjetivo BONIT[o/a] que modifica o nome CINDERELA ou outra, em que o adjetivo BONIT[o/a] é modificador do nome BEBÊ.

(35)

CINDERELA BONIT[o/a] BEBÊ  
'Cinderela é um bonito bebê.' ou  
'A bonita Cinderela é um bebê.'

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira, 2014, p. 279)

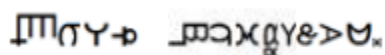
A ordem representada no exemplo (34d), veja abaixo repetida como (36), com um verbo inacusativo, mostra que é gramatical a ordem SV (36a) e a ordem VS (36b).

(36) 

a. MÃE MORR[er]

‘A mãe morre.’

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira, 2014, p. 279)

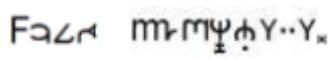


b. MORR[er] MÃE

‘Morre a mãe.’

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira, 2014, p. 279)

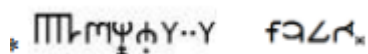
Em relação à sentença (34b), veja os exemplos de (37a e 37b): o verbo é ditransitivo e direcional e ocorre com um objeto que é considerado com o papel de paciente e outro de benefactivo. As autoras verificaram que a ordem é gramatical com o objeto paciente antes do verbo (3a) e agramatical se este objeto vier após o verbo (3b).

(37) 

a. FLOR ENVI[ar]<sub>Loc</sub>VOCÊ

‘Envio-lhe flores.’

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 279)



b. \*ENVI[ar]<sub>Loc</sub>VOCÊ FLOR

‘Envio-lhe flores.’

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 279)

Em outros exemplos, verificaram a gramaticalidade nas ordens SOV (38a) e SVO (38b), mas não na ordem OVS (38c).



em serviço doméstico’, e não ocorre como argumento do verbo trabalhar. Veja como mostra o exemplo (40b).

(40)

<p>a. ቅገረገ ክገባገ ጠረጠሃሃሃቶቶጼ</p> <p>BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar]<sub>SERVIÇO DOMÉSTICO</sub></p> <p>‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’</p> <p>b. *ቅገረገ ክገባገ ሊገሐ-ሐሃሃ-ሃሃ ጠረጠሃሃሃቶቶጼ</p> <p>BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar] TRABALH[ar]<sub>SERVIÇO DOMÉSTICO</sub></p> <p>‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’</p>
---

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 280)

Existem também verbos que podem ocorrer como um verbo transitivo, com o objeto realizado por um sinal separado, ou como um verbo autossaturado, com seu objeto incluído. O sinal ጠረጠሃሃሃቶቶጼ (ENVI[ar], no sentido comum, significando enviar coisas, permite um objeto dissociado (41a), mas, se o argumento é ‘carta’, significando ‘enviar carta’, o objeto tema não é representado como argumento dissociado, pois ele ocorre incorporado ao verbo (41b).

(41)

(12) a. ቅገረገ ጠረጠሃሃሃቶቶጼ

FLOR ENVI[ar]<sub>LocVOCÊ</sub>

‘Enviei uma flor para você’

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 280)

b. ሃገገገ ጠረጠሃሃሃቶቶጼ

[ir] ENVI[ar]<sub>CARTA LocVOCÊ</sub>

‘Vou te enviar uma carta’

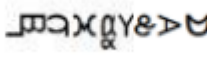
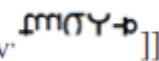
(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 281)

As autoras discutem em seguida a saturação de predicadores em Libras, considerando a relação entre o predicador e os argumentos, destacando que sua realização é no plano tridimensional.

### 1.5.2 A saturação de predicadores em Libras

As autoras mencionam que os núcleos predicadores são "os sinais carentes de saturação semântica, enquanto os argumentos são "os sinais capazes de saturar os predicadores" (p. XX). E acrescentam: "incluímos na estrutura argumental argumentos circunstanciais previstos pela estrutura temática de um predicador, conforme Van Valin Jr. 2001, citados pelas autoras (p. 281). Os argumentos podem ser saturados também pelo sinal Localizador (Loc), "quando o argumento se realiza como um ponto no espaço físico que corresponde a um referente real ou imaginário" (p. 282).

(42)

(13) [VP [NP  ] [V'  ] ]  
 MÃE MORR[er]  
 'A mãe morre.'

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 281)

Este sinal MORR[er] atribui o papel de tema ao argumento MÃE. Ainda que na sentença o sinal (MORR[er]) seja representado como um núcleo V, as interpretações possíveis são: “a mãe morre” ou “a mãe está morta”, pois o sinal não possui um morfema para marcar que a categoria seja verbal, adjetival ou nominal; e em Libras, verbos de ligação não estão mencionados em sentenças de predicados nominais, que correspondem a um predicativo do sujeito. A interpretação como sintagma nominal (‘a morte da mãe’) é recusada pelo fato de este sintagma não estar selecionado como argumento de outro predicador.

Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) analisam a saturação de predicados por Localizadores (os Locs), que podem ser articulados ou não-articulados. O Loc articulado é realizado por meio de um sinal de apontação; se não-articulado, este se realiza pela direção do olhar, giro de corpo ou direção do movimento para o ponto Localizador (p. 283). Os Locs não-articulados ocorrem em nossa percepção como argumentos nulos  $\emptyset$  (‘na glosa, o argumento será indicado por Loc, seguido do nome do referente’), porque eles são realizados por direção do olhar, giro de corpo ou verbos direcionais. Assim, em (43a), temos o argumento interno expressado por um sinal de apontação (LocBEBÊ), que, nesse contexto, define como seu referente o “bebê Cinderela”; em (43b), temos o argumento interno do verbo “desprezar” expressado por uma apontação do tipo direção do olhar, e o argumento externo é representado também por um Loc não-articulado e é

definido pelo próprio corpo do narrador, que manifesta a personagem nessa fala. Já em (43c) o verbo direcional AGRADEC[er] tem o seu objeto marcado na direção de seu movimento.

(43)

a.	[VP [NP ፬፯፯ ] [V' ፯፻፳፯፯ [h፻፳ ]]
	BRUX[a] ADOT[ar] LocBEBÊ
	‘A bruxa o adota.’
b.	[VP [NP Ø ] [V' ፻፯፯፯ [Ø]]]
	LocEU/BRUXA DESPREZ[ar] LocCINDERELA
	‘A bruxa despreza a Cinderela.’
c.	[VP [NP ፬፯፯ ] [V' ፯፻፳፯፯ [Ø]]]
	BRUX[a] AGRADEC[er] LocMENSAGEIRO
	‘A bruxa agradece ao mensageiro.’

(cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 282)

No caso a seguir, a saturação dos predicadores por categorias vazias é diferente: o argumento nulo não é correspondido por nenhum sinal articulado, nem se refere a algum ponto do espaço físico como os Locs, nem é realizado pelo movimento do corpo, pela direção do olhar.

(44)

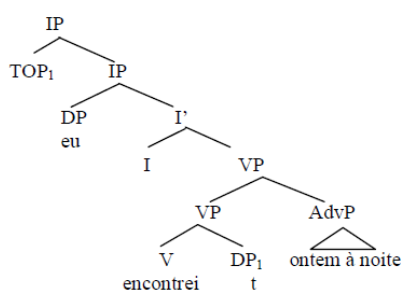
a.	[VP [V' h፻፯ [SC Ø ፬፯፯ ]]
	S[er] Ø BRUX[a]
	‘É a bruxa.’
b.	[VP [NP Ø ] [V' ፻፯፯፯፯፯፯፯፯፯ [NP Ø ] [AdvP [NP ፯፻፳፯፯ ፯፻፳፯፯ ]]]]
	Ø AJUNT[ar] Ø CASA DENTRO
	‘Ajuntaram-se dentro de casa’ (literalmente) ou ‘Foram morar juntos’.

Nesse caso, o referente não é marcado com a saturação por LOC não articulado, pois as categorias vazias em (44) não relacionam pela direção do movimento no verbo nem expressam ‘giro do corpo’ ou ‘direção do olhar’. Em (44a), há possibilidade de uma categoria vazia parecida com as línguas românicas com sujeito nulo. Já em (44b) há sujeito nulo, mas indica outro tipo de categoria vazia investigada nos dados, que pode ser observada no tipo de ‘nulo discursivamente identificado’ (p. 283). Segundo as autoras, o sinal inicial dessa sentença não

pode ser considerado categoria nominal ‘(o ajuntamento de todos dentro de casa)’ ou categoria adjetival (todos juntos dentro de casa)’, porque esse sintagma não foi selecionado como argumento por outro predicador, não preenche na posição de adjunto.

Raposo (1992, *apud* Almeida e Lessa-de-Oliveira, 2014) assume a existência de “objetos nulos discursivamente identificados”, pois conforme explica esse autor, sem um contexto discursivo específico, sentenças como “*Encontrei ontem a noite*” ou “*Eu vi ontem na TV*” são agramaticais, porque ainda falta o argumento interno direto exigido pelos verbos dessas estruturas. Para não ferir o princípio da projeção e o critério- $\theta$ , Raposo (1986) aponta uma sentença em que um tópico discursivo constrói o valor semântico ao objeto, conforme ilustrado a seguir (45).

(45)



(RAPOSO,1986, *apud* RAPOSO,1992, p. 341)

(*apud* Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 283)

Dessa forma, no exemplo com o sinal AJUNT[ar], em (44b), o referente dessa categoria vazia, na posição de argumento interno, é relacionado com um tópico discursivo, pragmaticamente identificado. Isso possibilita essa categoria ser projetada e  $\theta$ -marcada. Desse jeito, o argumento interno do sinal AJUNT[ar] apresenta o papel temático de tema, porque tem um referente. Além disso, o sinal AJUNT[ar] ainda é ligado com o papel temático de locativo, realizado pelo constituinte CASA DENTRO, que é considerado segundo argumento interno.

Procurando explicar a terceira categoria vazia (sem LOC), do exemplo (44b): a do argumento externo do sinal AJUNT[ar], afirmam as autoras que, apesar de existir a posição do sujeito no discurso, esse constituinte não se relaciona ao que é observado como sujeito nulo de línguas românicas, pois a Libras não apresenta uma morfologia verbal flexional, que corresponda a pessoa e número, essencial neste contexto. Então, no exemplo, assim como o argumento na posição de objeto, também o argumento na posição de sujeito de AJUNT[ar], em (44b), é



referenciado pragmaticamente. Desse modo, é crucial pensar na perspectiva de um tópico discursivo que envolve o mesmo valor semântico, também para categoria vazia na posição de sujeito em oração de (44b).

Finalmente, as autoras mostram o caso da 'autossaturação', conforme ilustrado em (46a) e (46b), a seguir. Segundo as autoras, a autossaturação "é um tipo de estruturação presente na Libras, em que um predicador específico exige um argumento específico" (p. 284). Assim, para as estruturas mencionadas realizada como "ENVI[ar]mensagem" e "BAT[er] a porta", em que ocorre autossaturação com papel de tema em ambos os exemplos, há um sentido específico, respectivamente, 'enviar carta' e 'bater à porta'. A expressão 'bater' no sentido de 'surrar', 'esbarrar', 'colidir' etc. e outros é realizada por sinais com articulação diferente. Com o predicador 'bater' tem dois argumentos e há um sentido semântico saturado, somente o argumento externo é saturado por sinal, que pode ser considerado nulo, conforme ilustra (46b). Já o exemplo (46a) apresenta um LocIND (indeterminado) no ponto inicial do movimento do sinal ENVIAR[ar]mensagem como argumento externo (agente), e o LocBRUXA como argumento interno benefactivo, no ponto final do movimento. O argumento interno, que significa 'carta', ocorre por autossaturação, pois está incluído sinal. E no exemplo (46c), ocorre autossaturação de argumento externo. O sinal (CAMINH(ar), normalmente expresso como classificador, em que ocorre a configuração de mão relacionada como pessoas (ou animais e depende de qual espécie de animal) concentra o sujeito e o verbo da sentença.

(46)

a.	[VP [NPØ] [V'	ᵐᵇᵐᵓᵕᵕᵕᵕᵕᵕ	[Ø]]				
	LocIND. ENVI[ar]MENSAGEM	LocBRUXA					
	'Enviaram uma mensagem à bruxa'						
b.	[VP [NP	ᵕᵕᵕᵕᵕᵕ	[V'	ᵕᵕᵕᵕᵕᵕᵕᵕ	[XP Ø	ᵐᵇᵕᵕᵕᵕᵕᵕ	]]]]
	BRUX[a]	OUV[ir]	Ø	BAT[er]À PORTA			
	'A bruxa ouve baterem à porta'						
c.	[VP	ᵕᵕᵕᵕᵕᵕ					
	TRÊS-PESSOAS-CAMINH[ar]						
	'Três pessoas caminham'						

(apud Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014, p. 284)

Dessa forma, seguindo a análise das autoras, adotamos a estrutura de Raposo (1986) para a estrutura oracional em Libras. A posição de Tópico pode estar presente ou não na indicação de argumentos nulos identificados no discurso.

### 1.6 Considerações parciais

Neste capítulo, fizemos a apresentação do problema da tese, ressaltando nosso objetivo de analisar o sistema pronominal na Libras e sistematizar as estratégias de marcação da referência em Libras. Nesse sentido, investigamos os tipos de verbos quando comparamos a distinção nos verbos simples e de concordância.

Conforme indicam os estudos das línguas de sinais, os verbos de concordância marcam as pessoas do discurso pela direção do movimento na realização do sinal. É importante notar que em alguns verbos em Libras, quando o ponto articulação (PA) do sinal é o corpo do sinalizador, a primeira pessoa é incorporada no corpo do sinalizador, sem usar apontação. Adotando a análise de Meir et al. (2008), assumimos a hipótese de trabalho de que o corpo marca o sujeito do predicado. Verificamos também que podem indicar a referência com a orientação do olhar se o sujeito for 2ª pessoa e se o sujeito for 3ª pessoa, apontação é indicada para a 3ª pessoa. Mas o sinalizador pode manter a orientação do olhar para o seu interlocutor 2ª pessoa.

Diante disso, vamos adotar a abordagem da tipologia de verbos em LS de Meir et al. (2008). De acordo com esses autores, a classificação dos verbos deve considerar “não somente o que as mãos fazem, mas o papel que o corpo tem nas diferentes classes verbais” (p. 87). Portanto, o sujeito nulo ocorre não somente com verbos de concordância (ou direcionais), mas também com verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa. Com base nessas análises, passamos a analisar os dados de nosso estudo, buscamos sistematizar as estratégias de marcação da referência em LIBRAS. A partir dessa análise, propomos analisar as estratégias de marcação da referência do argumento na posição de sujeito, em narrativas em LIBRAS.

Na análise, adotamos a teoria do gerativismo, conforme Chomsky (1986, 1995), e seguindo a síntese de Miotto et al. (2007), assumindo a hipótese da faculdade da linguagem, como uma capacidade inata do ser humano. De acordo com a teoria gerativa, essa capacidade se manifesta na Gramática Universal (GU), que é formada de princípios, que são leis gerais para todas as línguas naturais, e de parâmetros, que indicam as distinções entre as línguas. Apresentamos o modelo da estrutura sintagmática, relacionando as propriedades das categorias lexicais e funcionais, e desenvolvendo na estrutura oracional da Libras.

Para tanto, adotamos a análise de Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), que argumentam que a saturação de predicados é feita por Localizadores (Locs), que podem ser articulados ou não articulados. Nessa análise, tomamos como ponto de partida o estudo de Ferreira-Brito (1995) para a LIBRAS, que distinguiu: verbos simples e verbos direcionais. A autora afirma que os verbos direcionais (ou flexionados) apresentam um tipo especial de incorporação, pois “fazem recurso à direção do Movimento (M), marcando o ponto inicial do M, o sujeito, e o ponto final do M, o objeto” (p. 54). Posteriormente, a partir das análises de Felipe (1998) e de Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004), mostramos que o termo ‘direcional’ foi substituído por ‘flexionado’ ou ‘de concordância’, pois esses pontos na estrutura do sinal são analisados como afixos flexionais.

## CAPÍTULO 2

### 2 O sistema pronominal e as classes verbais na LIBRAS

Neste capítulo, abordamos os estudos do sistema pronominal na LIBRAS e sua relação com as classes verbais. Conforme será demonstrado, existe um debate sobre a natureza do sistema pronominal, tendo em vista a relação com o uso do espaço na marcação da referência. Além disso, a discussão também inclui a questão dos verbos direcionais, também chamados de verbos flexionais e de concordância, que marcam referentes na estrutura interna dos sinais, por meio da orientação do movimento. Dessa forma, o estudo do sistema pronominal nas línguas de sinais está relacionado às classes verbais, que distinguem verbos simples (não direcionais) e verbos direcionais.

Na discussão, apresentamos inicialmente o estudo pioneiro de Lucinda Ferreira Brito sobre o sistema pronominal em LIBRAS<sup>9</sup>. Em seguida, fazemos uma síntese dos estudos sobre classes verbais na LIBRAS, considerando também em outras línguas de sinais. Nesses estudos, o foco está na estrutura interna dos verbos de concordância e nas propriedades semânticas e morfossintáticas que codificam. Como será demonstrado, os estudos consideram a trajetória do movimento, a orientação da palma e dos dedos, o ponto de articulação (uso do corpo).

#### 2.1 O sistema pronominal na Libras segundo Ferreira-Brito (1995)

O sistema pronominal em LIBRAS foi analisado pioneiramente pela autora Lucinda Ferreira Brito em comparação com a ASL, na obra *Por uma Gramática Língua de Sinais*,

---

<sup>9</sup> O estudo de Ferreira Brito (1995) apresenta conclusões que permanecem válidas. Por essa razão, consideramos que esta análise deve ser incluída como ponto de partida em nosso trabalho. Como contribuições recentes, destacamos o estudo de Prado (2012), que investiga o sinal LOC (articulado e não articulado/ nulo), propondo que se trata de uma categoria do tipo Determinante, que ocorre na estrutura do sintagma nominal e como uma categoria pronominal. Destacamos também o estudo de Grutzmacher et al. (2020), sobre aquisição dos pronomes em Libras (e referências ali citadas), que dedica uma seção do artigo ao sistema pronominal das línguas de sinais, apontando aspectos referidos em vários estudos prévios, como o uso da apontação (índice referencial) para indicar os referentes, a mudança de papel, bastante produtiva nas LS, em que o sinalizante assume a 1ª pessoa, com diferentes referentes, pela mudança de posição do corpo. Citando Sandler e Lillo-Marting (2006), os autores assumem que o uso do índice referencial associado à marcação de pessoa é um efeito da modalidade, e não tem influência na estrutura sintática. Essas propriedades são também discutidas nesta tese.

publicada em 1995.<sup>10</sup> A autora argumenta que os pronomes pessoais da LIBRAS (e também da ASL) são pronomes verdadeiros, e não simples formas com *loci* referenciais associados, como proposto anteriormente para a ASL por Lillo-Martin e Klima (1990, citados pela autora), nem advérbios locacionais, como proposto anteriormente para a Língua de Sinais Sueca por Ahlgren (1990, citado pela autora). Para tanto, Ferreira-Brito (1995) apresenta evidência semântica e formacional.

Na análise semântica, a autora parte do estudo de Lyons (1977) sobre o sistema pronominal, que distingue três classes de expressões de referentes: os **nomes próprios**, os **sintagmas nominais** e os **pronomes**. Os pronomes se realizam como substitutos do substantivo (nomes próprios ou sintagmas nominais). Assim, sua função mais básica é a dêitica, isto é, eles devem descrever a localização do referente no espaço e no tempo, em um determinado contexto. Por consequência, o pronome está definitivamente vinculado ao aqui e agora do enunciador. Citando Lyons (1981, p. 229), a autora afirma:

“Os termos ‘dêixis’ e ‘índice’ originam-se na noção de referência gestual (...) Qualquer expressão referente que tenha as mesmas propriedades lógicas de um gesto corporal é, em virtude desse fato, dêitica. E, muitas expressões dêíticas são, de fato, normalmente usadas em associação com algum tipo de referência gestual.” (FERREIRA BRITO, 1995p. 86)

E conclui: visto que o pronome está ligado com a dêixis, e que a dêixis é “localização espaço-temporal”, os pronomes em LIBRAS e ASL se encaixam na conceituação de pronomes citada por Lyons (1981).

De acordo com Lyons (1981, p. 220), segundo a autora, os pronomes pertencem a um dos tipos de expressões referentes. Considerando que a dêixis depende do falante e do receptor e de uma localização no tempo e no espaço, a conclusão é que as categorias dêíticas marcam a referência no discurso. E acrescenta: “a referência é a relação mantida entre as expressões linguísticas e o que elas significam no universo do discurso” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 87).

Fillmore (1982, *apud* FERREIRA BRITO, 1995, p. 87) aponta que os pronomes são prototipicamente dêíticos, mas podem ter usos não-dêíticos. As categorias pronominais da ASL e da Libras parecem ser prototípicas e, nessas formas, são basicamente conjuntos dêíticos. A autora observa que, na língua portuguesa, os pronomes ‘eu e você’ são dêixis puras, pois

---

<sup>10</sup> Ferreira-Brito informa em nota que o Capítulo intitulado “Pronomes em LIBRAS e ASL”, incluído na obra *Por uma gramática. Língua de Sinais*, e sintetizado nesta seção, foi escrito em co-autoria com N. Berenz. Na exposição, a autora usa a designação LIBRAS, que é abreviação de Língua Brasileira de Sinais.

manifestam função dêitica, enquanto ‘ele’ e ‘ela’ são dêixis impuras, porque expressam informação adicional, como gênero, polidez. Na estrutura dos pronomes, tanto em LIBRAS como ASL, a primeira, a segunda, a terceira pessoa do singular são dêixis puras. Segundo a autora, “os itens pronominais da ASL e da LIBRAS não têm nenhuma informação não dêitica descritiva ou expressiva” (p. 87).

De acordo com Fillmore (1982), as línguas naturais distinguem os eixos acima/abaixo (atração da gravidade), à frente/ atrás (assimetrias inerentes de um objeto referente, ou antropocêntrico), à esquerda/ atrás (experiência pessoal não analisada ou egocêntrico). Ferreira Brito (1995) afirma que o eixo “à frente/ atrás” é “a base dos sistemas pronominais da LIBRAS e da ASL” (p. 87). Se o objeto não possuir esse eixo como propriedade inerente, a aplicação do conceito será convencional. Para tanto, duas estratégias podem ser usadas, segundo Fillmore: a ego-oposta (o enunciador vê um objeto como se o estivesse encarando); a ego-alinhada (o enunciador vê o objeto como tendo sua parte de trás voltada para o enunciador), ambas situadas no eixo antropocêntrico.

Ferreira Brito (1995) argumenta que, na LIBRAS, a estrutura dos pronomes pessoais EU e VOCÊ segue estratégia ego-oposta, uma vez que “a orientação da ponta do dedo é oposta à orientação dos corpos dos interlocutores (enunciador e destinatário)” (p. 88). No caso do verbo OLHAR [direcional], as pontas dos dedos das mãos são ego-alinhadas com o agente/ sinalizador – “logo, em “eu olho para você”, as pontas dos dedos vão se voltar em direção ao destinatário” (p. 88). E conclui: “como essas duas estratégias – ego-alinhada e ego-oposta – situam-se no eixo antropocêntrico, os pronomes da ASL [e demais línguas de sinais, incluindo-se a LIBRAS], baseados em tal eixo, são convencionais, não transparentes” (p. 88).<sup>11</sup>

Dessa forma, os pronomes pessoais não são simples localizações. Segundo a autora, “são, antes, papéis de identificação conversacional do enunciador e do destinatário” (p. 90). Considerando que a primeira e a segunda pessoa são realmente pessoas, de acordo com Benveniste (1966), citado pela autora, a identificação ocorre “através dos dois traços básicos de defrontação e para o lado oposto, que constituem as categorias disjuntivas dos pronomes de primeira e segunda pessoas” (p. 90). Na perspectiva da teoria semântica dos protótipos, de

---

<sup>11</sup> A análise de Ferreira Brito (1995) relaciona a análise de Fillmore (1982), sobre os eixos de referência adotados nas línguas naturais (a saber: acima/abaixo; à frente/ atrás; à esquerda/ à direita) e o estudo de Petitto (1985). De acordo com os resultados de Petitto (1985), crianças surdas em período de aquisição da Língua Americana de Sinais invertem os sinais EU e VOCÊ. Ferreira-Brito (1995) afirma que os dados de aquisição podem ser explicados como “uso inadequado de uma estratégia ego-alinhada em um sistema [pronominal] em que a estratégia convencional da língua é ego-oposta” (p. 88). Dessa forma, segundo a autora, os dados da aquisição confirmam que os pronomes na LS são convencionais (não transparentes). Dessa forma, não devem ser considerados simples advérbios locacionais.

Fillmore (1982), citado pela autora, em uma situação prototípica, EU e VOCÊ têm a seguinte significação:

“EU/MIM: a) a pessoa que está do lado oposto ao destinatário; b) a pessoa que está defrontando o destinatário.

VOCÊ: a) a pessoa que está do lado oposto ao emissor; b) a pessoa que está defrontando o emissor.” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 90)

A significação prototípica baseada nos traços básicos de defrontação é diferente EU/MIM significa “a pessoa aqui” e VOCÊ, “a pessoa aí”, que seriam apenas a localização, com função informativa. Ao contrário, as terceiras pessoas são atos de indexação. De acordo com Fillmore (1982, p. 46, citado pela autora), o destinatário deve “traçar por extrapolação simbólica uma ponte entre o gesto e a coisa” (p. 90). EU e VOCÊ não representam tal aspecto, pois incluem a função identificante, que determina as pessoas verdadeiras (1ª e 2ª pessoas) do discurso em oposição às 3ª pessoas, que só expressam a função informativa ou apenas a indexação. Essas diferenças confirmam a heterogeneidade da classe dos pronomes pessoais, como argumenta Benveniste (1966). Como postula Benveniste, EU e VOCÊ são pessoas do discurso, mas as 3ª pessoas não são pessoas do discurso.

A descrição de EU e VOCÊ é um caso prototípico. Porém, as localizações podem não coincidir com o protótipo. Veja como: o destinatário pode estar localizado à direita do emissor. Nesse caso, o sinal sofrerá mudança em algumas posições. A categoria ‘ao lado oposto de’ não está presente, mas a posição do olhar segue a mesma relação na manutenção dos outros traços da defrontação. As localizações no mundo real fazem como que os pronomes de 1ª e 2ª pessoa sejam realizados fora do protótipo. No entanto, a orientação do olhar e a orientação de mão – dependendo da orientação do indicador estendido – são os aspectos formacionais mais importantes e específicos das categorias do sistema de pronomes pessoais. No caso dos pronominais incorporados, nos verbos direcionais, a orientação do olhar e da mão carregam informações essenciais para identificar os papéis sintáticos e semânticos dos referentes na estrutura oracional (os verbos direcionais serão analisados na seção seguintes).

A autora conclui que o sistema pronominal apresenta restrições determinadas pelas localizações no mundo real, que produz mudanças no protótipo. Existem também restrições articulatórias da modalidade visuo-espacial. Por exemplo, o usuário da Libras utilizará a mão em [A] para demonstrar um referente destinatário ou de 3ª pessoa que se localize atrás, ao flanco

contralateral dele, ou em qualquer lugar no flanco ipsilateral dele. “Isto se deve ao campo de movimentação da mão e à facilidade de articulação – uma restrição modal” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 91)

Muitos autores observaram que a orientação do movimento é muito importante para se compreender os sistemas pronominais na língua de sinais. Ferreira Brito (2010 pag. 92) afirma que o sistema pronominal em LIBRAS é representado pela apontação e pela orientação do movimento na estrutura do sinal, e também pela orientação do olhar. Ela propõe que a localização, nas línguas de sinais, ocorre em três níveis diferentes, que são:

- 1) a localização com um componente interno da estrutura de um sinal;
- 2) a localização com parte do espaço de enunciação usada como a estrutura linguística para os pronomes (a interpretação espacial linguística dos referentes);
- 3) a localização real dos participantes conversacionais e dos referentes de terceira. (p. 92)

Os primeiros pontos citados são linguísticos e convencionais e distintos do terceiro ponto, que é transparente. No caso da primeira pessoa, os níveis são apontados em um mesmo espaço físico, ou seja, em frente do corpo do locutor, na altura tórax, já que o espaço do destinador é relacionado sempre ao do corpo do locutor, indicando a egocentricidade da dêixis. A co-ocorrência dos três níveis de localização no corpo do locutor em 1ª pessoa gera uma justaposição que “contribui para ofuscar a relevância da localização e para confundir os seus múltiplos níveis” (p. 92). No caso de 2ª pessoa, os três níveis de localização em relação ao espaço físico não encaixam, mas o fato de não coincidir não tem impacto na realização do sinal. A referência de 3ª pessoa é bem mais complexa, pois os três níveis de localização são todos distintos. Por isso, é necessário fazer uma análise tripartida da localização.

Conforme Ferreira Brito (1995), na LIBRAS, a localização para as formas das três pessoas é o espaço neutro – “a área à frente do corpo do usuário, à altura do tórax” (p. 93). No contexto dos pronomes pessoais, ocorrem mudanças alofônicas, ou seja, a localização pode se descrever dentro de uma faixa, como exemplo “o parâmetro de localização do pronome de primeira pessoa pode ser o espaço neutro como o centro do tórax propriamente dito”. Nesse sentido, a realização do parâmetro de localização pode variar dentro de uma faixa (FERREIRA BRITO, 2010, p. 93).<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> A autora destaca também que a expressão linguística da referência de pessoa em LS pode utilizar a gestualização paralinguística, como estratégia para facilitar a comunicação. Por exemplo, a extensão total do braço para além do espaço neutro para enfatizar pode ser comparada às mudanças no volume da voz, na língua oral. Segundo Ferreira



A orientação de mão (dedo indicador apontado na direção do emissor, com a palma voltada para o corpo do emissor) indica o referente de 1ª pessoa. A orientação do olhar na direção da 2ª pessoa ou da 3ª pessoa distingue os referentes. Especificando a 2ª pessoa o locutor aponta e sustenta com o olhar o interlocutor; na 3ª pessoa, o emissor muda a direção do olhar do destinatário para a localização do referente (ponto arbitrário, se ausente, ou real, se presente) e retorna o olhar para o destinatário.

Nesse sentido, no parâmetro da orientação de mão, o dedo indicador dirige para o próprio corpo do enunciador, o que explica sobre a 1ª pessoa ‘eu’. Na 2ª pessoa e na 3ª pessoa, o dedo do indicador aponta na direção oposta, mas esse movimento é complementado pela orientação do olhar. Existe distinção entre a 2ª e a 3ª pessoa do pronunciadores. Na 2ª pessoa, o pronunciador põe a orientação do olhar na direção do interlocutor, e na 3ª pessoa, a orientação do olhar modifica para uma localização no espaço de sinalização. Além disso, o enunciador orienta a apontação e o olhar na direção do referente, que pode estar presente ou não. Portanto, a orientação pode depender da pessoa do discurso, e a direção do olhar deve ser ligada com a forma da orientação.

Ainda em relação à 3ª pessoa, Ferreira Brito (1995, p. 96) menciona uma segunda maneira de se fazer a referência: “o enunciador usando seu próprio corpo como pronome [realiza] um pequeno deslocamento em direção à localização convencional de terceira pessoa como parte do espaço de realização de sinais”. Nesse sentido, é possível afirmar que a egocentricidade é “ao mesmo tempo figurativa e literal”.

A análise de Ferreira Brito (1995) se mantém referência para muitos autores, na descrição do sistema pronominal na LIBRAS. Passamos a apresentar uma síntese do estudo de Quadros (1997), com a descrição do sistema pronominal e a ilustração apresentada pela autora, considerando inicialmente a marcação da 3ª pessoa com referente ausente, e em seguida a 2ª pessoa, em oposição à 3ª pessoa. Como indicado pela autora, as ilustrações são adaptadas do estudo de Lillo-Martin e Klima (1990) e de Baker e Cokely (1980) sobre a ASL.

Retomando os estudos anteriores, Quadros (1997) afirma que os pronomes pessoais de 3ª pessoa apontam para o referente no contexto do discurso, que pode estar presente ou ausente. No caso do referente ausente, a referência de apontação pode ser direcionada a um local marcado por quem fala. Por exemplo, o sinalizador introduz os participantes, ‘João’ e ‘Maria’ com uso de alfabeto manual, logo não vai repetir a referência da terceira pessoa, então aponta na direção do local definido

---

Brito (1995, p. 93), “podem portar informação sintática ou semântica, mas não são relevantes para uma descrição “fonológica” da forma canônica do sinal”.

para 'Maria' pelo lado esquerdo e 'João', pelo lado direito. Essa situação está ilustrada na figura 5, retirada de Quadros (1997: 52).

Figura 6

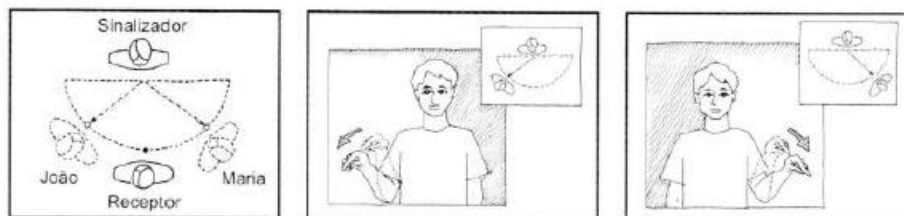


Figura 3. Formas pronominais usadas com referentes ausentes. (Adaptada de Lillo-Martin & Klima, 1990, p. 193.)

Baker e Cokely (1980, *apud* Quadros 1997, p. 206 – 209) argumentaram sobre a interação espacial na presença ou na ausência. Quando se aponta à direção do interlocutor (VOCÊ) é necessário seguir com o olhar para ter significado do referente na interação, conforme indicado na Figura 6), retirada de Quadros (1997: 53).

Figura 7

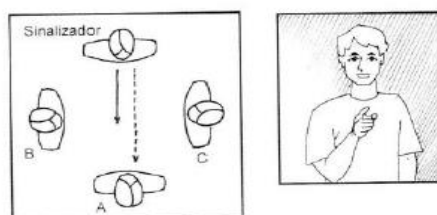


Figura 4. Pronome de 2ª pessoa: VOCÊ/TU. (Adaptada de Baker e Cokely, 1980, pp. 206-207.)

Na figura 49, a seguir, o contexto do discurso é distinto: o sinalizador segue com o olhar para B (VOCÊ/TU) e aponta A. Dessa forma, apresenta o pronome da 3ª pessoa (ELE/A) pela apontação.

Figura 8

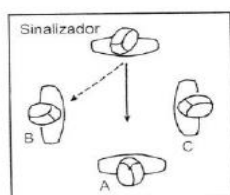


Figura 5. Pronome de 3ª pessoa: ELE(A). (Adaptada de Backer e Cokely, 1980, pp. 206-207.)

A seguir, ilustramos a situação do sinalizador quando orienta o olhar para ‘A’, ‘B’ e ‘C’ e o significado é ‘Você, Você, Você’, conforme a imagem na figura 50: o sinalizador aponta para C, que é ELE/A, e orienta o olhar para A e B.

Figura 9

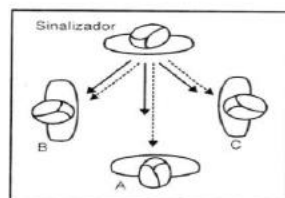


Figura 6. Pronome de 2ª pessoa VOCÊ, VOCÊ, VOCÊ. (Adaptada de Baker e Cokely, 1980, pp. 207-208.)

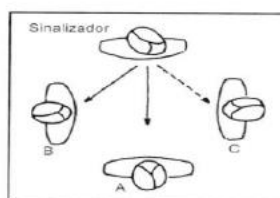


Figura 7. Pronome de 3ª pessoa ELE(A), ELE(A). (Adaptada de Baker e Cokely, 1980, pp. 207-208.)

O pronome de 3ª pessoa do plural representa dois aspectos: é necessário fazer a diferença entre o referente presente ou não presente. Na figura 8, a apontação se orienta para ‘A’ e ‘C’, mas o olhar se orienta somente para C, e assim pode expressar VOCÊ no ponto C, e ELE, no ponto A, indicando a 2ª pessoa do plural. Mas pode haver de outro jeito de acordo com o número. Se o sinalizador apontar para si próprio, e para outros, o sinal será ‘NÓS’.

Figura 10

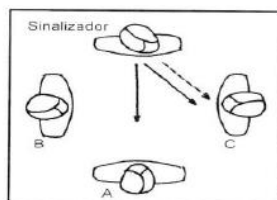


Figura 8. Pronome de 2ª e 3ª pessoas: VOCÊ, ELE(A). (Adaptada de Baker e Cokely, 1980, pp. 208-209.)

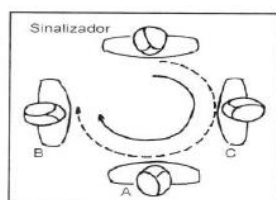


Figura 9. Pronome de 1ª pessoa: NÓS. (Adaptada de Baker e Cokely, 1980, pp. 208-209.)

A figura 51, a seguir, mostra que a estrutura de sinais na realização do pronome pode ser afetada pela posição do corpo.

Figura 11

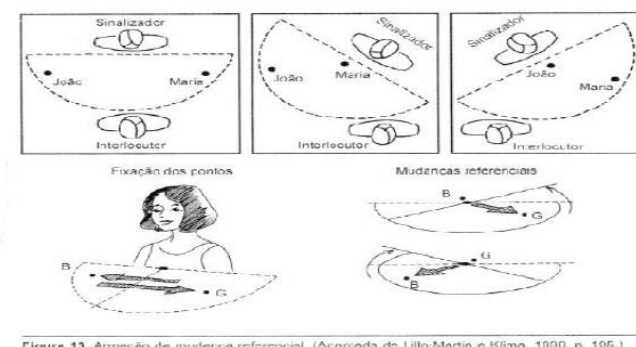


Figura 11. Anomalia da mudança referencial. (Adaptada de Lillo-Martin e Klima, 1980, p. 105.)

Notamos que o sinalizador pode estar na posição do mesmo lugar, mas o sinalizador pode expressar diversas referências no espaço, conforme a mudança na posição do corpo e na direção do olhar, conforme indicado na figura. Nesse caso pode expressar a referência de diversas formas, não só com a apontação.

## 2.2 Flexão verbal e a marcação da referência em verbos direcionais/ com concordância/ espaciais

De acordo com Ferreira Brito (2010, p. 47), além da marcação pelo uso de um pronome específico, os verbos direcionais apresentam outro tipo de incorporação na marcação do referente, indicando a pessoa (e o número), com a mudança na orientação do movimento na estrutura do sinal do verbo. De acordo com a autora, “os verbos direcionais manifestam as flexões para pessoa e número nos pontos inicial e final do movimento que os caracteriza. (...) O ponto inicial do movimento é o sujeito e o ponto final é a flexão do objeto indireto.” (p. 48)

Ferreira Brito (2010) foi a primeira a estudar os verbos direcionais na LIBRAS, tendo por base os estudos da ASL. Esses verbos são também chamados de ‘verbos de concordância’. Um exemplo é o verbo ‘ENTREGAR’, ilustrado com a figura 11):



Figura 12: Capovilha, (2009, p. 1086)

O verbo ENTREGAR é apresentado, a seguir, com os dados (1), (2) e (3), ilustrados na figura 2: a orientação distingue o referente, então o sujeito da oração é marcado no ponto inicial do movimento e objeto é marcado no ponto final do movimento.

(1) 1s-ENTREGAR-2s

‘Eu entrego para você’

(2) 2s-ENTREGAR-1s

‘Você entrega para mim’

(3) 3s-ENTREGAR-3s

‘Ele/ entrega para ele/ela’

Figura 13



Fonte: A autora

Nesse sentido, a autora Ferreira Brito (2010) afirma que LIBRAS é uma língua “pro-drop”, ou seja, é uma língua de sujeito nulo. Além disso, o objeto também pode ser nulo, dependendo do tipo de verbo. No caso do verbo de concordância, o objeto é nulo, porque é realizado pelo movimento do verbo, que é orientado para o referente que realiza a posição de objeto do verbo. Assim, na LIBRAS, o sujeito e objeto podem ser nulos. Desta maneira, nos verbos direcionais, ou de concordância, o sujeito e o objeto são representados na estrutura do sinal, como um afixo.

Ferreira Brito (1995, p. 48) conclui que “as pessoas do discurso podem, assim, se apresentar em LIBRAS, seja através de pronomes, seja através da flexão verbal, ou podem ser não explicitados por nenhuma expressão linguística.” A autora afirma que a marcação da referência por meio da apontação ou pelo movimento do verbo define as classes de verbos, em verbos simples e verbos direcionais.

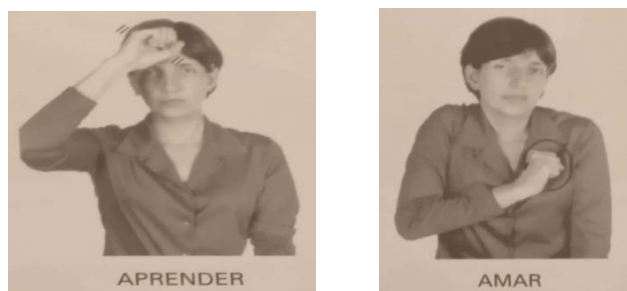
Esse contraste é também observado por Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019), a partir da noção de flexão. Quadros e Karnopp (2004) tomam por base, além da análise de Ferreira Brito (1995) sobre o papel do movimento direcional, os estudos realizados por Klima e Bellugi (1979, citados pelas autoras, p. 111) sobre os processos de flexão na Língua Americana de Sinais (*American Sign Language/ASL*). Os estudos verificam oito diferentes processos de flexão:

1. “*Pessoa* (dêixis): flexão que muda as referências pessoais no verbo.
2. *Número*: flexão que indica o singular, o dual, o plural e o múltiplo.
3. *Grau*: apresenta distinções para ‘menor’, ‘mais próximo’, ‘muito’, etc.
4. *Modo*: apresenta distinções, tais como os graus de facilidade.
5. *Reciprocidade*: indica relação ou ação mútua.
6. *Foco temporal*: indica aspectos temporais, tais como ‘início’, ‘aumento’, ‘graduação’, ‘progresso’, ‘consequência’, etc.
7. *Aspecto temporal*: indica distinções de tempo, tais como ‘há muito tempo’, ‘por muito tempo’, ‘regularmente’, ‘continuamente’, ‘incessantemente’, ‘repetidamente’, ‘caracteristicamente’, etc.
8. *Aspecto distributivo*: indica distinções, tais como ‘cada’, ‘alguns especificados’, ‘alguns não especificados’, ‘para todos’, etc.

De acordo com as autoras, a flexão de pessoa, é um tipo de *dêixis*. Conforme mencionado anteriormente, os referentes são introduzidos no espaço de sinalização, através da apontação, ou através do início e do fim do movimento e da direção na estrutura dos verbos. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a flexão de pessoa no verbo ocorre pela incorporação dos pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes. Tomando por base o estudo de Quadros (1999), as autoras afirmam que, na LIBRAS (assim como na ASL), os verbos estão divididos em três classes: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais, conforme exemplos a seguir. Quadros e Quer (2010) analisam os verbos de concordância de objeto, também chamados de verbos reversos. A seguir, apresentamos os exemplos das classes de verbos e as figuras para ilustrar, retiradas de Quadros; Karnopp (2004).

(a) **verbos simples:** uma classe de verbos que não apresenta marcas de concordância (número e pessoa), portanto tem apenas flexões aspectuais e marcações locativas, por exemplo AMAR; APRENDER; CONHECER; SABER

Figura: 14



Fonte: Quadros (2004, p.117)

(b) **verbos com concordância:** uma classe de verbos que apresenta marcas de concordância pelo movimento direcional incluído ao verbo (locativo, número e pessoa), por exemplo ACUSAR; ENTREGAR; RESPONDER; PERGUNTAR.

Figura: 15



Fonte: Quadros (2004, p.118)

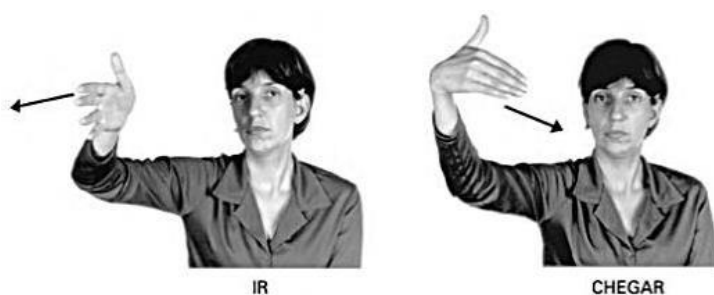
(c) **verbos espaciais:** uma classe de verbos que têm afixos locativos, por exemplo COLOCAR, IR, CHEGAR.

Figura 16



Fonte: Quadros (2004, p.118)

Figura 17



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.119)

Dessa forma, as classes de verbos se manifestam na sintaxe espacial. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), “no espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas” (p. 127). Além dos sinais manuais, as línguas de sinais utilizam expressões faciais ou não manuais (ENM), movimentos de cabeça (MC), direção do olhar (DO), que podem ser consideradas marcas gramaticais. Conforme mencionado anteriormente, a indicação de pessoa pode ser realizada pela direção do olhar (DO).<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Lourenço (2020) propõe que a concordância em línguas de sinais indica mudança de localização (*loci-R*) para coincidir a realização do verbo com a localização do argumento (co-localização). Os verbos ancorados no corpo não realizam a mudança de localização por uma restrição fonológica – e não semântica. Nesse sentido, outros verbos simples podem ser co-localizados a seus argumentos. Dessa forma, as classes verbais não devem ser definidas como verbos que manifestam sujeito nulo e objeto nulo (concordância), e verbos que manifestam sujeito expresso (verbos simples). Uma consequência dessa análise é que o sujeito nulo e o objeto nulo não são restritos a um grupo de verbos, mas são determinados no nível da sintaxe. A proposta de Lourenço não considera o fato de que verbos simples com ponto de articulação ancorado no corpo do sinalizador licenciam argumento nulo, na 1ª pessoa, na posição de sujeito.



Em relação às classes verbais, destacamos o verbo ACUSAR, que está incluído na classe de verbos de concordância. No entanto, a orientação do movimento é somente para o objeto, pois o sinal é ancorado no corpo. Vamos discutir esse caso no Capítulo 3.

## ACUSAR

Figura 18



Capovilla, p. 154 (2009)

## 2.3 Classes verbais na LIBRAS: o corpo como sujeito (Meir et al. 2008)

De acordo com Meir et al. (2008), Padden (1988) foi o primeiro que propôs que os verbos de muitas línguas de sinais podem ser caracterizados como verbos simples, verbos espaciais e verbos com concordância. Essa classificação é baseada na hipótese de que os verbos se diferenciam segundo as propriedades que cada classe codifica.

**“Verbos de concordância:** verbos que codificam transferência codificam o papel sintático dos argumentos, bem como as características de pessoa e número através da direção do movimento das mãos e posição das palmas”.

**Verbos espaciais:** isto é, a classe verbal que denota movimento e posição no espaço, a direção do movimento codifica a posição dos argumentos locativos, o ponto de partida e o destino. A forma do movimento de trajetória que as mãos estão executando geralmente expressa a forma da trajetória que o objeto percorre no espaço.


**“Verbos simples:** que constituem a classe semântica padrão, não codifica nenhuma propriedade gramatical em seus argumentos.” (p. 87)

Nesta proposta, as mãos são o articulador ativo nas Línguas de Sinais. Entretanto, Meir *et al.* (2008) propõem uma nova abordagem para os tipos de verbos. Os autores defendem que “a função básica do corpo nas formas verbais em uma língua de sinais é representar o argumento sujeito” (p. 87). Os autores argumentam que esta análise tem as seguintes vantagens: (i) explica a proeminência do objeto em relação ao sujeito na concordância verbal (uma peculiaridade das LS em relação às LO); (ii) explica a razão de algumas formas verbais serem mais complexas do que outras, gerando competição entre os diferentes papéis do corpo; (iii) faz previsões sobre a tipologia das línguas de sinais.

Na discussão, os autores partem do conceito de ‘padrões de lexicalização’, usado originalmente por Talmy (1983), na análise de verbos de movimento. Talmy (1985) postula que o verbo não expressa por si só todos os componentes do significado dos eventos. As línguas têm mostrado que são sistemáticas, no processo de formação dos predicados e a respeito de quais componentes do significado serão expressos pelos itens lexicais. Por exemplo, no inglês, no alemão, no russo, no chinês, o modo de movimento é codificado nos verbos, e a trajetória é codificada por preposições ou partículas. Em outras línguas, como o hebraico, o espanhol, o japonês e o turco, a direção do movimento (trajetória) é expressa no verbo, e o modo do movimento é codificado por locuções adverbiais.<sup>14</sup>

Nas línguas de sinais, os meios linguísticos para descrever um evento são as mãos e o corpo do falante, e o espaço a sua volta. De acordo com o texto, os itens lexicais que descrevem eventos em três línguas de sinais diferentes (Língua de Sinais Americana, Língua de Sinais Israelense e Língua de Sinais Al SeYYIDE Beduína) apresentam componentes formacionais específicos, que podem corresponder a componentes de significados; a mão e o corpo (o peito e a cabeça) podem expressar separadamente aspectos do evento de forma sistemática.

### 2.3.1 O corpo como sujeito

Meir *et al.* (2008) defendem a hipótese de que o corpo do sinalizador não é só um lugar para articulação do sinal (ponto de articulação), mas pode expressar a um significado particular ou uma função específica. Os autores argumentam que, em verbos ancorados no corpo (icônicos), o corpo representa o sujeito. Na expressão do verbo COMER na Língua de Sinais Americana (ASL) e na Língua de Sinais Israelense (ISL), a mão apresenta uma configuração particular , “movendo-se em direção à boca a partir de uma localização à sua frente e repete este movimento por duas vezes” (p. 88). De acordo com o dicionário Webster, ‘COMER’ significa “colocar (comida) dentro da boca, mastigar se necessário e engolir”. Os autores propõem que a representação da Estrutura Conceitual Lexical é:

<sup>14</sup> O contraste nos padrões de lexicalização entre as línguas pode ser exemplificado com dados do inglês e do espanhol (conforme Talmy 1983): (i) *The ball floated into the cave/ A bola flutuou para-dentro da caverna*, em que o verbo descreve o modo do movimento, e a preposição descreve a trajetória; (ii) *Entró corriendo a la cueva ‘Entrou correndo na caverna’*, em que o verbo descreve a trajetória, e a expressão secundária descreve o modo. Estudos posteriores questionaram a tipologia do autor, questionando a distinção como um parâmetro, já que os dois padrões podem ocorrer na mesma língua. Não vamos nos deter nessa discussão. No entanto, vamos investigar a relação entre os componentes do significado que descrevem os eventos e o uso das mãos, do corpo e do espaço.

(4) X causa [Y ir [para dentro da boca de X]]

A figura 1, a seguir, mostra que o sinal COMER é icônico. É possível indicar que um mapeamento entre forma e significado tem a vantagem de mostrar quais elementos formacionais correspondem a quais aspectos do significado.

Figura 19



Figura 1: O verbo COMER (ISL e ASL)


Mapeamento Icônico para COMER	
FORMA	SIGNIFICADO
 -configuração de mão	Segurando um objeto (comida)
Boca do sinalizador	Boca do agente que come
Movimento para dentro	Colocando um objeto dentro da boca
Movimento duplo	Um processo

Tabela 1: Mapeamento icônico para COMER

Fonte: Meir *et al.* (2008, p. 89)

Para os autores, neste artigo, o importante é notar a correspondência entre a localização do sinal (a boca) e a boca da pessoa que come, que representa argumento agente no evento. O corpo é um componente formacional e representa o agente. É importante observar que o corpo não significa a 1ª pessoa. O sinal COMER é feito na boca do sinalizador, mas o sujeito pode ser a 1ª, a 2ª ou a 3ª pessoa. A realização do sinal não muda em todas essas sentenças: “eu como”, “você come”, “ele/ela come”.

Os autores observam que, em sinais icônicos, o corpo representa um argumento participante no evento. Os exemplos a seguir são da ISL, mas podem ocorrer também na ASL (e em outras línguas de sinais).

- i. **Verbos psicológicos** (localização: peito): FELIZ, AMAR, SOFRER, ESTAR CHATEADO COM, MACHUCAR – o peito corresponde ao local das emoções no argumento-experienciador.
- ii. **Verbos de atividades mentais** (localização: têmporas e testa): SABER, LEMBRAR, ESQUECER, APRENDER, PREOCUPAR, PENSAR, SONHAR, ENTENDER, COMPREENDER, INFORMAR – as têmporas ou a testa correspondem ao local da atividade mental do argumento- experienciador (sinalizador).
- iii. **Verbos de percepção** (localização: órgãos dos sentidos): OLHAR, OUVIR, ESCUTAR, CHEIRAR – os olhos, as orelhas, e o nariz corresponde ao local da atividade do argumento-experienciador.
- iv. **Verbos que indicam fala** (localização: boca): FALAR, DIZER, PERGUNTAR, RESPONDER, EXPLICAR, GRITAR, SUSSURAR – A boca corresponde à parte relevante do corpo do argumento-agente.
- v. **Verbos de mudança de estado** (localização: rosto, peito, olhos): CORAR, MELHORAR, ACORDAR – O rosto, o peito e os olhos representam a parte relevante do corpo do argumento-paciente.

Nos verbos acima, o argumento relacionado ao corpo pode ser associado a diferentes papéis temáticos: agente, paciente, experienciador e receptor. Se o predicado é de um só lugar, o corpo é associado a esse argumento. Na estrutura do evento de verbos transitivos, o argumento que se identifica com o corpo é o argumento mais utilizado: o **agente** em verbos de dois argumentos <agente, paciente/tema> (COMER, BEBER, OLHAR) e de três argumentos <agente, paciente/tema, receptor> (PERGUNTAR, INFORMAR, EXPLICAR), e o **experienciador** e **perceptor**, em verbos de dois argumentos como <experienciador/ perceptor, tema> (VER, OUVIR, AMAR).

Seguindo os princípios do mapeamento entre as estruturas temática e sintática de autores como Filmore (1968), Jackendoff (1990) e outros, citados pelos autores, a generalização é que o corpo corresponde ao argumento-sujeito do verbo e não a um papel temático específico. “O padrão básico de lexicalização é o CORPO COMO SUJEITO” (Meir et al, 2008, p. 90).

“Em outras palavras, o corpo representa ou corresponde a alguma propriedade do argumento-sujeito (de que tem sentimentos, é sensível, tem uma boca, etc.) Em línguas faladas, as propriedades dos argumentos são inferidas do significado dos verbos ou são a parte dele. Por exemplo, o verbo *espirrar* implica que o sujeito possui um nariz; que o sujeito de *lamber* possui língua; que o sujeito de *desmaiar* é animado e que o sujeito de *zangado* é sensível. Nas línguas de sinais, tais propriedades podem ser representadas por certos aspectos da forma do sinal, particularmente, partes do corpo. Quando o sinal que denota um evento é sinalizado em alguma parte do corpo, o corpo é interpretado como sendo associado às propriedades do argumento-sujeito”.

### 2.3.2 Mãos como evento

Verificamos que o sinal COMER apresenta uma assimetria entre o corpo e as mãos. O corpo representa o argumento-sujeito. As mãos têm mais liberdade, pois “se movem de uma maneira específica, em uma direção específica”, portanto “as mãos podem representar muito mais aspectos dos componentes do significado do sinal” (p. 90). No caso do verbo COMER, a configuração da mão representa o argumento Y em movimento (tema). O movimento para dentro indica o ato de colocar a comida dentro da boca; a configuração de mão representa o ato de segurar um objeto sólido (comida), e o movimento duplo, repetido, descreve uma ação atética (processo).

As mãos podem marcar muito mais características do evento do que o corpo. Em primeiro lugar, as mãos se movimentam no espaço; em segundo lugar, as mãos podem mostrar diversas configurações; em terceiro lugar, elas podem formar um par. O movimento é complexo porque inclui o modo e a direção. O corpo não se move igual às mãos, e o corpo é único. Nesse sentido, o corpo marca menos características do evento.

No entanto, o corpo marca o argumento na posição de sujeito. Esse argumento fica separado dos outros componentes do significado do evento. Dessa forma, o padrão básico de lexicalização nas línguas de sinais confirma a supremacia do sujeito na linguagem, e esse argumento é representado pelo corpo do sinalizador, em oposição aos demais componentes do significado do evento.

### 2.3.3 Fatores que ofuscam o padrão básico

O padrão básico de lexicalização ‘corpo como sujeito’ é mais usado com verbos ancorados no corpo, e pertencem à classe dos verbos simples. Outros tipos de verbo não seguem o padrão básico. Na expansão do léxico, as mãos assumem papéis nos níveis lexicais e gramaticais, e assim, as formas resultantes não se encaixam no padrão básico.

Em primeiro lugar, nem todas as partes do corpo podem ser usadas para marcar a articulação de um sinal. Tipicamente, o espaço destinado para marcar os sinais é a área acima da cintura e a cabeça, e a frente do corpo. No caso das ações realizadas pelas pernas e pés do sujeito, não são usadas essas partes do corpo. Mas sim, é possível expressar as pernas e os pés através dos braços e das mãos. O dedo indicador e o dedo médio correspondem às duas pernas, e expressam ações como pular, cair, sentar-se, andar. Verbos podem expressar a maneira de caminhar. Por exemplo, a expressão ‘andar de saldo alto’ é realizada pela configuração em ‘I’, na ASL, e em ‘y’ na ISL, com o dedo mínimo para baixo. Nesses casos, o corpo não faz parte da estrutura fonológica do sinal e as características do sujeito são representadas pela configuração de mãos.

Em segundo lugar, o corpo representa o sujeito apenas para seres animados (humanos). Dessa forma, os eventos com sujeitos inanimados são representados por meio das mãos, no espaço neutro (à frente do sinalizador). Por exemplo, na sentença *O ácido comeu o metal*, em ASL e ISL, o verbo COMER é usado metaforicamente, mas não pode ser usado com a localização na boca do sinalizador. ‘Quando o sinal é sinalizado em espaço neutro, ele pode referir-se a um sujeito inanimado.’ (p. 92)<sup>15</sup>

### 2.3.4 O corpo em verbos de concordância: 1ª PESSOA

Os verbos de concordância indicam a referência marcando a pessoa e o número do argumento – sujeito e do argumento – objeto (indireto). No nível semântico, verbos de

---

<sup>15</sup> A Profa. Adriana Lessa-de-Oliveira observa, em comunicação pessoal no evento da defesa da tese, que a afirmação se aplica ao uso metafórico, pois um verbo como TRABALHAR, realizado no espaço neutro, admite sujeito animado. Estamos de acordo com a professora. No entanto, destacamos que o sujeito inanimado é realizado no espaço neutro, mas isso não exclui que o sujeito animado também seja realizado no espaço neutro. Portanto, a restrição é usar o corpo ou partes do corpo com o sujeito inanimado (não humano). Neste trabalho, só analisamos verbos ancorados no corpo do sinalizador. No entanto, acreditamos que sujeitos animados realizados no espaço neutro, ou seja, na frente do corpo do sinalizador, podem ser analisados de acordo com a proposta de Meir et al. (2008). Deixamos essa questão para pesquisa futura. Agradeco à professora pela importante observação.

concordância descrevem a transferência de posse, ou seja, uma entidade concreta ou abstrata o ‘tema’ é transferida para uma entidade, o ‘alvo’ ou ‘meta’. No nível sintático, os verbos de concordância incorporam a categoria gramatical de pessoa, que corresponde ao sistema pronominal da língua pelo contraste entre o sinalizador e o espaço ao seu redor. Na ASL e na ISL e em outras línguas, o sistema pronominal usa o corpo do sinalizador para representar a 1ª pessoa, e o espaço de sinalização é ligado com os referentes que não são a 1ª pessoa (MEIR, 1990).

“A indicação subsequente em direção àquela localização no espaço (frequentemente chamada de locus R(eferencial), cf. Lillo-Martin e Klima, 1990) tem a função de referência pronominal. Apontar em direção a alguém denota pronome pessoal de 1ª pessoa; apontar para um R-locus já estabelecido no espaço de sinalização denota referência pronominal ao referente associado ao R-locus dado.” (MEIR *et. al.* 2008, p. 93)

A conclusão é que, nas estruturas flexionadas de verbos de concordância, o corpo já não é mais considerado necessariamente sujeito. Pois a orientação do movimento para o corpo do sinalizador marca a 1ª pessoa, e indica que o sinalizador pode ser o sujeito (origem do movimento) ou o objeto (final do movimento). A orientação do movimento para o receptor da mensagem marca a 2ª pessoa, e indica que o receptor pode ser o sujeito (origem do movimento) ou o objeto (final do movimento). A orientação do movimento para a 3ª pessoa indica que a 3ª pessoa é o sujeito (origem do movimento) ou objeto (final do movimento). Apresentamos o exemplo a seguir, com a 2ª e a 3ª pessoa para ilustrar essa marcação.

2a-AVISAR-3s ‘Você avisa ela’

3s-AVISAR-2s ‘Ela avisa você’

O padrão de lexicalização básico é ofuscado por um processo que utiliza os mesmos parâmetros de formação do sinal, mas esses parâmetros correspondem a categorias gramaticais diferentes.

### 2.3.5 Classes verbais em LS reconsideradas: o papel do corpo

Com essa análise sobre o papel do corpo, das mãos, passamos a considerar uma forma alternativa de descrever as classes verbais, conforme a proposta de Meir et al (2008). Os verbos

simples ancorados no corpo são definidos como um conjunto de verbos que usam o corpo para marcar o argumento na posição de sujeito, e a categoria pessoa gramatical não é representada. Nas formas flexionadas de verbos de concordância, o corpo não representa o sujeito. Ao contrário, o corpo é a 1ª pessoa, e os referentes da 2ª e da 3ª pessoa, que não são a 1ª pessoa, são localizados no espaço de sinalização. A direção do movimento e a orientação das mãos marcam as funções sintáticas e as funções semânticas dos argumentos. Essa questão está discutida no final da seção anterior.

Os verbos espaciais e também as construções com classificadores incluem pontos iniciais e pontos finais marcados por referentes espaciais. Entretanto, essa localização, real ou designada, é marcada no espaço e não pelos argumentos sintáticos do sujeito ou do objeto. Por exemplo, verbos espaciais como DIRIGIR-A e MOVER-A incorporam pontos de localização e realizam movimento pelo espaço de sinalização na frente do corpo, sem tocar corpo. Segundo Supalla (1982, apud Meir et al, pg. 94), nos verbos de movimento e localização, assim como em construções com classificadores, as mãos se movem no espaço – o corpo só é usado como referência espacial (*ground* ou base, nos termos de Talmy 1983, apud Meir et al. 2008, p. 94).

As três classes verbais estão caracterizadas no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Classes verbais

Classes verbais	Corpo	Mãos	Espaço
Verbos simples	Corresponde ao sujeito	Não codifica propriedades dos argumentos	-----
Verbos de concordância	1ª Pessoa <sup>16</sup>	Codifica os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos	Referentes a não-1ª pessoa
Verbos espaciais	Ponto de referência espacial ou não envolvido	Codifica os papéis locativos dos argumentos	Localizações no espaço

Fonte: Meir et al. (2008, p. 95)

<sup>16</sup> A Profa. Adriana Lessa-de-Oliveira, em comunicação pessoal no evento da defesa da tese, questiona se, em verbos reversos, o corpo da 2ª pessoa é marcado. Partindo da observação de que os verbos reversos não são ancorados no corpo da 2ª pessoa, a conclusão é que o corpo da 2ª pessoa não é usado. O que ocorre é a orientação do movimento no espaço neutro partir de um ponto oposto ao sinalizador (que pode coincidir com a 2ª pessoa). Agradecemos a observação da Professora, pois a análise dos verbos reversos merece estudo aprofundado.



### 2.3.6 Supremacia do objeto sobre o sujeito

A concordância verbal nas línguas de sinais é um fenômeno fundamental para a teoria linguística, porque tem semelhança com a concordância na língua falada, “embora seja, ao mesmo tempo, muito diferente”, conforme observam Meir *et al.* (2008, p. 95). Como sabemos, nas LS, a concordância verbal é marcada em alguns verbos. Em LO, se o sistema de concordância está presente, todos os verbos são afetados. Além disso, outra diferença é que nas LS, a concordância com o objeto tem prioridade em relação à concordância de sujeito. Nas LO, o sujeito é o argumento mais importante para a concordância verbal. Nesse sentido, no sistema da língua de sinais, no caso da concordância, o objeto tem prioridade em relação à concordância com o sujeito.

Nesse caso, existe diferença com a língua falada oral, em que o sujeito é o argumento principal na perspectiva da hierarquia de Relações Gramaticais (RG) (Greenberg, 1966: 37 – 38, *apud* Meir *et al.* 2008), ou seja, o argumento na posição de sujeito é o mais acessível à concordância verbal. Essa hierarquia representa a seguinte restrição: “se a língua possui concordância com o objeto, então ela possui também concordância com o sujeito” (p. 95), não vice-versa. Dessa forma, pode existir uma língua com concordância de sujeito, mas não de objeto (cf KEENAN 1976: 316; LEHAMANN 1988, *apud* Meir *et al.* 2008). No caso da língua de sinais, é diferente: até onde se conhece, não existe língua de sinais que possui concordância com sujeito e não possui concordância com o objeto.

Além disso, e mais interessante, segundo os autores, há vários aspectos voltados para a concordância verbal em diversas línguas de sinais que indicam que existem formas marcadas para a concordância de objeto, mas não de sujeito. Neste tema, podemos citar os verbos de concordância única: na ASL e ISL, há verbos que concordam com apenas um argumento. Nesses verbos, “o ponto inicial é marcado por ser localizado em alguma parte do corpo (em alguma parte do rosto) e, portanto, não é determinado pelo R- locus do outro argumento do verbo” (Meir *et al.* 2008, p. 95). Em ISL, por exemplo, no verbo PERGUNTAR, a localização inicial é próximo da boca e a localização final é em direção ao R-locus do objeto. Se o sujeito não é de 1ª pessoa, mesmo assim, o verbo ainda se inicia perto da boca. Portanto, para uma sentença como “Ele perguntou a você”, a estrutura é PERGUNTAR2, ao invés de 3PERGUNTAR2. Existem outros tipos de verbos em ISL com concordância de argumento único, com indicação do ponto

de articulação: RESPONDER, EXPLICAR, CONTAR (boca), VISITAR (olho), IMPORTAR-se, TELEFONAR (orelha).

Na ASL, os verbos VER, TATEAR, ESPIAR representam casos de concordância de argumento único. Interessante, nesses verbos, o marcador de concordância de sujeito (ou seja, o R-locus que marca o sujeito sintático) é que é omitido. A concordância marcada pelo objeto parece ser obrigatória, mas, não a de sujeito. A estrutura mencionada é encontrada em outras línguas de sinais, como a Língua de Sinais Dinamarquesa (Engberg-Pedren 1993: 191, *apud* Meir *et al* 2006), e a Língua de Sinais Italiana (LIS), (PIZZUTO 1986: 25-26, *apud* Meir *et al* 2008).

Em outros casos, ocorre opcionalmente a omissão do marcador de concordância do sujeito (mas essa omissão não ocorre com o objeto). Segundo os autores: “Quando o R-locus que funciona como marcador de concordância de sujeito é omitido, o verbo é geralmente ancorado ao corpo em seu ponto inicial, concordando, apenas com seu objeto” (p. 96). Nesse caso, esses verbos podem ser comparados com os verbos de concordância única. Diante disso, as LS parecem apresentar uma hierarquia inversa: “o objeto é mais proeminente que o sujeito” (p. 96).

Os autores Meir (1998b e 2002, *apud* Meir *et al* 2008) e Janis (1995: 220, *apud* Meir *et al* 2008) tentam explicar esse fenômeno, afirmando que ele pode ser comparado a hierarquias de caso em LO e considerando que o parâmetro da orientação da mão marca o caso. No entanto, essa análise não explica uma diferença entre as línguas, pois nas línguas de sinais a função sintática é marcada pela orientação do movimento no verbo (sujeito = origem do movimento; objeto indireto = ponto final do movimento), enquanto em outras línguas o caso é marcado no argumento (ou no sintagma nominal). Meir *et al* (2008) sugerem então que “o enigma pode ser resolvido por uma nova maneira de se olhar a classificação verbal em LS, que considera o papel do corpo nas três classes verbais” (p. 97).

Conforme mencionado anteriormente, nos verbos simples, o corpo marca o sujeito, e nos verbos de concordância, o corpo codifica a 1ª pessoa, e as mãos codificam a 2ª pessoa e a 3ª pessoa, isto é, os referentes que não são a 1ª pessoa. Nesse sentido, de acordo com os autores, “verbos de concordância única podem ser considerados um tipo híbrido de verbos simples e verbos de concordância” (p. 97). Como nos verbos simples, os verbos de concordância única usam o corpo para marcar o sujeito, e como nos verbos de concordância, as mãos indicam a não-1ª pessoa (ou seja, a 2ª e a 3ª pessoa) e o objeto sintático. Dessa forma, os verbos de concordância única marcam o sujeito, pelo movimento do corpo para fora ou de fora em direção

ao corpo (verbo reverso), mas não especificam a pessoa. Portanto, o sujeito não é marcado pela concordância verbal, mas pela forma lexical do verbo. Os autores concluem:

“De certo modo, o sujeito é mais profundamente entranhado em verbos simples e em verbos de concordância única do que em verbos de concordância completa, por ser parte do próprio item lexical em si e não adicionado por um afixo flexional.” (p. 97)

### 2.3.7 Papéis competitivos como corpo: sujeito, 1ª pessoa, corpo humano

Com a análise dos verbos simples e os verbos de concordância, verificamos o papel corpo, que pode incorporar funções gramaticais diferentes da língua, fazendo uso de diferentes propriedades do corpo humano. As pessoas usam seu corpo para expressar diversos tipos de ações. O corpo é também o corpo do sinalizador, que é o emissor na situação comunicativa. O corpo do emissor representa a 1ª pessoa, como no sistema pronominal e nas várias formas flexionadas dos verbos de concordância.

O corpo humano tem a possibilidade de expressar na estrutura dos sinais os órgãos: a boca, a testa, as orelhas, os olhos, os braços, o peito etc. Apontar para o órgão pode ter a função de fazer referência àquele órgão. Nesse caso, são sinais dêiticos, que indicam os órgãos. O sinalizador pode usar seu corpo para apontar a parte no corpo que foi representada em um evento. Veja o exemplo: “Ele me bateu no braço”. Nesta estrutura, dependendo de onde o sinalizador toca no corpo, o sinalizador pode especificar onde aconteceu o evento. Outro exemplo: “O cirurgião abriu meu peito”. O sinal OPERAR começa com o movimento para baixo a partir do osso externo do sinalizante. O sinalizador pode variar o local da cirurgia localizando em outra parte no corpo, como a cirurgia cerebral (tocando a cabeça) ou uma cesariana (no abdômen).

No verbo de concordância única, o corpo representa o sujeito, mas com o objeto na 1ª pessoa é necessário marcar no corpo do sinalizador, como em ISL, no exemplo: “ele perguntou a mim”. A localização no corpo permite demonstrar que um evento pode acontecer no corpo do sinalizador para expressar um local do corpo que representa a 3ª pessoa, como em: “eu penteei o cabelo dele/dela”. Segundo os autores:

“Em tais formas, o corpo não está necessariamente associado com o argumento-sujeito ou com a 1ª pessoa, mas, ao invés disso com uma entidade do mundo real que está sendo empregada no discurso como um dispositivo referencial. (...) Uma estratégia é articular o sinal primeiramente no corpo do sinalizador, especificando o local exato no corpo e depois direcionar o sinal para o outro referente, especificando o objeto gramatical.” (p. 99)

Dessa forma, Meir *et al* (2008) demonstram que, nas LS, o sujeito é marcado em diferentes níveis gramaticais e na estrutura lexical do sinal (antes de se combinarem em unidades maiores). Essa divisão de trabalho entre o corpo e as mãos indica que o evento está representado em termos da relação entre o predicado e o sujeito. O padrão ‘corpo como sujeito’ é básico, mas pode ser ofuscado, por outros processos, conforme observado no caso dos verbos com concordância, que usam o padrão o corpo como 1ª pessoa, em oposição ao uso do espaço para indicar não-1ª pessoa. Essa relação é observada também em línguas de sinais com verbos simples, mas sem verbos de concordância (mas não o contrário). Também na diacronia, verificamos línguas de sinais que apresentam verbos simples e posteriormente desenvolvem a concordância. A perspectiva do sinalizador é assim mais transparente, em comparação com a perspectiva do observador e pode explicar também os estágios da aquisição da concordância verbal por crianças surdas.

### **2.3.8 Considerações parciais**

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos para a análise do sistema pronominal na Libras, considerando sua ocorrência nas narrativas que vamos analisar no Capítulo 3. Para tanto, partimos do estudo de Ferreira Brito (1995) sobre o sistema pronominal em LIBRAS. Verificamos que os pronomes pessoais na LIBRAS são categorias convencionais, que utilizam a indicação dos referentes no espaço por meio da apontação. De acordo com a autora, o uso alternado das estratégias ego-oposta e ego-alinhada em verbos simples e verbos direcionais, respectivamente, assim como o uso da orientação da mão e da direção do olhar confirmam o caráter convencional da marcação de pessoa no sistema pronominal.

Em seguida mostramos que, nos verbos direcionais ou de concordância, a referência é marcada pelo movimento e pela orientação, na estrutura do sinal. Nesse sentido, o referente ocorre incorporado na estrutura do verbo, como um afixo flexional. Os verbos espaciais apresentam um afixo locativo.

Finalmente, apresentamos a hipótese do corpo como sujeito, conforme Meir *et al.* (2008): o ponto de articulação do sinal no corpo do sinalizador indica a função sintática de sujeito. Na 1ª pessoa, o sujeito pode ficar nulo. Partimos dessa observação para desenvolver a hipótese desta tese, pois essa situação indica que, além das estruturas dos verbos de concordância, existe um contexto sintático adicional para o uso do sujeito nulo. Na 2ª e na 3ª pessoa, o sujeito é indicado por apontação. Os verbos ancorados no corpo usam o corpo para marcar a função de sujeito e correspondem ao padrão básico. Na expansão do léxico, as mãos assumem papéis nos níveis lexical e gramatical, e assim, as formas resultantes não se encaixam no padrão básico. Os verbos de concordância marcam as pessoas do discurso pelo movimento e pela orientação do movimento da mão: a primeira pessoa é marcada no corpo do sinalizador, a 2ª e a 3ª pessoa (ou a não-1ª pessoa) são marcadas no espaço. Outros casos de sujeito nulo são analisados pela referenciação no discurso.

No Capítulo 3, a seguir, buscamos verificar como se manifesta o sistema pronominal na Libras, tendo por base a abordagem de Ferreira Brito (1995) e a descrição proposta em Quadros (1997) e Quadros e Karnopp (2004), assim como as estratégias propostas em Meir *et al.* (2008), apresentadas neste capítulo. Na análise dos dados, consideramos alguns aspectos da análise de Sandler e Lillo-Martin (2006) sobre a categoria ‘Pronomes’ em Línguas de Sinais (LS). Na análise da estrutura oracional, partimos do modelo estrutural de Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004), que propõe uma projeção baseada na teoria X-barra, e adotamos a proposta de Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) em relação à realização sintática da estrutura argumental de predicadores verbais e nominais (cf. Capítulo 1).

## CAPÍTULO 3

### **3 A LIBRAS em uso: investigando o sistema pronominal em narrativas sinalizadas em Libras**

Neste capítulo, apresentamos os aspectos metodológicos que foram adotados na formação do corpus da tese e o resultado da investigação do sistema pronominal em narrativas sinalizadas em Libras. Na seção 3.1, explicamos por que escolhemos as narrativas “Cinderela Surda” e “João e Maria”, e apresentamos o sistema de transcrição dos dados e como fizemos o recorte das unidades de análise. Na seção 3.2, apresentamos os resultados do estudo do sistema pronominal na posição de sujeito nas narrativas em Libras. Na análise, adotamos a proposta de saturação de predicados e de representação da estrutura argumental, por meio de Localizadores (LOCs), articulados (por sinal de apontação) e não-articulados (pela direção do olhar, giro do corpo em direção ao ponto de localização do referente), conforme Almeida e Lessa de Oliveira (2014). Tais estratégias de mapeamento sintático da estrutura argumental são analisadas pela hipótese do uso do corpo como sujeito observado com verbos simples, conforme Meir *et al.* (2008), e do uso das mãos como marcadoras das pessoas do discurso pela orientação do movimento com verbos de concordância, conforme Quadros (1999) e Quadros; Karnopp (2004). Adotamos também alguns aspectos da análise do sistema pronominal da ASL proposta por Sandler e Lillo-Martin (2006). Na seção 3.3, apresentamos as considerações parciais.

#### **3.1 As narrativas sinalizadas em Libras: a escolha dos textos e a metodologia de coleta de dados<sup>17</sup>**

Esta tese estuda o sistema pronominal da Libras, considerando a tipologia verbal. Nesse sentido, investigamos a manifestação do sistema pronominal considerando os tipos de verbo – isto é, a distinção entre verbos simples e verbos de concordância. Conforme mencionado

---

<sup>17</sup> O desenvolvimento desta seção resulta de uma discussão com a Profa. Marisa Dias Lima, no evento da defesa da tese. Agradecemos as sugestões.

anteriormente, vamos adotar a abordagem de Meir et al. (2006). Nessa análise, verbos simples ancorados no corpo marcam o argumento na posição de sujeito.

Na 1ª pessoa (do singular), o sujeito pode ser nulo, na 2ª e na 3ª pessoa, o sujeito não é nulo, pois é necessário usar a apontação. Verbo de concordância marcam a categoria pessoa (1ª, 2ª e a 3ª pessoa), pela orientação do movimento do sinal, e o sujeito pode ser nulo. Nosso objetivo é verificar se essa análise se confirma em narrativas sinalizadas.

Durante a análise dos vídeos, fizemos cortes separando as orações, que foram consideradas como unidades de análise. Criamos um QRCode para cada unidade de análise. Cada unidade de análise apresentava um predicado e sua estrutura argumental. Dessa forma, foi possível analisar a realização do sujeito. Assim identificamos o sujeito nulo, em verbos de concordância, e em verbos simples na 1ª pessoa, e também o sujeito simples, expresso por um sintagma nominal ou pronominal. Destacamos também o uso do sujeito nulo com a referência identificada no discurso.

Na transcrição dos vídeos foi usada a convenção encontrada nos estudos gramaticais, conforme usada em Quadros e Karnopp (2004) e em outros estudos, com adaptações. Dessa forma, transcrevemos os itens lexicais em caixa alta, e identificamos itens gramaticais em função dos objetivos do trabalho. Dessa forma, marcamos principalmente os sinais que marcam os pronomes e indicamos as categorias nulas em função da estrutura argumental do predicado, tomando por referência a análise de Almeida; Lessa-de-Oliveira (2014) para a saturação dos predicados em Libras (cf. Capítulo 2). Considerando a necessidade de identificação dos personagens das narrativas, foi utilizado o sistema de marcação do índice referencial por um subscrito com o uso de letra minúscula, conforme indicado na “Convenção de Transcrição” (apresentada no início desta tese).

Escolhi o conto de histórias ‘CINDERELA SURDA’, publicado pelo INES para análise. Link: <https://www.youtube.com/@inesddhct9742> , pois a Cinderela mesma representa como narrador da história. Verifiquei que a estrutura da narrativa apresenta realizações do sujeito simples e como sujeito nulo, e também com o uso da orientação do movimento.

Verificamos também que o sinalizador é também o narrador. Dessa forma, verificamos a alternância entre o foco narrativo externo, na 3ª pessoa (narrador), e o foco narrativo interno, na 1ª pessoa (Cinderela).

Ressaltamos também que as produções do INES a confiança da comunidade surda. O INES foi fundado em 1857, no Rio de Janeiro. Dom Pedro II convidou um professor surdo da França Huet a educar alunos surdos do Brasil. Em 1880 houve proibição do uso da língua de sinais em congresso do Milão da Itália. Todas as instituições mundiais de surdos baniram o uso dos sinais. Surgiram diversos métodos orais. O INES sofreu ameaça de proibir o uso dos sinais. O professor surdo Huet deixou o cargo e partiu de volta para seu país. Com o passar de 100 anos com os sinais banidos, os surdos passaram a desistir de seguir estudos. Diminuiu o número de surdos nas escolas porque não conseguiam compreender e oralizar. Depois de 100 anos, surgiram associações de surdos, encontros de surdos e outras instituições que protegiam os sinais. Assim, começaram a manifestar contra o banimento dos sinais, os surdos reuniram e fizeram movimentos para lutar pelos seus direitos.

No Brasil a Lei 10.346/2002 foi oficialmente a língua de sinais como língua, passou a se chamar Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Com a lei, assegurou o trabalho do INES, passou a ter crescimentos nos números de alunos surdos e também outras instituições surgiram. O INES desenvolveu diversos materiais em Libras, publicou os materiais para todas as instituições do Brasil. Pois antes não havia professores adequados para o ensino para surdos. E também nos interiores do Brasil, não existia acesso à Libras para alunos surdos. No Brasil, a maioria dos pais dos surdos são pais ouvintes. Por isso não há acesso Libras na primeira infância. O INES é uma referência para todas as instituições do Brasil.

O MEC passou a reconhecer o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como centro de referência nacional na área da surdez, também na formulação de políticas públicas e para apoiar a sua implementação pelas esferas subnacionais de Governo. Como instituto de educação, atende estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, além de apoiar a pesquisa de novas metodologias para serem aplicadas no ensino da pessoa surda e atender a comunidade e os alunos nas áreas de fonoaudiologia, psicologia e assistência social. O Instituto ainda ajuda a inserir o surdo no mercado de trabalho por meio de ensino profissionalizante e estágios.

Conforme esclarece o website do INES, pesquisas desenvolvidas por profissionais do INES ou sob sua orientação contribuem também para a construção e distribuição de instrumentos técnicos e materiais pedagógicos e fonoaudiológicos em várias mídias, para a difusão do conhecimento relacionado à educação de surdos: Dicionário de Libras, literatura infantil em



Libras, Música Popular Brasileira em Libras (DVDs) e os periódicos científicos são alguns exemplos. O INES desenvolve com instituições educacionais diversas pesquisas, no ensino superior, com pedagogia bilíngue, com cursos de especialização e mestrados. Graças a esse trabalho do INES, existem muitos surdos que são professores, diretores surdos, atuando com o uso da Libras.

A comunidade surda tem muita gratidão e reconhece a contribuição do INES para o desenvolvimento acadêmico da pessoa surda e para a afirmação da identidade surda.

A segunda narrativa utilizada nesta tese é “João e Maria”. Escolhemos o vídeo “João e Maria”, publicado pela Editora Arara Azul. Essa editora tem um catálogo com muitas narrativas surdas que são reconhecidas pela comunidade surda. Muitas escolas utilizam os vídeos publicados pela Arara Azul, porque apresentam ótima qualidade e também uma versão em português que não é a tradução direta (glosa) da Libras. A Libras é apresentada de forma independente em relação ao português. A narrativa “João e Maria” tem o sinalizador narrando a história, não os próprios personagens. Mas, pode também expressar o papel das personagens, nos diálogos. É possível perceber com a mudança de posição do corpo (*mudança de papel*). Verificamos também que o narrador conta a história usando classificadores, ações construídas, expressão facial, orientação do olhar, posição dos ombros. Portanto nessa narrativa, existem diversas formas de narrar os acontecimentos. Nesse sentido, foi importante escolher também a narrativa “João e Maria”, para mostrar estratégias diferentes na indicação dos referentes.

Apresentamos a seguir, como referência para a análise dos dados, o estudo de Sandler e Lillo-Martin (2006), em relação ao sistema pronominal da Língua de Sinais Americana, comparando com o sistema pronominal em Libras, conforme identificamos nas narrativas escolhidas em nosso estudo.

### 3.2 O sistema pronominal na ASL e em Libras em perspectiva comparada<sup>18</sup>

Nesta seção, apresentamos o estudo de Sandler e Lillo-Martin (2006), em relação ao sistema pronominal da Língua de Sinais Americana. Nosso objetivo é fazer uma comparação

---

<sup>18</sup> A discussão sobre o sistema pronominal na ASL é desenvolvida com base na obra de Sandler e Lillo-Martin (2006). Em alguns momentos, apresentamos exemplos correspondentes em Libras, para estabelecer a comparação com os dados da ASL. Os estudos citados por Sandler e Lillo-Martin (2006), por referência secundária, não foram incluídos nas referências bibliográficas desta tese.

com o sistema pronominal em Libras, considerando ainda a análise da estrutura oracional da Libras, conforme Quadros; Karnopp (2004) e Almeida; Lessa-de-Oliveira (2014). Adotamos também a categoria LOC (Localizador) na marcação do pronome pessoal, conforme propõe Prado; Lessa-de-Oliveira (2012).<sup>19</sup>

No estudo da ASL, Sandler e Lillo-Martin (2006) observam que os sinais pronominais identificam os referentes de forma específica, sem ambiguidade. A Libras também apresenta um sistema de sinais para identificar os referentes sem ambiguidade, conforme verificamos na tradução para Libras (por Telma Andrade).

(1) a. a-GOVERNOR FEEL a-IX(Gov) INTELLIGENT

a-GOVERNADOR PENSAR a-IX(Gov) INTELIGENTE

‘The governor thinks that he is intelligent’ [O governador pensa que ele é inteligente]

Assim, concordamos com as autoras que destacam que as línguas de sinais são diferentes das línguas orais, pois nas línguas de sinais não existe ambiguidade no uso do sistema pronominal, pois o pronome é realizado pela apontação.

No Capítulo 2, apresentamos a análise de Ferreira Brito (1995), que demonstra que a Libras possui um sistema pronominal que distingue a 1a, a 2a e a 3a pessoa. A autora defende, com base em um estudo prévio (cf. Berenz e Ferreira Brito 1990), que os sinais de apontação ou localizadores (LOC) marcam não só um ponto no espaço, mas também a referência, distinguindo a 1a pessoa, pela apontação orientada para o sinalizador, a 2a pessoa, orientada para o interlocutor, com a orientação do olhar voltada para a mesma direção, e a 3a pessoa, que envolve a apontação para localização de referentes presentes e não-presentes. Esse sistema se manifesta pela estratégia ego-oposta, no caso de verbos simples, e ego-alinhada, no caso de verbos de concordância, confirmando o caráter convencional (e não transparente) (cf. Capítulo 2).

A análise de Ferreira Brito (1995) é questionada por Lillo-Martin (1990), em relação à 3a pessoa, pois o referente é identificado em função da situação de fala, e qualquer localização no espaço de sinalização pode ser usada na localização do referente. Nesse sentido, a distinção entre a 2a e a 3a pessoa não parece ser linguisticamente significativa. Segundo Sandler e Lillo-Martin

---

<sup>19</sup> Consideramos que a marcação do pronome pela categoria LOC pode ser considerada como equivalente da marcação proposta no estudo de Ferreira Brito (1995) e de Quadros e Karnopp (2004), que utilizam o índice referencial ‘IX’ para marcar as pessoas do discurso. Agradecemos à Professora Rozana Naves (em comunicação pessoa no evento da defesa da tese) por apontar a necessidade desse esclarecimento.

(2006, p. 372), Meir observa que: "a forma para a 1ª pessoa não varia entre os sinalizadores ou nas situações discursivas, diferentemente das formas de não-1ª pessoa, podendo ser listada no léxico". E acrescenta: "as formas de não-1ª pessoa no plural são composicionais, combinando a configuração de mão e a localização da forma singular com um movimento em arco". Observa também que a 1ª pessoa é ainda usada na situação chamada de 'role play' (jogo de papel), que ocorre quando o sinalizador assume o papel de um personagem na situação de fala.

Neidle *et al.* (2000, p. 31, *apud* Sandler e Lillo-Martin 2006) propõem que locações espaciais expressam traços de pessoa. No entanto, existe a distinção primária entre a 1ª pessoa e a não-1ª pessoa, mas a não-1ª pessoa pode ser ainda subclassificada em muitos valores. Lillo-Martin e Klima (1990, *apud* Sandler e Lillo-Martin 2006) consideram os múltiplos valores das formas de não-1ª pessoa presentes em LS (mas não em LO) incompatíveis com a teorização linguística. No entanto, admitem a oposição entre a 1ª pessoa e a não-1ª pessoa.

Para analisar essa situação, Lillo-Martin; Klima (1990, *apud* Sandler e Lillo-Martin 2006) distinguem duas partes na estrutura dos pronomes: o sinal PRONOME, que aparece como um item do léxico, e o índice referencial, que ocorre com todos os sintagmas nominais (como 'JOÃO/João', 'MARIA/Maria', 'CINDERELA/Cinderela', 'HOMEM/o homem', 'MULHER/a mulher', 'SAPATO CRISTAL/o sapato de cristal') e com sintagmas pronominais (como 'IX.1s/eu', 'IX.2s/você', 'IX.3s/ele', 'IX.3pl/elas'). De acordo com as autoras, o índice referencial permite identificar se a referência é livre ou ligada, conforme estabelece a Teoria da Ligação (cf. Chomsky 1981, Miotto *et al.* 2006).<sup>20</sup> As autoras afirmam que, nas línguas de sinais, os índices referenciais ocorrem sempre fonologicamente expressos (*overtly expressed*), como um efeito da modalidade, mas esse efeito não afeta a representação sintática dos pronomes:

Then, for ASL, unlike for spoken languages, the referential indices can be overtly realized, in the form of distinct locations in signing space. Thus whether coreference or non-coindexing is intended will be clear (...) There is an important effect of modality in sign languages, but not in spoken languages. Note however that this effect has no bearing on syntactic structure (...) the syntactic representations of pronouns and the sentence that contain them is not different. In both modalities, pronouns bear a

---

<sup>20</sup> No caso dos sintagmas nominais, a referência deve ser livre em um certo domínio sintático (a oração); no caso dos pronomes, o referente do pronome deve estar fora de um certo domínio sintático (a oração); no caso dos reflexivos, o referente deve estar dentro de um certo domínio sintático (a oração). Essa restrição será considerada na análise dos dados no que se refere à interpretação dos pronomes.

referential index and are subject to the same constraints (Sandler; Lillo-Martin 2006, p. 378-379).<sup>21</sup>

Segundo Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 379), existem, porém, questões adicionais, como por exemplo: "como essa análise (que distingue o pronome e o índice referencial) se relaciona com a concordância verbal, e como os índices são analisados linguisticamente?" – a complexa questão da análise gramatical dos índices não será aprofundada nesta tese (cf. Sandler e Lillo-Martin 2006, e Prado e Lessa-de-Oliveira 2012).

Antes de passar à análise dos dados, destacamos, seguindo a análise de Sandler e Lillo-Martin (2006), a questão do jogo de papéis - também chamado de 'role switching' (troca de papel) ou 'referential shift' (mudança de referência). Nesse jogo, o sinalizador 'pega o papel' de um personagem no discurso, e introduz um novo 'ponto de vista', pela mudança da posição do corpo e possivelmente de aspectos da expressão facial (não-manual).

This is a process whereby a signer "takes on a role" of a character in discourse (Loew 1984, Kegl 1986, Lentz 1986, Padden 1986, 1990, Lidell 1990a, Lillo-Martin and Lima 1990, Meier 1990, Poulin and Miller 1995). By shifting the body position, and possibly changing aspects of the facial expression, the signer presents another's words, thoughts, or point of view" (Sandler e Lillo-Martin 2005, p. 379).<sup>22</sup>

Citando Mandell (1977), Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 379-380) observam que a mudança de papel pode ser usada também na narrativa descritiva, que não envolve o discurso indireto, pois "o sinalizador pode descrever não somente o que foi feito pela pessoa cujo papel está desempenhando, mas também o que aconteceu com essa pessoa".

---

<sup>21</sup> Então, para a ASL, diferentemente das línguas faladas, os índices referenciais podem ser realizados abertamente ou não, na forma de diferentes localizações no espaço de sinalização. Assim, vai ficar claro se a correferência ou a não-correferência (referência disjunta) é desejada. Existe aqui um importante efeito de modalidade em línguas de sinais, mas não em línguas orais. Note, porém, que esse efeito não afeta a estrutura sintática (...) as representações sintáticas dos pronomes e da sentença que os contém não são diferentes. Em ambas a modalidades, os pronomes apresentam um índice referencial e estão sujeitos às mesmas restrições [tradução pela revisora].

<sup>22</sup> Este é um processo em que o sinalizador "toma um papel" de personagem no discurso (Loew 1984, Kegl 1986, Lentz 1986, Padden 1986, 1990, Lidell 1990a, Lillo-Martin and Lima 1990, Meier 1990, Poulin and Miller 1995, citados por Sandler e Lillo-Martin 2006). Pela mudança na posição do corpo, e possivelmente mudando aspectos da expressão facial, o sinalizador apresenta as palavras, as ideias e o ponto de vista de outro. [tradução da revisora] (Sandler e Lillo-Martin 2006, p. 379)

De fato, em muitos sentidos, a mudança de papel é como um discurso direto em línguas orais, como ilustrado a seguir, com dados da ASL (Sandler e Lillo-Martin, 2006, p. 380) – exemplos semelhantes em Libras serão apresentados na análise dos dados.

ASL (extraído de Lillo-Martin 1995, p. 157)

(2) HUSBAND SAY 'marido fala'

< a.shift>

(a.SHIFT) FINE, YES, TAKE-FILES MEDICINE

'My husband said, "OK, fine, (you) must take your medicine."

[Meu marido disse: “-Ok, bom, você precisa tomar seu remédio.”]

< b.shift>

\_\_\_\_\_ynq

(b.SHIFT) I.PRONOUN WILL BETTER?

'Will I get better?' ['-Eu vou ficar melhor?']

< a.shift>

(a.SHIFT) WILL, WILL

'You will'. ['-Você vai, sim!']

As autoras observam que essa estratégia tem um uso muito mais amplo, pois pode descrever também as ideias de outro ou simplesmente representar a cena de outro ponto de vista. As autoras deixam em aberto a análise sintática da marcação da referência na mudança de papel, fazendo referência a um estudo prévio de Lillo-Martin (1995), que relaciona a mudança de papel/referência com o uso de um pronome logofórico (também encontrado em línguas orais, como Abe, Ewe e Gokana).

Lillo-Martin (1995) proposes that the ASL first-person pronominal form can serve as a logophoric pronoun in addition to its normal use. THus, in logophoric contexts (within the scope of a referential shift), the logophoric pronoun refers to the matrix subject, no tis usual first-person referent [the signer]" (Sandler e Lillo-Martin 2006, p. 384).

De acordo com Sandler e Lillo-Martin (2006), a análise de Lillo-Martin (1995) propõe ainda que a mudança da referência envolve um predicado do tipo 'ponto de vista' (PDV), que tem

como sujeito o termo referenciado (NP) e como complemento a oração que descreve o evento reportado (CP) – qualquer pronome de primeira pessoa na oração complemento é logofórico e correferencial com o sujeito do predicado matriz, através do operador no CP encaixado (C<sub>OP</sub>) (cf. estrutura (3), extraída de Sandler e Lillo-Martin 2006, p. 384, com adaptações).<sup>23</sup>

(3) [ ...[IP NP<sub>i</sub> [I' I [VP [V' V<sub>PDV</sub> [CP C<sub>OPi</sub> [IP PRONOME.LOG<sub>i</sub> VP]]]]]]]]

Nesta tese, identificamos várias ocorrências da mudança de papel/ referência (*role/referential shift*) nas narrativas. Seguindo Sandler e Lillo-Martin (2006), adotamos a hipótese de que, nesse caso, a 1ª pessoa é realizada como um pronome logofórico, condicionado à presença de um tipo de predicado (abstrato) que introduz a mudança de ponto de vista (PDV).

Conforme observam Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 387-388), o uso do locus do sinalizador para uma referência diferente também ocorre com verbos de concordância, pois a concordância verbal utiliza localizadores referenciais. Verbos de concordância concordam com os argumentos que selecionam: assim, “if the verb’s subject or object is first-person logophoric, the verb will be also be marked for first person”. E acrescentam: “what appeared at first to be highly unusual (...) is, on closer observation, not unlike the properties of spoken languages”.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> A análise de Lillo-Martin (1995) em relação à presença do predicado de mudança de ponto de vista e do pronome logofórico na estrutura encaixada apresenta como evidência as estruturas com elipse de VP. As autoras observam que quando a elipse de VP envolve pronomes, tanto a leitura ligada quanto a leitura correferencial são possíveis: se o pronome é interpretado como ligado pelo sujeito da matriz no primeiro bloco da elipse, então será interpretado como ligado por um ligador apropriado no segundo bloco (ou seja, o sujeito do segundo bloco), ocorrendo a leitura sloppy; se o pronome no primeiro bloco da elipse não é ligado é porque o pronome é interpretado como correferencial com o sujeito da matriz (ou seja, tem a mesma referência, mas não é coindexado), e o pronome no segundo bloco da elipse será interpretado como correferencial com o sujeito do primeiro bloco da elipse, ocorrendo a leitura estrita (cf. (i) e (ii)). Assumindo que, na mudança de referência (*reference shift*), o pronome logofórico é ligado por um operador na estrutura do predicado de mudança de ponto de vista, conforme indicado na estrutura citada (cf. (3), acima), na estrutura de elipse de VP, o pronome logofórico é necessariamente interpretado como ‘ligado’ ao sujeito da oração matriz, no primeiro bloco da estrutura de elipse de VP (pela presença do operador); portanto, a previsão é que seja interpretado como ligado ao sujeito da matriz, no segundo bloco da elipse, ocorrendo obrigatoriamente a leitura ‘sloppy’ (cf. (iii) e (iv)) [traduzido de Sandler e Lillo-Martin 2006, p. 387, pela revisora, com adaptações]: (i) a. <sub>a</sub>JOHN THINK <sub>a</sub>PRONOUN HAVE MUMPS, <sub>b</sub>MARY SAME [J. PENSAR <sub>a</sub>PRONOME TER CACHUMBA]; b. Interpretações: (i) John<sub>i</sub> thinks he<sub>i</sub> has the mumps, and Mary thinks Mary<sub>i</sub> has the mumps. [J<sub>i</sub> pensa que ele<sub>i</sub> tem cachumba e M. pensa que M.<sub>i</sub> tem cachumba]/ (ii) John<sub>i</sub> thinks he<sub>i</sub> has the mumps, and Mary<sub>j</sub> thinks John<sub>i</sub> has the mumps. [J<sub>i</sub> pensa que ele<sub>i</sub> tem cachumba e M.<sub>j</sub> pensa que J<sub>i</sub> tem cachumba]/ (iii) <sub>a</sub>JOHN <sub>a</sub>POV <sub>i</sub>PRONOUN THINK <sub>i</sub>PRONOUN HAVE MUMPS, <sub>b</sub>MARY SAME. John’s like, “I think I have the mumps”, and Mary is too.’ [Sobre John é tipo assim, “Eu penso que eu tenho cachumba”; e Mary é também assim]. Interpretação: John<sub>i</sub> thinks he<sub>i</sub> has the mumps, and Mary<sub>j</sub> thinks Mary<sub>j</sub> has the mumps. [J<sub>i</sub> pensa que ele<sub>i</sub> tem cachumba e M.<sub>j</sub> pensa que M.<sub>j</sub> tem cachumba] Não: # John<sub>i</sub> thinks he<sub>i</sub> has the mumps, and Mary<sub>j</sub> thinks he<sub>i</sub> has the mumps. [J<sub>i</sub> pensa que ele<sub>i</sub> tem cachumba e M.<sub>j</sub> pensa que J<sub>i</sub> tem cachumba]. [exemplos traduzidos e adaptados pela revisora]

<sup>24</sup> (...) assim, se o sujeito ou o objeto do verbo é uma 1ª pessoa logofórica, o verbo vai ser também marcado para a primeira pessoa. E acrescentam: o que parecia inicialmente inusitado, sob um olhar mais próximo, não é diferente das propriedades das línguas faladas. [traduzido pela revisora]

Na análise do sistema pronominal, adotamos a teoria da ligação, conforme Chomsky (1986, 1995), que se refere à forma como as expressões nominais são interpretadas na estrutura dos enunciados. De acordo com essa teoria, as expressões nominais são realizadas como sintagmas determinantes (*Determiner Phrases/DPs*). Os DPs são de três tipos (cf. Mioto *et al.* (2013):

(A) Anáforas (reflexivas/ reflexivas recíprocas): são DPs que obtêm sua referência por ligação a um DP na mesma oração – Princípio A:

(4) Maria<sub>i</sub> se<sub>i</sub> viu no espelho

(B) Pronomes (pessoais): são DPs que podem ser livres ou ligados. Se forem referencialmente ligados, devem obter sua referência por ligação a um DP fora da oração em que ocorrem – Princípio B:

(5) Maria<sub>i</sub> chegou em casa, mas ela<sub>i</sub> não tirou o sapado

(C) Expressões-Referenciais: são DPs plenos (com núcleo nominal), que adquirem sua referência por vinculação a um contexto. Tais expressões não podem ser referencialmente ligadas por um antecedente (seja um outro DP pleno, seja um DP pronominal), ou seja, as expressões-R devem ser livres – Princípio C:

(6) Ela<sub>i</sub> / Maria<sub>i</sub> chegou em casa, mas Maria\*<sub>i/j</sub> não tirou o sapato.

Conforme mencionado, consideramos, em nossa análise, os DPs pronominais na posição de sujeito. Dessa forma, não analisamos as anáforas reflexivas e reflexivas recíprocas, pois não ocorrem nessa posição (cf. Ferreira e Salles 2020; Ferreira 2021<sup>25</sup>). Na análise do sistema de pronomes pessoais na posição de sujeito nas narrativas escolhidas, vamos considerar o caso em que o pronome tem referência definida identificada por um antecedente no contexto discursivo (correferência), e é realizado por um Localizador (Loc) articulado, por um sinal de apontação, pronome pleno/ expresso, ou pela orientação do movimento na estrutura do sinal, em oposição à

---

<sup>25</sup> Ferreira e Salles (2020) e Ferreira (2021) apresentam estudos do sistema pronominal na Libras, com ênfase na anáfora reflexiva e na anáfora reflexiva recíproca. Analisando dados da Libras em uso, o estudo de Ferreira (2021) verifica que os pronomes reflexivos e reflexivos recíprocos são realizados por meio de morfemas livres, pela orientação do movimento na estrutura do verbo.

realização nula, quando a posição de sujeito não é associada a uma estratégia de apontação. Consideramos, em alguns casos, o Localizador não-articulado, realizado por meio da direção do olhar (do), giro/ movimento de corpo (mc) ou direção do movimento (dir) para um ponto no espaço de localização, este último também analisado como argumento nulo (cf. Prado e Lessa-de-Oliveira 2012).

No Capítulo 2, analisamos o uso do sistema pronominal em função da tipologia de Meir et al. (2008). Essa tipologia parte do seguinte pressuposto: “a função básica do corpo nas formas verbais em uma língua de sinais é representar o argumento sujeito” (p. 87). O uso do corpo na estrutura do sinal é um padrão de lexicalização, que marca o argumento que realiza a função de sujeito. Nesse sentido, verbos ancorados no corpo usam o corpo para marcar a função de sujeito, na estrutura oracional, e corresponde aos verbos simples. Por exemplo, em Libras, o sinal COMER é feito na boca do sinalizador, marcando o argumento *agente* que desempenha o evento. A realização do sinal é a mesma se o sujeito está na 1ª, na 2ª ou na 3ª pessoa. Nesse caso, o sujeito é realizado por um DP pleno ou por um DP pronominal, realizado por apontação. No entanto, na 1ª pessoa, como o sinal é ancorado no corpo do sinalizador, o sujeito pode ficar nulo – o que confirma a cisão 1ª pessoa *versus* não-1ª pessoa. Na 2ª e na 3ª pessoa, o uso da apontação é obrigatório – a não ser que um fator independente licencie a realização nula, como por exemplo, a correferência a um tópico discursivo (como será demonstrado).

Conforme observamos no Capítulo 2, verbos de concordância, como ENTREGAR, não seguem o padrão básico, pois o uso das mãos codifica a pessoa. Em sua realização, a orientação do movimento da mão na direção do corpo do sinalizador codifica a 1ª pessoa, e a orientação do movimento da mão para posições no espaço de sinalização codifica a 2ª pessoa e a 3ª pessoa, isto é, os referentes que não são a 1ª pessoa. Nesse sentido, a realização do sinal não é a mesma, pois a orientação do movimento muda de acordo com a pessoa do discurso. Além disso, a estratégia de uso das mãos para marcar a pessoa permite marcar o argumento sujeito e o argumento objeto pela orientação do movimento. Dessa forma, o sujeito e o objeto podem ficar nulos em todas as pessoas. No entanto, conforme observa Andrade (2016), no plural, o sistema pronominal utiliza um quantificador – DUAL, TRIAL, QUADRIAL, TODOS, CADA UM(A) –, com o movimento orientado para os referentes. Portanto, a realização nula ou não do sujeito (e do objeto) depende também da categoria de número.



Nesse sentido, verificamos que argumentos nulos ocorrem na estrutura de predicados com verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa, e de predicados com verbos de concordância, na 1ª, na 2ª e na 3ª pessoa (cf. Capítulo 2). Além desses contextos, argumentos nulos ocorrem em enunciados com sujeitos correferenciais e em estruturas de pergunta e resposta, conforme observam Sandler e Lillo-Martin (2006) com exemplos da ASL – exemplos de Libras são apresentados na análise dos dados (seção 2.3). Neste trabalho, investigamos o sistema de pronomes plenos (expressos por apontação/localizadores articulados), em confronto com argumentos nulos, a fim de verificar suas propriedades nas estruturas citadas.

No caso dos verbos de concordância, existem evidências de que o argumento nulo é uma categoria do tipo *pro*, com as mesmas propriedades do pronome expresso, como ocorre no italiano, no espanhol e no português europeu, que apresentam um sistema rico de flexão verbal (cf. Rizzi 1986). Conforme observam Sandler e Lillo-Martin (2006), com dados da ASL, extraídos de Lillo-Martin (1986, p. 424-425), em estruturas de topicalização, enquanto com verbos simples, é obrigatório o uso do pronome resumptivo, com verbos de concordância, pode ser usado o pronome nulo ou expresso.

- (7) a. \_\_\_\_\_ TOP  
<sub>a</sub>MOTHER, <sub>1</sub>PRONOUN DON'T-KNOW 'WHAT' \*(<sub>a</sub>PRONOUN) LIKE  
 'Mother<sub>j</sub>, I don't know what<sub>k</sub> (she<sub>j</sub>) likes t<sub>k</sub> ['Mãe, eu não sei de que ela gosta']
- b. \_\_\_\_\_ TOP  
<sub>a</sub>MOTHER, <sub>b</sub>PRONOUN DON'T-KNOW 'WHAT' (<sub>a</sub>PRONOUN) <sub>a</sub>SEND<sub>1</sub>  
 'Mother<sub>j</sub>, I don't know what<sub>k</sub> (she<sub>j</sub>-) sent me t<sub>k</sub> ['Mãe, eu não sei o que ela me enviou']

A diferença entre verbos simples e de concordância é discutida por Quadros e Karnopp (2004, p. 158), a partir da questão da ordem dos termos na oração. Segundo as autoras, “as sentenças contendo verbos com concordância parecem apresentar mais liberdade na sua ordenação do que aquelas contendo verbos sem concordância”. Considerando que a mudança na ordem como um tipo de topicalização, a sentença em (8a), citada pelas autoras, é gramatical com o verbo com concordância, pois o argumento é marcado pela categoria *pro* na estrutura do predicado. Em (8b), a sentença é agramatical com o verbo simples, pois o argumento topicalizado não é marcado na estrutura do predicado.

(8a) <MARIA<sub>b</sub>>do <João<sub>a</sub> OLHAR<sub>b</sub>>do (OSV)

João olha para a Maria [Lit.: A Maria, o João olha para ela]

b. \*MARIA <JOÃO GOSTAR> (OSV)

João gosta da Maria [Lit.: A Maria, o João gosta dela]

A análise do argumento nulo de verbos com concordância como uma categoria do tipo *pro* pode ser estendida ao argumento nulo em estruturas com verbos simples ancorados no corpo, uma vez que a marcação do ponto de articulação (PA) no corpo do sinalizador coincide com a marcação da 1ª pessoa. Também nos casos de mudança de referente (*referential shift*), o argumento nulo realizado por um pronome logofórico em predicados com verbos com concordância na 1ª, na 2ª e na 3ª pessoa, e com verbos simples ancorados no corpo na 1ª pessoa, é uma categoria do tipo *pro*. Nesse sentido, a marcação do *locus* referencial do argumento pela orientação do movimento do verbo ou pela marcação do ponto de articulação no corpo do sinalizador é analisada como um afixo flexional, que licencia o argumento na posição de especificador do sintagma IP, na estrutura oracional (cf. Capítulo 2).

Nos casos em que o argumento nulo não é associado a um tipo de flexão verbal, cabe indagar quais são as propriedades dessa categoria. Essas diferenças foram analisadas por muitos autores. Sandler e Lillo-Martin (2006) defendem que os argumentos nulos em estruturas com verbos simples devem ser analisados como variáveis licenciadas por tópicos nulos, diante da hipótese de que as línguas de sinais são ‘orientadas para o discurso’. Essa hipótese é baseada análise de Huang (1984) para o chinês. Segundo Huang, o chinês possui uma regra de coindexação que vincula um tópico nulo com um tópico expresso anteriormente. Essa regra prevê que cada sentença possui um tópico sintático, mesmo que seja nulo, conforme indicado no esquema a seguir, adaptado e traduzido de Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 391) – “although the sentential topic is null, it is syntactically present and participates in the syntax”<sup>26</sup>:

(9) [Tópico expresso], Sentença .... [Tópico nulo], Sentença...

---

<sup>26</sup> Embora o tópico sentencial seja nulo, ele está sintaticamente presente e participa da sintaxe [tradução da revisora].

Nessa configuração, a categoria nula na posição de sujeito (ou de objeto) não é considerada um pronome, mas uma variável ligada.<sup>27</sup> No entanto, existem estudos que defendem que o argumento nulo é uma categoria pronominal *pro*, em todas as línguas.<sup>28</sup>

Assumimos que o argumento nulo é uma categoria do tipo *pro*, em Libras, em predicados com verbos com concordância, conforme propõem os estudos prévios citados. Propomos estender essa análise aos verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa. Dessa forma, identificamos no grupo dos verbos simples um tipo de cisão associada ao traço [+participante; +autor] em relação ao licenciamento de *pro* com verbos simples.

Deixamos para pesquisa futura a discussão sobre o licenciamento do argumento nulo nos casos em que o verbo não manifesta afixo flexional. Adotamos provisoriamente a configuração em (9), para descrever a relação referencial do argumento nulo nos dados desse tipo.

Com esses pressupostos, passamos a analisar o sistema pronominal nas narrativas “Cinderela Surda” e “João e Maria”, buscando identificar a relação entre o uso da categoria pronominal expressa e da categoria pronominal nula (*pro*) e o tipo de verbo (simples e de concordância).

### 3.3 Estudo do sistema pronominal nas narrativas “Cinderela Surda” e “João e Maria”

Passamos a analisar o sistema pronominal nas narrativas “Cinderela Surda” e “João e Maria” (cf. Apêndice), considerando o DP na posição de sujeito na estrutura do predicado. Na análise, apresentamos o DP sujeito na estrutura do predicado, seguindo (parcialmente) o modelo

---

<sup>27</sup> Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 392-393) apresentam uma síntese da análise de Huang (1984), que propõe a distinção entre a categoria nula analisada como pronome ou como variável. De acordo com Huang (1984, p. 552, *apud* Sandler e Lillo-Martin 2006, p. 392), duas regras determinam o controle da categoria pronome (incluindo-se PRO) por um antecedente (=ligação referencial): (i) Regra da Referência Disjunta (DJR): um pronome deve estar livre em sua categoria de regência [domínio de ligação]; (ii) Regra do Controle Generalizado: coindexar uma categoria pronominal nula com o elemento nominal mais próximo. Na hipótese da orientação para o discurso para o chinês, os argumentos nulos na posição de sujeito e objeto da matriz, ou em posição de objeto encaixado estão ligados pelos tópicos sintáticos e, portanto, violam as regras (i) e (ii). Nesse sentido, não são pronomes, são variáveis ligadas. Somente o elemento nulo na posição de sujeito encaixado correferencial com o sujeito da matriz satisfaz (i) e (ii), sendo portanto, considerado um pronome. A proposta de Huang é questionada por vários autores, que defendem que o argumento nulo em línguas orientadas para o discurso, como o japonês, tem características de pronomes (e não de variáveis) (cf. Saito 1985). As autoras observam que as línguas de sinais são muito relevantes para essa discussão, por serem línguas orientadas para o discurso, e por apresentarem um sistema verbal com afixos de concordância, mas somente alguns com verbos marcam concordância. [texto traduzido e adaptado pela revisora].

<sup>28</sup> De acordo com Miyagawa (2017), em línguas como o italiano e o espanhol, *pro* tem traços *phi* completos, e é licenciado por concordância pelo T/Agr local; em línguas como o chinês, *pro* é defectivo para os traços *phi*, e é licenciado por topicalização para o CP local ou por relação anafórica com T/AGR da oração matriz.

de representação da saturação do predicado de Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) (cf. Capítulo 1). Os dados apresentam estruturas com predicado verbal, bem como estruturas sem um núcleo verbal expresso, com o predicado constituído de um sintagma nominal, adjetival ou preposicional.

A análise considera: I. Sujeito com DP pleno; II. Sujeito com DP pronominal expresso; III. Sujeito com DP pronominal nulo (*pro*) em estruturas com verbos com concordância; IV. Sujeito realizado como um DP pronominal nulo (*pro*) em estruturas com verbos simples (ancorados no corpo), na 1ª pessoa; V. Sujeito realizado por argumento nulo ligado por tópico discursivo (nulo ou expresso); VI. Sujeito realizado por semi-argumento nulo em estruturas com verbos meteorológicos; VII. Sujeito realizado por argumento pronominal nulo com referência ligada por controle de sujeito (PRO). Os dados são numerados a partir do número 1 e identificados, em cada narrativa, pelo número do QRCode e pelo número da sentença, conforme ocorre no QRCode. A referência dos argumentos é identificada índices referenciais subscritos, conforme indicado na convenção de transcrição.

#### I. Sujeito realizado por DP pleno

##### Narrativa 1: Cinderela Surda

- (1) (Cinderela) [IP ... I<sub>Ø</sub>[COP] [AP [DP MADRASTA<sub>z</sub>] BRUTA]] / *pro* 3<sub>Sz</sub>-DESPREZAR-1<sub>Sd</sub> - **QR4/1**
- (2) (Narrador) [IP [IX.Loc.<sub>x</sub> CASTELO<sub>x</sub>] [IP ... Iv [VP [DP REI] DIZER: (...))] - **QR6/1**
- (3) (C) [IP ... Iv [VP [DP Dual.IX IRMÃS] 3<sub>S</sub>-IGNORAR-1<sub>S</sub>]] – **QR4/3**
- (4) (N) [IP ... I<sub>Ø</sub>[COP] [NP [DP REI<sub>a</sub>] IDEIA]] – **QR7/1**
- (5) (N) [IP ... Iv [VP [DP MADRASTA<sub>z</sub>] RECEBER CARTA]] – **QR9/1**
- (6) (N) [IP ... Iv [VP [DP CINDERELA<sub>d</sub>] 3<sub>S</sub>-VER TUDO]] – **QR10/1**



Narrativa 2: João e Maria

(8) [N] [IP IØ[COP] ... [NP [DP MADRASTA<sub>I</sub>] IDEIA]] – **QR4/1**

(9) [N] [IP I<sub>v</sub> ... [VP [LENHADOR<sub>i</sub>] NÃO-GOSTAR PLANO]] – **QR/1**

(10) [N] [IP [DIA-SEGUINTE] [IP I<sub>v</sub>.CL ... [VP [DP M-A-D+ESPOSA<sub>I</sub>] SACUDIR-CORPO.CL DUAS CRIANÇAS]]] – **QR8/1**

(11) [N] [IP IØ[COP] ... [NP [DP DOIS IRMÃOS] COM-FOME]] – **QR11/3**

\_\_\_\_\_ mc.dir

(12) [N] [IP I<sub>v</sub> ... [VP [DP MARIA] CHORAR]]] – **QR13/1**

(13) [N] [IP I<sub>v</sub>.CL ... [CLP [DP JOÃO] CL-CARINHO-LOC.MARIA<sub>K</sub>]] – **QR14/1**

(14) [N] [IP ... I<sub>v</sub> [VP [DP LUA] APARECER IX.LOC]]] – **QR15/1**

QR4	QR5	QR8	QR11	QR13	QR14	QR15
						

II. Sujeito realizado por DP pronominal pleno (/pronomo pessoal expreso)

Narrativa 1: Cinderela Surda

(15) (Irmã) [IP I<sub>v</sub> ... [VP [DP IX.2s] NÃO-TER ROUPA!]] – **QR11/2**

(16)(Fada) [IP IØ[COP] ... [AP [DP IX.2s] TRISTE]] POR QUÊ – **QR14/1**

(17)(Fada) [IP I<sub>v</sub> ... [VP [DP IX.2s] NÃO-PODE ESQUECER / [IP MEIA NOITE [IP I<sub>v</sub> ... [VP [DP IX.2s] 2s-SAIR<sub>x</sub>]]]]<sup>29</sup> – **QR18/1-2**

(18) (Cinderela) [IP IØ[COP] ... [NP [DP IX.1s] PRESSA]] – **IM4/1**

<sup>29</sup> O verbo SAIR é um verbo ‘espacial’. Esse verbo usa o movimento direcional para descrever a trajetória e o argumento locativo (quando está indicado no espaço de sinalização), marcando a concordância locativa. Nesse sentido, o sujeito é marcado pela apontação (LOC), conforme indicado na transcrição do exemplo (17). Agradecemos à Professora Rozana Naves (em comunicação pessoal no evento da defesa da tese) por chamar a atenção para a transcrição desse dado, questionando se verbos de movimento direcional marcam concordância de sujeito. O uso do sujeito pronominal pleno sugere que não existe concordância de sujeito, no entanto, concluímos que é necessário aprofundar a investigação de verbos de movimento.

(19) (Príncipe) [IP Iv ... [VP [DP IX<sub>2s</sub>] PROCURAR.IMP CINDERELA]] – **IM5/1**

<b>QR11</b> 	<b>QR14</b> 	<b>QR18</b> 		
--	--	--	--	--

Narrativa 2: João e Maria

(20) (Narrador) [IP 3pl<sub>j/k</sub>.OUVIR ... [IP Iv [DP IX.3pl<sub>i+1</sub>] CONVERSAR]]] – **QR4/2**

(21)(N) [IP Iv ... [VP [DP IX.DUAL<sub>i/l</sub>] CONVERSAR ]] – **QR6/1**

(22)(M) [IP Iv ... [VP [DP IX.1pl<sub>j/k</sub>] V-A-I MORRER.CL]] – **QR6/3**

(23)(Maria) [IP I<sub>∅</sub>[COP] ... [AP [DP IX.1pl<sub>j/k</sub>] SOZINHOS]]] – **QR7/2**

(24)(Pai) [IP Iv ... [VP [DP IX.DUAL.2pl<sub>j/k</sub>] FICAR-AQUI.CL.IMP]] – **QR10/2**






(25)(P) [IP Iv ... [VP [DP IX.1s<sub>i</sub> /IX.3s<sub>i</sub>] IR ... [IP Iv [VP *pro*<sub>i+1</sub> 1pl.LENHA-CORTAR]]]] –  
**QR10/3**

(26)(P) [IP DEPOIS [IP Iv ... [VP [DP IX.1s<sub>i</sub>] VOLTAR]]] - **QR10/4**

(27)(Maria) - [IP I<sub>∅</sub>[COP] ... [AP [DP IX.1pl<sub>j/k</sub>] PERDIDOS]]] – **QR13/2**

(28)(N) [IP Iv ... [VP [DP IX.DUAL<sub>j/k</sub>] ACORDAR]]] – **QR23/2**

(29)[IP I<sub>∅</sub>[COP] ... [NP [DP IX.DUAL<sub>j/k</sub>] FOME]]] – **QR23/3**

<b>QR4</b> 	<b>QR6</b> 	<b>QR7</b> 	<b>QR10</b> 	<b>QR13</b> 	<b>QR23</b> 
---	---	---	---	--	--

- III. Sujeito realizado por DP pronominal nulo (*pro*) em predicado com verbo de concordância



Narrativa 1: Cinderela Surda

- (30)(Cinderela) 1s-LEMBRAR PAI<sub>x</sub> MAE<sub>y</sub> / [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>x/y</sub>] 3pl<sub>x/y</sub>-AJUDAR-1s]] – **QR3/1-2**
- (31)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>x/y</sub>] 3pl<sub>x/y</sub>-CUIDAR-1s]] – **QR3/3**
- (32) (C) MADRASTA<sub>z</sub> BRUTA / [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>z</sub>] 3s<sub>z</sub>-DESPREZAR++-1s]] – **QR 4/1**
- (33) (C) IX.Dual IRMÃS<sub>l/m</sub> 3pl-IGNORAR-1s / [IP Iv...[VP ROUPA [VP [DP *pro*<sub>l/m</sub>] 3pl<sub>l/m</sub>-JOGAR++-1s.AC]]] – **QR4/3-4**
- (34) (C) [IP Iv...[VP ROUPA [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-MOSTRAR-3s<sub>z</sub> ROUPA]]] – **QR13/1**

QR3	QR4	QR13
		

Narrativa 2: João e Maria

- (35)(N) PÃO 3s<sub>i</sub>.DIVIDIR.CL ... [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>i</sub>] 3s<sub>i</sub>-DAR++-3s<sub>j</sub>/3s<sub>k</sub>]]] – **QR9/3-4**
- (36)(N) ALÍVIO [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>j/k</sub>] 3pl<sub>j/k</sub>-VER-3s<sub>i</sub>]]] – **QR49/1**

QR9	QR49
	

IV. Sujeito com DP pronominal nulo (*pro*) em estruturas com verbos simples (ancorados no corpo), na 1ª pessoa

Narrativa 1: Cinderela Surda

(37)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-LEMBRAR PAI<sub>x</sub> MAE<sub>y</sub> ]] – **QR3/1**

(38)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-LAVAR-∅]]/ [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-PASSAR-∅]] – **QR4/5**

(39)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-SENTIR ... [AP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-TRISTE]]] – **QR5/1**

(40)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-RECOLHER ROUPA]]/ [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-COSTURAR]]/ [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-EXPERIMENTAR ROUPA]]<sup>30</sup> – **QR12/1**

(41)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-NÃO-GOSTAR]] **QR12/2**

(42)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-COSTURAR]]/ [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-CORTAR]]/ [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-EXPERIMENTAR ROUPA]] – **QR12/3**

(43)(Rei) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>a</sub>] 1s-QUERER ... [IP 1s<sub>a</sub>-V-O-V-Ô]]]] – **QR6/3**

(44)(C) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>d</sub>] 1s-TER OUTRO SAPATO]] **IM6/1**

QR3	QR4	QR5	QR6	QR12	
					

<sup>30</sup> NO exemplo 40, os verbos ‘RECOLHER’, ‘COSTURAR’ E ‘EXPERIMENTAR-ROUPA’ são analisados como verbos ancorados no corpo. No caso de ‘RECOLHER’ E ‘COSTURAR’ a ‘mão’ do sinalizador indica a parte do corpo para desempenhar a ação. Nesse sentido, a mão é usada para marcar o ponto de articulação do sinal e também para realizar o sinal. No caso de ‘EXPERIMENTAR-ROUPA’, o ponto de articulação do sinal é o ‘ombro’ e a ‘roupa’ do sinalizador é o objeto (ROUPA), que é realizado junto com o verbo. Agradecemos à Professora Rozana Naves (em comunicação pessoal no evento da defesa da tese) que solicitou esclarecimento sobre essa questão importante. Esperamos continuar o estudo desses casos em pesquisa futura.



Narrativa 2: João e Maria

(45)(Bruxa) [IP Iv ... [VP [DP *pro*<sub>z</sub>] 1<sub>Sz</sub>-PERCEBER ... [IP Iv ... [NP [DP IX.2pl<sub>j/k</sub>].FOME]]] –

**QR31/5**



- V. Sujeito realizado por um argumento nulo ligado referencialmente por um tópico discursivo

Narrativa 1: Cinderela Surda

(46) 1<sub>S</sub>-LEMBRAR PAI<sub>x</sub> MAE<sub>y</sub> ... [TopP e<sub>x/y</sub> ... [IP Iv ... [VP [e.3pl<sub>x/y</sub>] FALECER]]] - **QR3/5**

(47) MADRASTA<sub>z</sub> RECEBER CARTA/ [TopP e<sub>z</sub> ... [IP Iv ... [VP [e.3s<sub>z</sub>] CHAMAR IX.DUAL-FILHAS]]] - **QR9/1-2**

(48) (Príncipe) IX.2s<sub>k</sub> PROCURAR.IMP CINDERELA – **IM21**

(49) (Narrador) SAPATO<sub>s</sub> CRISTAL<sub>s</sub> PERDER/ [TopP e.3s<sub>k</sub> ... [IP Iv ... [VP [e. 3s<sub>k</sub>] -IR.CL<sub>DISTR</sub> CASA<sub>DISTR</sub> ]]] – **QR22/1-2** \_\_\_\_\_ mc

(50) (Narrador) MADRASTA<sub>z</sub> ABRIR-PORTA.CL / [TopP e.3s<sub>z</sub> ... [IP Iv ... [VP [e.3s<sub>k</sub>] CHAMAR-3pl<sub>l/m</sub> DUAS IRMÃS]]] - **QR-23/1**

(51) [TopP e.3s<sub>z</sub> ... [IP Iv ... [VP [e.3s<sub>k</sub>] TENTAR-CALÇAR-SAPATO<sub>AC</sub> PRIMEIRA-IRMÃ<sub>k</sub>]]] – **QR-23/2** \_\_\_\_\_ mc/mb



Narrativa 2: João e Maria

(52) (N) .... MAS MULHER<sub>I</sub> ESPERTA/ [TopP e.3S<sub>I</sub> ... [IP I<sub>V</sub> ... [VP [e.3S<sub>I</sub>] INSISTIR<sub>+++</sub>]]]

(53) [N] – BRUXA<sub>c</sub> AGARRAR JOÃO<sub>j</sub> / [TopP e.3S<sub>c</sub>... [IP I<sub>V</sub> ... [VP [e.3S<sub>c</sub>] JOGAR<sub>x</sub> Ø<sub>j</sub> ]]]/

[TopP e.3S<sub>c</sub> ... [IP I<sub>V</sub> ... [VP [e.3S<sub>c</sub>]. FECHAR-PORTA<sub>x</sub> ]]] – **QR35/1-3**



- VI. Sujeito realizado por categoria semi-argumental nula em estrutura com verbo meteorológico

Narrativa 2: João e Maria

(54)(N) [IP I<sub>V</sub> ... [VP [DP *pro*<sub>EXPL</sub>] JÁ-ESCURECER]] – **QR-24**



- VII. Sujeito realizado por argumento pronominal nulo ligado – controle de sujeito (PRO)

(55) FILHO<sub>b</sub>, [IP I<sub>V</sub> ... [VP [DP IX.2S<sub>b</sub>] PRECISAR ... [IP I<sub>V</sub> ... [VP [DP PRO<sub>b</sub>] CASAR]]]] – **QR6**

(56) [IP I<sub>V</sub> ... [VP [DP IX.1S<sub>a</sub>] QUERER ... [IP I<sub>V</sub> ... [VP [DP PRO<sub>a</sub>] / V-O-V-Ô ]]]] – **QR6**

**QR6**



Narrativa 2: João e Maria

(57) MAS VERDADE [IP IV ... [VP [DP e.3S<sub>c</sub>] QUERER ... [IP IV ... [VP [DP PRO<sub>c</sub>] PREPARAR É  
MENINA ASSAR.CL – QR40/6

**QR40**



Nossos resultados confirmam que a Libras tem um sistema pronominal baseado em localizadores (LOC) ‘articulados’ e ‘não-articulados’ (cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014), além do uso de categorias nulas. Conforme amplamente observado nos estudos prévios, argumentos nulos na estrutura do verbo de concordância são DPs pronominais nulos (*pro*) licenciado por afixos flexionais. Adotando a hipótese do corpo como sujeito, conforme Meir *et al.* (2008), nossa análise avançou no sentido de propor que verbos simples ancorados no corpo licenciam DPs pronominais nulos (*pro*) na 1ª pessoa. Dessa forma, é possível afirmar que a distinção entre verbos de concordância e verbos simples não é suficiente para analisar a distribuição dos pronomes nulos (*pro*) na Libras. Com base em nossos dados, é possível afirmar que os argumentos nulos ocorrem com verbos de concordância na 1ª, na 2ª e na 3ª pessoa (do singular), e com verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa.

Em alguns contextos, verificamos que LOC ‘não-articulados’, realizados por expressões não-manuais, permitem estabelecer a referência, no caso dos argumentos nulos. É o que observamos em (48), repetido em (57), a seguir. O referente é introduzido no discurso por meio do pronome de 2ª pessoa IX.2S<sub>k</sub>, na estrutura do predicado, pela fala do personagem ‘Príncipe’. A seguir, o narrador usa o ‘movimento do corpo’ e retoma o mesmo referente, na 3ª pessoa (a mesma marcação ocorre no dado (51), acima).<sup>31</sup>

(57) (Príncipe) IX.2S<sub>k</sub> PROCURAR CINDERELA – **IM21**  
(...) \_\_\_\_\_ mc

<sup>31</sup> O estudo de Moreira (2007) indica que existe na Libras marcação de pronomes dêiticos e anafóricos, pela mudança na posição de realização do sinal, pelo narrador, indicando a posição do referente. Essa distinção pode ser relacionada ao uso de LOC não articulados, conforme observamos em nossos dados.

(49) (Narrador) SAPATO<sub>s</sub> CRISTAL<sub>s</sub> PERDER/ [TopP e.3Sk ... [IP Iv ... [VP [e. 3Sk] -IR.CL<sub>DISTR</sub> CASA.<sub>DISTR</sub> ]]] – **QR22/1-2**



É interessante comparar a marcação citada em (48/57) com os dados em (52), repetidos em (58), a seguir. Nas orações coordenadas, a referência do sujeito é a mesma, e não identificamos uso de estratégias de marcação não manuais. A categoria nula na posição de sujeito é referencialmente ligada pelo DP ‘BRUXA’, que ocorre como um tópico discursivo.

(58) [N] – BRUXA<sub>c</sub> AGARRAR JOÃO<sub>j</sub> / [TopP e.3Sc... [IP Iv ... [VP [e.3Sc] JOGAR<sub>x</sub> Ø<sub>j</sub> ]]]/  
[TopP e.3Sc ... [IP Iv ... [VP [e.3Sc]. FECHAR-PORTA<sub>x</sub> ]]] – **QR35/1-3**



Em nossos dados, verificamos que o ‘movimento do corpo’ (mc) pode também ser usado para estabelecer a mudança de papel (*role shift*). Dessa forma, o sinalizador assume o papel de um participante do discurso, na 1ª pessoa (cf. (57)), com diferentes referentes. Essa estratégia é uma forma alternativa para o discurso direto e indireto nas línguas orais. Seguindo proposta de Sandler e Lillo-Martin (2006), assumimos que o argumento, nesse caso, é realizado por um pronome logofórico.

### 3.4 Considerações parciais

Neste capítulo, apresentamos o estudo do sistema pronominal em duas narrativas sinalizadas em Libras, considerando a realização dos argumentos na posição de sujeito. Para tanto, analisamos a ocorrência dessa categoria nas sentenças das narrativas escolhidas (cf. Apêndice). Adotando a abordagem da teoria gerativa, conforme Chomsky (1986; 1995), e a teoria da estrutura argumental e da estrutura oracional em Libras, conforme os estudos de Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014), consideramos a distinção entre verbos simples e verbos de concordância, conforme propõem os estudos prévios das LS, adotando também a hipótese do corpo como sujeito, de Meir *et al.* (2008), que permite analisar o sujeito nulo na 1ª pessoa com verbos simples.

Analisamos as sentenças das narrativas escolhidas, fazendo a glosa de todas as sentenças, com a tradução para o português, inserindo o QRCode para verificação (cf. Apêndice). Considerando nosso objetivo de fazer um estudo preliminar, buscamos glosar e descrever, na transcrição, principalmente, as categorias linguísticas usadas na realização dos argumentos, com ênfase nos contextos com DPs pronominais plenos, realizados pelos chamados localizadores (LOC) ‘articulados’ (cf. Almeida e Lessa-de-Oliveira 2014) e os argumentos nulos. Em alguns contextos, identificamos o uso de LOC ‘não-articulado’ para estabelecer a referência, no caso dos argumentos nulos. Em nossa análise, propomos uma análise unificada para os argumentos nulos na posição de sujeito de verbos de concordância na 1ª, na 2ª e na 3ª pessoa (do singular), e de verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa, como categorias pronominais do tipo *pro*, licenciadas por afixos flexionais realizados pela orientação do movimento do sinal (para o ponto de localização do referente). Identificamos também que a referência dos argumentos nulos pode ser estabelecida por meio de ligação a um tópico discursivo. Partindo da hipótese de que a Libras é uma língua orientada para o discurso, assim como outras línguas de sinais (cf. Quadros 1999; Sandler e Lillo-Martin 2006), sugerimos que essa estratégia pode ser analisada em função da presença de uma posição de tópico (TopP) na periferia da estrutura oracional.

## Capítulo 4

### 4. Considerações finais

Nesta tese, estudamos sobre a relação entre as classes de verbos (simples, flexão/concordância e espacial) e as estratégias de referenciação dos argumentos na estrutura oracional. Verificamos que o sistema pronominal na Língua Brasileira de Sinais (Libras) se manifesta em função dos tipos de verbos: verbos simples e verbos de concordância.

Seguindo estudos prévios, assumimos que os verbos de concordância apresentam afixos flexionais, que permitem a realização nula do sujeito e do objeto. Consideramos também a análise de Meir *et al.* (2008) para os verbos simples em que o ponto de articulação é ancorado no corpo do sinalizador, propondo que esse padrão de lexicalização marca a função sintática de sujeito. Nessa abordagem da tipologia de verbos em LS, Meir *et al.* (2008) afirma que a classificação dos verbos deve considerar “não somente o que as mãos fazem, mas o papel que o corpo tem nas diferentes classes verbais”. Nesse sentido, a referência dos argumentos, no discurso (1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa do singular e do plural) e na estrutura oracional, nas posições de sujeito e de objeto, é marcada em função dos tipos de verbo.

O verbo AMAR na Libras é considerado um verbo simples, uma vez que não é possível indicar a referência dos argumentos por meio do movimento das mãos na estrutura do sinal. Essa configuração indica que o verbo AMAR não apresenta flexão na sua estrutura. Dessa forma, a mudança da pessoa é sintática e é marcada pelo uso pronomine, indicado pela apontação. Como o ponto articulação (PA) do sinal é o corpo do sinalizador, na 1ª pessoa, o argumento pode ficar nulo (como ocorre nos verbos com concordância). Portanto, não é necessário o sinalizador usar a apontação na direção do próprio corpo, porque esse referente já é incorporado, pois o PA toca no corpo do falante. Nesse caso, mesmo sendo um verbo simples, a apontação para indicar a primeira pessoa pode ser omitida

Os verbos com concordância podem ser realizados com o sujeito nulo e com o objeto nulo. Assim, com o verbo AVISAR, não é necessário indicar o referente por meio da apontação. Nesse tipo de verbo, há dois parâmetros: o movimento e a orientação, que determinam a referência dos argumentos. O ponto inicial do movimento marca a referência da pessoa do argumento na posição de sujeito e o ponto final do movimento marca a referência da pessoa do argumento na posição do objeto

Estudamos teoria de Meir et al (2008), que inclui a estratégia do uso do corpo, além de propor uma nova abordagem para as classes de verbos. A partir dessa análise, buscamos verificar as estratégias de marcação da referência, considerando em particular a hipótese do uso do corpo na referenciação da 1ª pessoa, pela análise de narrativas em LIBRAS. De acordo com a teoria gerativa, a GU é formada de princípios, que são leis gerais para todas as línguas naturais, e de parâmetros, que é o que uma língua pode ou não exibir e que expressa as diferenças entre as línguas. Assim, a teoria de princípios e parâmetros permite entender por que existem semelhanças e diferenças entre línguas, entanto em inglês, o pronome é obrigatório. Na LIBRAS, a posição de sujeito pode ficar nula, como em português e em italiano, dependendo do tipo de verbo, no caso dos verbos de concordância, e da pessoa do discurso, no caso dos verbos simples ancorados no corpo do sinalizador.

Seguindo a análise de de Lillo-Martin (1995), para a ASL, e de Quadros (1999) para a Libras, analisamos o argumento nulo de verbos de concordância na posição de sujeito como uma categoria pronominal nula (*pro*), licenciada pelo afixo flexional na estrutura do verbo. Assumindo com Meir et al. (2008) que verbos simples ancorados no corpo do sinalizador marcam o argumento sujeito, apresentamos a proposta da tese de que o argumento nulo na 1ª pessoa na estrutura desses verbos é uma categoria pronominal nula (*pro*), licenciada por um afixo flexional, pela orientação do movimento em direção ao corpo do sinalizador. Considerando a hipótese de que as línguas de sinais são orientadas para o discurso (cf. Sandler e Lillo-Martin 2006), mostramos também que, nos demais casos, a referência do argumento nulo é ligada a um tópico discursivo (expresso ou nulo).

Em relação à realização do pronome, adotamos a análise de Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) para a saturação de predicados por Localizadores (os Locs), que podem ser articulados ou não-articulados. O Loc articulado é realizado por meio de um sinal de apontação; se não-articulado, este se realiza pela direção do olhar, giro de corpo ou direção do movimento para o ponto Localizador (p. 283). Verificamos que os Locs não-articulados, como o movimento do corpo (mc), marcam a mudança de referente (*reference shift*) no espaço de sinalização na Libras. Dessa forma, a Libras apresenta uma estratégia para indicar a mudança da referência, também encontrada na ASL e em outras línguas de sinais, conforme Sandler e Lillo-Martin (2006). Dessa forma, o movimento do corpo para marcar a mudança do referente corresponde ao uso do discurso indireto nas línguas orais, e seu uso pode ser considerado efeito da modalidade.

Considerando as questões de pesquisa, demonstramos que as anáforas pronominais na Libras são realizadas pela apontação (Loc articulado), ou pela categoria pronominal nula (Loc

não articulado), conforme indicado em estudos prévios. Demonstramos que as estratégias de referência anafórica dos argumentos na posição de sujeito estão relacionadas com as classes verbais, pois a categoria pronominal nula (LOC não articulado) ocorre com verbos de concordância, na 1ª, na 2ª e na 3ª pessoa e com verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa, confirmando estudos prévios em relação às classes verbais. Demonstramos que, em outros contextos, é usada a categoria pronominal plena (Loc articulado) ou ainda a categoria nula ligada por um tópico discursivo. Identificamos também o caso da anáfora pronominal (PRO) ligada sintaticamente ao sujeito da oração matriz/ principal, em predicados com auxiliar volitivo e em estruturas de subordinação adverbial, ou ao objeto, em estruturas com auxiliares causativos/perceptivos. Finalmente verificamos que o uso do sujeito nulo com verbos simples ancorados no corpo, na 1ª pessoa, confirma que existe uma restrição associada ao traço de animacidade. Deixamos para pesquisa futura a discussão sobre o papel da animacidade na distribuição da categoria pronominal nula (*pro*) nas línguas de sinais, em particular na Libras.



## APÊNDICE

### Narrativa 1

#### Cinderela surda



##### QR1



1. (Narrador) - MUITO-TEMPO TER PAI<sub>x</sub>, MAE<sub>y</sub> FILHA ‘NOME SINAL’  
CINDERELA<sub>d</sub> (...)

Muitos anos atrás existia um casal que tinha uma filha com o sinal “CINDERELA”?

##### QR2



1. (Cinderela) MEU NOME C-I-N-D-E-R-E-L-A

2. MEU SINAL [...]

Meu nome é Cinderela. Meu sinal é [...]

##### QR3



1. 1s-SAUDADE-∅ 1s-LEMBRAR PAI<sub>x</sub> MAE<sub>y</sub>
2. 3pl<sub>x/y</sub>-AJUDAR-1s
3. 3pl<sub>x/y</sub>-CUIDAR-1s
4. 3pl<sub>x/y</sub>.BRINCAR.∅
5. 3pl<sub>x/y</sub>-FALECER

Eu sinto saudade. Eu me lembro dos meus pais. Eles me ajudavam, cuidavam de mim e brincavam comigo. Mas já faleceram.

#### QR4



1. MADRASTA<sub>z</sub> BRUTA / 3s<sub>z</sub>-DESPREZAR<sub>++</sub>-1s
2. 3s<sub>z</sub>-MANDAR<sub>++</sub> / 1s-LIMPAR
3. IX.Dual IRMÃS<sub>i+m</sub> 3pl-IGNORAR-1s
4. ROUPA 3pl-JOGAR.AC<sub>++</sub>-1s
5. 1s-LAVAR-∅ / 1s-PASSAR-∅

“-A madrasta é muito bruta, me despreza sempre, me manda fazer a limpeza. E as duas irmãs me ignoram e jogam roupas para eu lavar e passar.”

#### QR5



1. 1s-SENTIR / 1s-TRISTE
2. 1s-QUERER LIBERDADE / 1s-SAIR
3. 1s-PROCURAR AMOR
4. 1s-VIVER JUNTO-∅<sub>i</sub>

“- Eu me sinto triste, quero liberdade para sair, procurar um amor para vivermos juntos.”

## QR6



1. Narrador: - IX.Loc.x CASTELO<sub>x</sub> REI<sub>a</sub> DIZER:
2. – FILHO<sub>b</sub>, IX<sub>2s</sub> PRECISAR / e.2s<sub>b</sub>-CASAR
3. 1s<sub>a</sub>-QUERER / e.1s<sub>a</sub>-V-O-V-Ô

Lá no castelo, o rei disse ao filho: “- Você precisa casar e eu quero ser vovô!”

## QR7



1. Narrador: REI<sub>a</sub> IDEIA /3s<sub>a</sub>-CHAMAR EMPREGADO:
2. IX<sub>2s</sub> PRECISAR / 2s-PROCURAR MULHER
3. 2s-CHAMAR+++ FESTA NOITE BAILE

“O rei teve uma ideia. Chamou um empregado. Você precisa procurar e chamar as mulheres de todo reino para a festa, para o baile, à noite.”

## QR8



1. Narrador: EMPREGADO<sub>k</sub> CARTAS ENTREGAR<sub>x+++</sub> CASA<sub>x+++</sub>
2. 3s<sub>k</sub>-CONVIDAR-3pl<sub>GEN</sub> / 3pl<sub>GEN</sub>-IR<sub>x</sub> BAILE<sub>x</sub>

O empregado entregou as cartas para todas as casas, convidando para irem ao baile.

## QR9



1. [Narrador]: MADRASTA<sub>z</sub> RECEBER CARTA
2. [N] 3<sub>s</sub><sub>z</sub>-CHAMAR IX.DUAL-FILHAS
3. [Madrasta] MULHER TODAS QUALQUER CONVITE TODAS FESTA-BAILE<sub>AC</sub>

A madrasta recebeu a carta e chamou as duas filhas: todas mulheres têm um convite para o baile.

## QR10



Narrador:

\_\_\_\_\_ <sub>mc</sub>

1. CINDERELA 3<sub>s</sub>.VER +++

\_\_\_\_\_ <sub>mo</sub>

2. - IX.1<sub>s</sub>-QUERER+++<sup>ef</sup>

A Cinderela disse: “- Eu quero ir também!”

## QR11



1. (Madrasta) – IX.2<sub>s</sub> NÃO-TER ROUPA  
- Você não tem roupas.
2. (Cinderela) – 1<sub>s</sub>-PROCURAR ROUPA

Eu vou procurar uma roupa

## QR12



(Cinderela)

1. 1s-RECOLHER ROUPA 1s-COSTURAR 1s-EXPERIMENTAR ROUPA  
\_\_\_\_\_ Neg/mc
2. 1s-NÃO-GOSTAR
3. 1s-COSTURAR, 1s-CORTAR, 1s-EXPERIMENTAR ROUPA  
\_\_\_\_\_ Neg/mc
4. ROUPA FEIA
5. 1s-ARRUMAR, 1s-CORTAR, 1s-COSTURAR, 1s-EXPERIMENTAR ROUPA.

\_\_\_\_\_ afirm.mc  
1s-ROUPA BONIT@

Eu vou recolher roupa, vou costurar, experimentar a roupa. Se não gostar...

Eu vou costurar de novo, cortar, experimentar. Se não gostar, se ficar feia...

Eu vou arrumar de novo, cortar, costurar, experimentar. Até gostar, ficar bonita.

## QR13



1. ROUPA 1s-MOSTRAR-3s<sub>Z</sub> ROUPA
2. IX.DUAL IRMÃS RASGAR-ROUPA.AC

Eu fui mostrar a roupa. Mas minhas irmãs rasgaram a roupa.

## QR14



\_\_\_\_\_ qu

1. (Fada) **IX.2s** TRISTE POR QUÊ

‘Por que você está triste?’

## QR15



1. (Cinderela) –**1s**-PRECISAR VESTIDO BONITO **1s**-IR BAILE

‘Eu preciso de um vestido bonito para ir ao baile’.

## IMAGEM1a/b/c



1. (Fada) **1s**-APONTAR-VARA ABOBORA \_\_\_\_\_**IMAGEM MÁGICA** CARRUAGEM  
RATO \_\_\_\_\_**IMAGEM MÁGICA** CAVALO/ RATO \_\_\_\_\_**IMAGEM MÁGICA** HOMEM-COCHEIRO

Eu aponto a vara para abóbora \_\_\_\_\_**MÁGICA** uma carruagem; para o rato \_\_\_\_\_**MÁGICA** um cavalo; e outro rato \_\_\_\_\_**MÁGICA** um homem.

## IMAGEM 2



1. (Fada) AGORA 1s-APONTAR-VARA<sub>AC</sub> IX.2p \_\_\_\_\_ IMAGEM MÁGICA VESTIDO BRILHANTE  
SAPATO DE CRISTAL CABELO ARRUMADO.

Agora, vou transformar você. [Imagem]

## QR18



1. (Fada) IX<sub>2s</sub> NÃO-PODE ESQUECER / MEIA NOITE 2s-SAIR.
2. \_\_\_\_\_ ENM  
ROUPA DESAPARECER<sub>CL</sub>/ TODAS-AS-PESSOAS-REINO<sub>CL</sub> VER-2s/2s-FEI@.
3. -BOA SORTE! 2p-IR<sub>IMP.X</sub> CARRUAGEM<sub>CL.X</sub>

“Você não pode esquecer! À meia noite você precisa sair, pois a roupa vai desaparecer e todas as pessoas vão ver você feia. Boa sorte! Vai para a carruagem!”

## IMAGEM 3



IMAGEM 4



1. (Cinderela)  $IX_{1s}$  PRESSA

QR21



IMAGEM 5



1.  $IX_{2s}$  PROCURAR<sub>IMP</sub> CINDERELA  
‘Você vai procurar a Cinderela!’

QR22



1. (Narrador) SAPATO<sub>s</sub> CRISTAL<sub>s</sub> PERDER  
\_\_\_\_\_mc \_\_\_\_\_neg
2.  $3S_k$ -IR<sub>CL.DISTR</sub> CASA<sub>DISTR</sub> /  $3S$ -ENCONTRAR- $\emptyset_s$
3.  $3S_k$ -IR<sub>X</sub> CASA<sub>X</sub> MADRASTA

“O sapato de cristal se perdeu. Ele foi a todas as casas e não o encontrou. Então foi na casa da madrasta.”



## QR23



1. (Narrador) MADRASTA<sub>z</sub> ABRIR-PORTA<sub>CL</sub> / 3S<sub>z</sub>.CHAMAR-3pl<sub>i/m</sub> DUAS IRMÃS.
2. \_\_\_\_\_ mc/mb  
3S<sub>k</sub>-TENTAR-CALÇAR-SAPATO<sub>AC</sub> PRIMEIRA IRMÃ<sub>k</sub>
3. \_\_\_\_\_ mc.neg  
3S<sub>k</sub>-CALÇAR-SAPATO<sub>AC</sub>
4. SAPATO-QUASE-SOLTAR<sub>AC</sub>
5. \_\_\_\_\_ mc/mb  
3S<sub>k</sub>-TENTAR-CALÇAR-SAPATO<sub>AC</sub>
6. \_\_\_\_\_ mc.neg  
SEGUNDA IRMÃ CALÇAR-SAPATO<sub>AC</sub>
7. SAPATO-QUASE-SOLTAR<sub>AC</sub>

“A madrasta atendeu e chamou as duas irmãs. O empregado tentou colocar o sapato em uma das irmãs, mas não serviu, e o sapato quase caiu. Na outra irmã também o sapato não serviu. Quase caiu.”

## Q24



1. (Narrador) 3S<sub>k</sub>-OUVIR CINDERELA GRITAR BATER-PORTA.
2. 3S<sub>k</sub>-IR<sub>x</sub> CINDERELA<sub>x</sub>.
3. \_\_\_\_\_ ENM  
MADRASTA<sub>z</sub> RAIVA
4. 3S<sub>k</sub>-IR 3S<sub>z</sub>.-PÉ 3S<sub>k</sub>-CAIR<sub>CL</sub> SAPATO QUEBRAR<sub>CLASS</sub>

“O empregado ouviu gritos e barulho na porta e foi lá onde Cinderela estava presa. A madrasta ficou com muita raiva e colocou o pé na frente e ele caiu, e o sapato quebrou.”

## IMAGEM 6



1. (Cinderela) 2Sk-CALMA.IMP 1S-TER OUTRO SAPATO.

“Calma, tenho outro sapato de cristal!”

## QR26



- (N) 3Sk-CALÇAR-SAPATO-CRISTAL.AC

(Empregado) PERFEITO<sub>AC</sub>!

O empregado calçou o sapato de cristal. “-Ficou perfeito!”

## IMAGEM 7



1. (Narrador) PRÍNCIPE, CINDERELA CASAR!

“O príncipe e Cinderela se casaram!”

## Narrativa 2

### João e Maria

#### QR1



1. [N] – MUITO -TEMPO - ATRÁS **LOC1. LOC2** CASA PEQUENA**CL.X**
2. – DENTRO<sub>x</sub> TER UM LENHADOR<sub>i</sub> / **3s<sub>i</sub>**. VIÚVO.
3. – **3s<sub>i</sub>**. TER DOIS FILHOS, J-O-Ã-O (J), M-A-R-I-A (M).
4. - TAMBÉM DENTRO<sub>x</sub> JUNTO CASAMENTO-ESPOSA-2<sup>a</sup>.

Há muito tempo, numa floresta, em um lugar, tinha casa pequenininha. Lá morava um lenhador viúvo, ele tinha dois filhos J-O-A-O (J) e M-A-R-I-A (B no rosto) e também morava junto sua segunda esposa.

#### QR2



1. [N] – **IX.Loc** TEMPO FAMILIA POBRE  
       \_\_\_\_\_ Neg                    \_\_\_\_\_ Neg
2. NÃO-TER COMIDA.CL NADA.
3. - TUDO VAZIO  
       \_\_\_\_\_ mb/Neg

Nesse tempo a família era muito pobre, dentro não tinham comida, nada, era tudo vazio.

## QR3



\_\_\_\_\_mb  
1. (N) - NOITE P-A-I<sub>i</sub> DESESPERADO.CL

\_\_\_\_\_mb  
2. (N) 3s<sub>i</sub>.SEM GRAÇA.CL

\_\_\_\_\_mb  
3. (P) - COMO+++?

4. (N) - 3s<sub>i</sub>.CONVERSOU ESPOSA.

\_\_\_\_\_mb  
5. (P) COMO+++ 1s<sub>i</sub>.FAZER?

Numa noite, o pai ficou desesperado e sem saber como fazer. Conversou com a esposa e perguntou: como eu faço, como, como?!

## QR4



1. (N) - MADRASTA<sub>i</sub> PENSAR-IDEIA

\_\_\_\_\_mc  
2. (Madrasta) - 3s.DÁ-RESOLVER

\_\_\_\_\_mc  
3. (M) - 3s.DÁ JEITO

4. (M) - J<sub>i</sub>, M<sub>k</sub> IX.DUAL<sub>j/k</sub> PÃO 1pl<sub>i</sub>-DAR-DIVIDIR-3pl<sub>j/k</sub>

5. - 1pl<sub>i</sub>.ABANDONAR<sub>x</sub> IX.DUAL<sub>j/k</sub> MATO<sub>x</sub>

A madrasta teve uma ideia.

- Dá para resolver.

- Tem jeito. João e Maria, para eles, vamos dar, dividir um pão e abandonar eles no mato.

## QR5



1. (N) LENHADOR<sub>i</sub> NÃO GOSTAR PLANO
2. (N) MULHER<sub>i</sub> MALVADA
3. (N) MAS MULHER<sub>i</sub> ESPERTA
4. \_\_\_\_\_ ef  
(N) 3s<sub>i</sub>.INSISTIR+++.
5. (MADRASTA) – 3s<sub>i</sub>.DÁ-RESOLVER \_\_\_\_\_ mc
6. (M) – 3pl<sub>j/k</sub>.VIVER

Lenhador não gostou do plano da mulher malvada. Mas a mulher esperta insistiu muito. Ela disse: - Dá para resolver! Vão sobreviver!

## QR6



1. (N) CL-QUARTO DUAS CRIANÇAS<sub>j/k</sub> \_\_\_\_\_ do  
ATRÁS-PORTA.CL  
3pl<sub>j/k</sub>.OUVIR / IX.DUAL<sub>i/l</sub> CONVERSAR
2. (N) MARIA<sub>k</sub> CHORAR

Do lado, no quarto, as duas crianças, atrás da porta, ouviram eles conversarem. Maria começou a chorar.

## QR7



1. (Maria) – \_\_\_\_\_ ef  
JOÃO, AGORA?!
2. (M) – IX.1pl<sub>j/k</sub> SOZINHOS.
3. (M) – \_\_\_\_\_ ef  
IX1pl<sub>j/k</sub> V-A-I MORRER.CL

-João e agora?! Nós estamos sozinhos, nós vamos morrer no mato.

## QR8



1. (N) - DIA-SEGUINTE M-A-E+2<sup>a</sup><sub>1</sub> SACUDIR-CORPO.CL DUAS CRIANÇAS

No dia seguinte, a madrasta sacudiu as duas crianças

## QR9



1. [N] - P-A-I<sub>i</sub> FALAR-2pl:
2. [PAI] - 1pl.i/j/k.IR.IMP<sub>x</sub> LENHA-CORTAR MATO<sub>x++</sub>.
3. (N) PÃO 3s<sub>i</sub>.DIVIDIR.CL.
4. (N) – 3s<sub>i</sub>-DAR<sub>++</sub>-3s<sub>j</sub>/<sub>-3s<sub>k</sub></sub>

"Vamos cortar lenha na mata. Estes pedaços de pão são para vocês", disse o pai.

## QR10



1. (N) - 3pl<sub>i/j/k</sub>.CHEGAR FLORESTA / P-A-I<sub>i</sub> FALAR:
2. (PAI) – IX.DUAL.2pl<sub>j/k</sub> FICAR-AQUI.CL.IMP
3. – IX.1s<sub>i</sub> IX.3s<sub>i</sub> IR / 1pl<sub>i+</sub>.LENHA-CORTAR
4. - DEPOIS IX1s<sub>i</sub> VOLTAR
5. – 1s<sub>i</sub>.PEGAR IX<sub>2PLj+k</sub>

Quando chegaram, na floresta, o pai falou:

“– Vocês fiquem aqui, eu e ela vamos cortar lenha. Depois (eu) volto buscar vocês.

## QR11



- \_\_\_\_\_ ef
1. (N) 3pl<sub>j+k</sub>.ESPERAR+++
- \_\_\_\_\_ ef
2. DEMORAR TEMPO-PASSAR
3. DOIS IRMÃOS COM-FOME
- \_\_\_\_\_ mb
4. 3pl<sub>j+k</sub>.COMER-COMER PÃO COMER.CL
- \_\_\_\_\_ ef
5. 3pl<sub>j+k</sub>.CANSADOS
6. 3pl<sub>j+k</sub>.DORMIR.CL

Eles ficaram esperando, o tempo demorou a passar. Os dois irmãos ficaram com fome e comeram o pão, comeram tudo, e se sentiram cansados e adormeceram.

## QR12



1. (N) – IX.3pl.DUAL<sub>j+k</sub> \_\_\_\_\_ Neg
2. - P-A-I MADRASTA NADA.CL-NADA \_\_\_\_\_ mc/Neg

Eles dois acordaram. Ainda nada do pai e da madrasta, nada, nada.

## QR13



1. (N) - MARIA CHORAR.CL \_\_\_\_\_ mc
2. (M) – IX.1pl<sub>j+k</sub> PERDIDOS \_\_\_\_\_ ef
3. NUNCA-MAIS 1pl<sub>j+k</sub>.ENCONTRAR CASA CAMINHO.CL \_\_\_\_\_ ef

Maria começa chorar. Nós estamos perdidos nunca mais encontraremos o caminho de casa.

## QR14



1. (N) JOÃO CARINHO.CL<sub>x</sub> MARIA<sub>x</sub>
2. (J) – 2s<sub>k</sub>.ESPERAR.IMP
3. – 2s<sub>k</sub>.CALMA
4. QUANDO APARECER<sub>x</sub> LUA IX.<sub>x</sub>
5. 1pl<sub>j+k</sub>.ENCONTRAR CAMINHO CASA

João consola Maria. – Espera, calma, quando aparecer a Lua lá no céu, nós encontramos o caminho da casa.





2. (M) – COMO IX.1pl-PODER SALVAR?

\_\_\_\_\_ mb

3. (M) – COMO+++!?!

Maria ficou desesperada. “– Como nós poderemos nos salvar?!”

### QR18



1. (João) – 2Sk.CALMA.CL

\_\_\_\_\_ mb

2. – 1s.DAR – J-E-I-T-O

3. – 2Sk.V-A-I – VER

João disse: – Calma, eu vou dar um jeito, você vai ver.

### QR19



\_\_\_\_\_ ef

1. (N) MANHÃ MADRUGADA MADRASTA SACUDIR-CORPO.CL

2. [MADR] – 1pl.IR.IMP<sub>x</sub> MATA-MATA<sub>x</sub> DE-NOVO

Na manhã, de madrugada, a madraستا sacudiu as crianças e disse: – Vamos para o mato de novo.

### QR20



1. (N) – JOÃO IR.CL

2. – 3sj.JOGAR.CL<sub>x</sub> PÃO CAMINHO.CL<sub>x</sub>

João foi andando e jogando o pão no caminho.

## QR21



1. (N) DEPOIS 3pl<sub>j/k</sub>.ANDAR<sub>x+++</sub> LUGAR.LOC<sub>x</sub>
2. P-A-I MADRASTA DEIXAR IX.3pl<sub>j/k</sub> MESMA DESCULPA ANTES

Depois eles andaram até um lugar. O pai e a madrasta deixaram os dois, com a mesma desculpa de antes.

## QR22



1. (N) - DOIS IRMÃOS<sub>j/k</sub> ANDAR<sub>+++</sub>.  
\_\_\_\_\_ ef
2. 3pl<sub>j/k</sub>.SENTIR CANSADOS
3. PERTO.ÁRVORE 3pl<sub>j/k</sub>.DORMIR

Os dois irmãos foram andando, se sentiram cansados e adormeceram debaixo da árvore.

## QR23



1. (N) - PÁSSARO BRANCO SENTAR-GALHO PIAR  
\_\_\_\_\_ mb
2. IX.DUAL<sub>j/k</sub> \_\_\_\_\_ md
3. IX.DUAL<sub>j/k</sub> COM-FOME.
4. IX.LOC.x \_\_\_\_\_ do  
PÁSSARO-VOAR<sub>x</sub>
5. IX.DUAL<sub>j/k</sub> SEGUIR PÁSSARO-VOAR.

O pássaro branco começou piar na árvore, e os dois acordaram. Eles sentiram muita fome e seguiram o voo do pássaro.

(...)

## QR24



1. (N) \_\_\_\_\_ ef  
JÁ-ESCURECER.
2. **IX.DUAL**<sub>j/k</sub> VER PÁSSARO SENTAR<sub>x</sub> CASA BONITA L-I-N-D-A<sub>x</sub> ef

Já escurecendo, os dois viram pássaro pousando na casa linda.

## QR25



1. (N) - **IX.DUAL**<sub>j/k</sub> ANDAR REDOR-CURIOSOS ADMIRADOS \_\_\_\_\_ mo
  2. CASA BOLO.CL LARANJA TELHADO CHOCOLATE JANELA CRISTAL-AÇUCAR
- Eles foram andando ao redor curiosas admiraram na casinha com bolo de laranja, telhado de barras de chocolate e as janelas com cristais de açúcar.

## QR26



1. (João) – **1pl.CONSEGUIR 1pl.SALVAR!**
2. (N) – **3s<sub>j</sub>.MORDER -TELHADO.CL**
3. (M) – **3s<sub>k</sub>.PEGAR-COMER.CL 3s<sub>k</sub>.RIR**

“-Conseguimos nos salvar!” João foi mordendo pedaços de telhado, enquanto Maria enchia a boca de bolo, rindo.

## QR27



1. – 3pl<sub>j/k</sub>.DESCOBRIR
2. – 3pl<sub>j/k</sub>.OUVIR
3. – 3pl<sub>j/k</sub>.VER VOZINHA.FINA
4. (Bruxa) - QUEM COMER TELHADO?
5. – QUEM PAREDE ROER.CL?

Crianças ouviram uma vozinha aguda que vinha da casa. “– Quem está comendo o teto, mordendo e roendo as paredes?”

## QR28



1. (N) - CRIANÇAS 3pl<sub>j/k</sub>-RESPONDER-3s  
\_\_\_\_\_mb/ mo
2. (J/M) - É VENTO
3. 3pl<sub>j/k</sub>COMER.CL

Crianças responderam: “– É o vento!” e continuam comendo gulosas.

## QR29



1. (N) - DEMORAR  
\_\_\_\_\_Neg  
\_\_\_\_\_mo
2. – CASA PORTA VELHA ANDAR MULETA.CL

Não demorou. Na porta da casa, a velha veio andando com a muleta.

## QR30



1. (N) JOÃO, MARIA ASSUSTAR
2. VELHA SORRIR BOCA-DESDENTADA.CL

João e Maria se assustaram! A velha sorriu com a boca desdentada.

## QR31



1. [Bruxa] – 2pl<sub>j/k</sub>.CALMA.IMP  
\_\_\_\_\_ Neg
2. – 2pl<sub>j/k</sub>.TER MEDO.IMP
3. 1s-PERCEBER IX.2pl<sub>j/k</sub>FOME  
\_\_\_\_\_mb
4. QUASE 2pl.DESTRUIR MINHA CASA  
\_\_\_\_\_ef
5. - MAS 1s-IR /1s-PREPARAR DELICIA REFEIÇÃO IX.2pl<sub>j/k</sub>.Ben

“– Calma, não tenham medo, já percebi que vocês dois estão com fome! Oh Oh ... quase destruíram minha casa. Mas, vou preparar uma deliciosa refeição para vocês.

## QR32



1. [?] JANTAR PERFEITO.
2. [N] - VELHA CONVIDAR 3pl<sub>j/k</sub>DORMIR.
3. - CAMAS MACIAS.CL CHEIROSAS.CL
4. IX.3pl DORMIR FELIZES

O jantar foi perfeito, velha convidou J. M. para dormir em caminhas macias e cheiroso. Eles adormeceram felizes.

## QR33



\_\_\_\_\_ Neg \_\_\_\_\_ Neg

1. (N) CRIANÇAS PERCEBER- PERCEBER/ VELHA<sub>c</sub> É BRUXA
2. - 3<sub>sc</sub>-COMER CRIANÇAS
3. - 3<sub>sc</sub>-ATRAIR IX3<sub>pl</sub>.

As crianças não percebem que a velha é uma bruxa. Ela come crianças, as atrai pela casa de doce.

## QR34



BRUXA:

1. [B] - HE...HE...HE...  
\_\_\_\_\_ Neg
2. - IX3<sub>plj/k</sub> FUGIR HE...HE...HE...  
\_\_\_\_\_ mb
3. - IX3<sub>plj/k</sub> MAGROS
4. - 1<sub>s</sub>-PRECISAR RESOLVER HE...HE...HE...

A bruxa ria he he he. Eles não vão fugir. Os dois estão muito magros! Preciso resolver! He he he

## QR35



1. [N] - BRUXA<sub>c</sub> AGARRAR JOÃO<sub>j</sub>
2. - 3<sub>sc</sub>.JOGAR<sub>x</sub> Ø.3<sub>s</sub><sub>j</sub> Ø<sub>x</sub>
3. - 3<sub>sc</sub>.FECHAR-PORTA<sub>x</sub>
4. - 3<sub>sc</sub>.PRENDER<sub>x</sub> Ø.3<sub>s</sub><sub>j</sub> Ø<sub>x</sub>
5. - 3<sub>sc</sub>.SACUDIR.CL MARIA
6. - 3<sub>sc</sub>.SACUDIR Ø.3<sub>sk</sub> 3<sub>sc</sub>.ACORDAR. Ø.3<sub>sk</sub>

A bruxa agarrou João, jogou ele no porão, fechou a porta, prendeu ele! Depois, sacudiu Maria, sacudiu e acordou ela.

### QR36



1. [B] – 2<sub>sk</sub>.ACORDAR.IMP PREGUIÇOSA
2. – 2<sub>sk</sub>.IR.IMP ÁGUA 2<sub>s</sub>.PEGAR.CL.IMP
3. – 2<sub>sk</sub>.TRAZER.CL.IMP
4. – 2<sub>sk</sub>.ACENDER.IMP FOGO
5. – DEPOIS 2<sub>sk</sub>.PREPARAR.IMP DELÍCIA REFEIÇÃO
6. – IX.3<sub>pj</sub>ENGORDAR

“Acorda, preguiçosa! Vá tirar água no poço, acenda o fogo e prepare uma boa refeição para seu irmão. – Ele tem de engordar!

### QR37



1. (N) - MENINO ESPERTO
2. 3<sub>sj</sub>.SABER BRUXA TER PROBLEMA OLHOS  
\_\_\_\_\_ Neg
3. 3<sub>sc</sub>.ENXERGAR
4. - BRUXA PÔR-MÃO.CL  
\_\_\_\_\_ mc
5. – 3<sub>sj</sub>.SEGURAR.CL É OSSO FRANGO /3<sub>sj</sub>.SEGURAR.Ø
6. - BRUXA PEGAR-DEDO.CL

O menino, esperto, sabendo que as bruxas têm problema para enxergar, em vez de mostrar seu dedo, mostrou um ossinho de frango.



## QR38



1. (N) – BRUXA<sub>c</sub> POXA.INTERJ INTRIGADA  
\_\_\_\_\_ mo
2. (B) - COMO?
3. – IX.3<sub>s<sub>j</sub></sub> JÁ COMER-COMER.CL
4. – 3<sub>s<sub>j</sub></sub>.CONTINUAR MAGRO

A bruxa ficou intrigada... “– Como? Ele já comeu bastante, mas continua magro!”

## QR39



\_\_\_\_\_ ef

1. (N) - BRUXA PERDER PACIÊNCIA
2. (Bruxa) – 2<sub>s<sub>k</sub></sub>.IR.IMP PEGAR ÁGUA FOGO
3. – 2<sub>s<sub>k</sub></sub>.ACENDER.IMP FOGO.
4. – IX.1<sub>s</sub> V-O-U COMER IX.2<sub>s<sub>k</sub></sub> IRMÃO MAGRO GORDO NÃO-IMPORTA.CL

A bruxa perde paciência. “– Vai pegar água e acenda o fogo! Vou comer seu irmão, magro ou gordo. Não importa!”

## QR40



1. (N) - MENINA DESESPERAR
2. – 3<sub>s<sub>k</sub></sub>.COLOCAR.CL ÁGUA
3. – 3<sub>s<sub>k</sub></sub>.ENCHER.CL
4. – 3<sub>s<sub>k</sub></sub>.FERVER.CL
5. – IX.3<sub>s<sub>c</sub></sub> MULHER BRUXA PREPARAR É ASSAR.CL PÃO
6. - MAS VERDADE 3<sub>s<sub>c</sub></sub>.QUERER e.3<sub>s<sub>c</sub></sub>.PREPARAR É MENINA ASSAR.CL

A menina ficou desesperada e encheu a panela com água e acendeu o fogo. A bruxa preparava para assar o pão... na verdade, ela pretendia assar é a menina.

#### QR41



1. (N) - QUANDO FORNO JÁ QUENTE  
\_\_\_\_\_ mc
2. - 3<sub>sc</sub>.CHAMAR MARIA
3. - 2<sub>sk</sub>-IR.IMP VER<sub>x</sub> LA<sub>x</sub> BOM
4. - FORNO.LOC<sub>x</sub>-QUENTE<sub>x</sub>- FRIO<sub>x</sub> BOM 3<sub>sx</sub>.ASSAR PÃO

Quando o forno estava bem quente, a bruxa chamou: “- Maria! Entra ali e veja se a temperatura está boa, se o forno está quente ou frio, bom, para assar o pão.”

#### QR42



1. (N) - \_\_\_\_\_ mb  
MARIA PERCEBER BRUXA MALVADA
2. - MARIA RESPONDER.3<sub>sc</sub>:
3. (M) - BOBA OH..  
\_\_\_\_\_ mc
4. - 1<sub>s</sub>.PASSAR.PORTA.CL \_\_\_\_\_ mc/Neg  
3<sub>s</sub>.NÃO-DÁ  
\_\_\_\_\_ mc/Neg  
- 1<sub>s</sub>.PASSAR.GRADE.CL \_\_\_\_\_ mc/Neg  
3<sub>s</sub>.NÃO-DÁ

Maria percebeu o plano da bruxa e respondeu com cara de boba: “-Acho que não dá para entrar lá... é muito pequeno”.

## QR43



1. (B) - AH. BOBAGEM \_\_\_\_\_ mc  
3s-DÁ-SIM
2. - 2sj. OLHAR.IMP \_\_\_\_\_ mc
3. (N) 3sc.ENFIAR-CABEÇA-FORNO.CL \_\_\_\_\_ mc

“-Que bobagem, Maria. Claro que dá. Olhe para mim!”. E enfiou a cabeça no forno.

## QR44



1. (N) - MARIA CORRER-EMPURRAR.CL \_\_\_\_\_ mc
2. - BRUXA ENFIAR-CABEÇA-CORPO-FORNO.CL
3. - 3sc.FECHAR 3sc.TRANCAR Ø
4. - BRUXA MORRER 3sc.QUEIMAR.CL
5. - 3sc.CONSUMIR.CL

Maria mais que depressa deu-lhe um empurrão, enfiando a bruxa no forno e trancou a portinhola com a trança. E a bruxa morreu queimada em poucos minutos.

## QR45



1. [N] - MARIA CORRER.CL 3sk.LIBERTAR IRMÃO
2. – 3sj.SAIR 3plj/k.ABRAÇAR.REC.
3. - DEPOIS 3plj/kCORRER<sub>x</sub> CASA<sub>x</sub> BRUXA<sub>x</sub>
4. – 3pl.EXPLORAR.+++ / 3pl.TIRAR+++

Maria correu até o porão e libertou o irmão. E se abraçaram. Depois foram explorar a casa da bruxa, tirar coisas.

## QR46



1. (N) - 3plj/k.ENCONTRAR COFRE.CL
2. - 3plj+k.ACHAR O-U-R-O PEDRA PRECIOSA COLAR-PÉROLAS BRINCO-PAR ANEL

E acharam vários cofres cheios de ouro, pedras preciosas, colar de pérolas, par de brincos, anéis.

## QR47



1. (N) – 3plj/kCORRER 3plj/kENCHER-BOLSA.CL
2. - 3plj/k.CORRER 3plj/k.FUGIR<sub>x</sub> FLORESTA<sub>x</sub>

João e Maria encheram as bolsas com tudo que puderam e fugiram dali (casa) rapidamente e foram para floresta.

## QR48



1. (N) - 3pl<sub>j/k</sub>.ANDAR.REC 3pl<sub>j/k</sub>.NÃO-CONHECER CAMINHO
2. 3pl<sub>j+k</sub>.ENCONTRAR PERTO RIO
3. - PASSAR TEMPO IX.3pl<sub>j/k</sub> ANDAR 3pl<sub>j/k</sub>-VER / 3pl<sub>j/k</sub>.CONHECER LUGAR
4. – PASSADO ANTES PAI CORTAR-ÁRVORE<sub>x</sub> LUGAR<sub>x</sub> LENHA

Os dois andaram e não reconheciam o caminho até chegar perto do rio, passou o tempo, eles andaram mais e viram e conheceram o lugar. No passado, o pai cortava lenha naquele lugar.

## QR49



1. (N) - ALÍVIO 3pl<sub>j/k</sub>.-VER-3s<sub>i</sub> 3pl<sub>j/k/i</sub>-ABRAÇAR.REC-
2. TRÊS ABRAÇAR.REC 3pl<sub>j/k/i</sub>.CHORAR EMOÇÃO
3. 3pl<sub>j/k/i</sub>.ENCONTRAR.REC

“-Que alívio!” Eles viram o pai, eles se abraçaram, os três e choraram de alegria porque se encontraram.

## QR50



1. [N] – LENHADOR, DOIS FILHOS
2. - TRÊS RICOS 3pl<sub>k/k/i</sub>.PREOCUPAR NADA /TRÊS SORRIR FELIZ.

O lenhador e seus dois filhos ficaram ricos! Não se preocupam mais com nada! Os três viveram felizes para sempre.

ANEXO



#### 4.1 Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Antonieta.; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. O sinal e a estrutura argumental da língua brasileira de sinais. *Veredas on-line - aemática* - 2014/2 p. 267-289. PPG-Linguística/UFJF– Juiz de Fora (MG) - ISSN: 1982-224, 2014.

ANDRADE, Telma Rosa. *Pronomes pessoais na interlíngua do surdo/a aprendiz de português L2 (escrito)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ANDRADE, Telma Rosa e LIMA-SALLES, Heloisa Maria. Pronomes pessoais na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) escrito. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 49, n. 3, p. 1166-1184, dez. 2020.

CAPOVILLA, Fernando César et al. Novo Deit-Libras. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Vol. I: Sinais de A a H. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009.

CAPOVILLA, Fernando César et al. Novo Deit-Libras. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Vol. II: Sinais de I a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009.

CHOMSKY, Noam. *O Conhecimento da Língua – sua natureza, origem e uso*. Tradução Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, [1986/1994].

CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução Eduardo P. Raposo. Lisboa: Caminho, [1995/1999].

FELIPE, Tanya A. S. *A relação sintático semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1998. 298 pp. mimeo.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro UFRJ, 2010.

FERREIRA, Hely. *A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2021.

FERREIRA, Hely, César; SALLES, Heloisa M. Lima A marcação gramatical da reciprocidade na Língua de Sinais Brasileira. In Rodrigues, Carlos Henrique; Quadros, Ronice M. (orgs.) *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020, p. 63-80

GRUTZMACHER, Marcos; SEDRINS, Adeflson P.; MAGALHÃES, Telma V. A aquisição das apontações pronominais pessoais em Língua Brasileira de Sinais - Libras. *Linguística*, Volume 16 (3), p. 332-351, 2020.

MYIAGAWA, Shigeru *Agreement Beyond Phi*. Cambridge, Mass. MIT Press.

KLIMA, E.; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL. *Estudos da Língua(gem)*, v 17, n. 2, p. 103-122, jun. 2019.

LOURENÇO, Guilherme. Redefinindo o conceito de concordância verbal. In RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice M. (orgs.) *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020, p. 115-137

MEIR, Irit; PADDEN, Carol; ARONOFF, Mark; SANDLER, Wendy. Repensando classes verbais em línguas de sinais: o corpo como sujeito. In: QUADROS, Ronice M.; VASCONCELLOS, B. L. M. *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2008. p. 87-106.

MIOTO, Carlos; LOPES, Ruth V.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2007.



MOREIRA, Renata L. *Uma descrição da dêixis de pessoa na Língua de Sinais Brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PRADO, Lizandra C. *Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição*. Dissertação para obtenção do título de Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. 2014.

PRADO, Lizandra C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. Stella C. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 10, p. 38-57, 2012.

QUADROS, Ronice M. *Educação de Surdos: a Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1997.

\_\_\_\_\_. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, Ronice M.; QUER, Josep. (2010). *A caracterização da concordância nas línguas de sinais*. In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles, Rozana Reigota Naves. (Org.). *Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos*. 1. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, v. 1, p. 33-58.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diana. *Sign Language and Linguistic Universals*. Nova York: Cambridge University Press, 2006.